









A PRIMAVERA

COLLECÇÃO

DE

POEMETOS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

BACHAREL FORMADO EM CANONES PE-  
LA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.



L I S B O A:

NA TYPOGRAFIA DE M. P. DE LACERDA.

ANNO 1822.

A PRIMAVEIRA

COLLECCO

DE

POEMAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DE CASTILHO

REVISADO EM CANOAS PE-

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA.



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DE M. P. DE LACERDA.

ANNO 1883.

*Bothayde*  
*5-Mr-*  
*1923*

---

EPISTOLA  
A  
PRIMAVERA.

---



---

LIST OF

A

PRIMAVERA.

---



---

# DEDICATORIA

A MINHA IRMÃ.

***E**u mandei o meu genio campestre colher algumas flores no meio dos gelos do inverno. Não são bellas, convenho; porém são entretanto as melhores, que esta estação produz no pequeno jardim, que as musas me derão nas raizes do Parnazo. He a ti, minha Irmã, que o meu coração pede imperiosamente que as offereça. Feliz, se quando voltar ao teu lado, tu me disseres abraçando-me: „ Eu amo „ as flores, que tu me enviaste, eu as guar- „ do no meu seio: as flores da primavera me „ agradão menos do que estas, que o teu ge- „ nio campestre colhe no teu jardim no meio „ do inverno. „*



---

DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO.

O inverno de 1821 para 1822 foi um dos mais horriveis, de que existe memoria entre os vivos : os seus effeitos na provincia da Beira, aonde eu então me achava, foram desgraçados. Virão-se arrancados, e despedaçados os bosques, os olivae, e os pomares; as sementeiras perdidas; os campos inundados; as pontes demolidas; e os rios sem margens. Desde 25 de Dezembro até 9 de Janeiro eu passei em uma quinta n'uma pequena aldeia a uma legoa de Coimbra. O rigor da estação, tendo-nos privado dos prazeres mais doces do campo, nos obrigou a aproveitarmos, e fazermos valer os poucos, que nos crão deixados: uma conversação animada, franca, e interessante; a leitura, a poesia, e algumas vezes improvisos de *charadas*,

e adivinhações nos enchião as horas, que passavão sem difficuldade. As noites, e até uma boa porção dos dias, se gastavão n'estes ou semelhantes exercicios em roda de uma grande fogueira, segundo o costume da provincia: algumas tardes em que o sol descobria, e o ar mais sereno nos permittia sair, passavamos ora pelo jardim, aonde havia um soberbo lago, ora pelo pomar, cujos ramos, carregados de fructos, e de flores, recreiavão alternativamente a vista, o olfato, e o paladar. Estas tardes forão bellas; e sem duvida, que o sol no inverno, despregando os seus raios sobre uma natureza quasi nua, e adormecida na tristeza, agrada mais ainda do que na primavera quando se levanta, e apparece no horisonte para nos descobrir nos campos um vasto theatro de flores, e delicias variadas. A longa cadeia dos bellos dias da primavera, ainda que não chega a enfadar-nos, chega comtudo a embotar a delicadeza do nosso paladar moral. Alguns bellos dias de inverno, bellos em relação á sua estação, mas des-

agradáveis em relação aos da primavera , nos tocão muito vivamente ; a massa dos escuros , quanto mais geral e carregada , tanto mais faz sobresahir os claros. Um objecto brilhante , no meio de mil outros objectos brilhantes , escapa facilmente ; ao mesmo tempo que outro que o he menos , fixa toda a nossa attenção , se isoladamente se nos apresenta. Foi esta sem duvida a causa de imprimirem um tal effeito na minha alma estes poucos passeios , feitos em algumas tardes do mais rigoroso inverno. A minha imaginação se povoou de imagens agradáveis , o que n'esta estação raras vezes me acontece ; e quando á noite nos vinhamos assentar em roda da fogueira , estas imagens se arranjavão na minha cabeça por meio da reflexão. A saudade da primavera era a fonte unica , d'onde rebentava este numero infinito de sensações encautadoras. Foi então que me lembrei de escrever uma carta á primavera. Não ignorava que alguns analisadores frios poderiam arguir o meu projecto de ridiculo , e condemnar toda a

obra só pelo titulo ; mas eu paguei adiantado com o riso esta censura , aliás muito judiciosa , e apenas cheguei a Coimbra fiz escrever este pequeno Poema , para o qual me lembrárão ainda muitas das ideias , que no campo me tinhão occupado ; mas um grande numero d'ellas, não menos interessantes , me ficárão nos lugares, entre os objectos, que as tinhão visto , ou talvez antes as tinhão feito nascer.

EPISTOLA  
A' PRIMAVERA.

A noite reina; a natureza he muda !  
Os campos solitarios se entristecem !  
Ouve-se ao longe o estrondo da corrente !  
De quando em quando a lua se descobre  
Por entre as nuvens , que no ceo fluctuão,  
O frio agudo dos sombrios ares  
Os orvalhos gelou , que trouxe o vento ,  
E o campo de alvas perolas semeia.  
Eu fugi do pomar , onde vagava ,  
Antes que o sol nas aguas se escondesse ,  
O sitio abandonei , que as laranjeiras  
Co' as flores entre os fructos embalsamão :  
N'esta cabana rustica , formada  
De unidas canas , de grosseiros troncos ,  
Vimes flexiveis , e colmado tecto ,  
Com meus amigos me abriguei , tremendo  
Junto á fogueira , que estalando brilha.  
He d'este sitio , que te escrevo , ó cara ,  
O' doce amada , ó Primavera , ó deos !  
Cheio o meu coração da imagem tua ,  
E afflicto por não ver-te , as garras soffre  
De impaciente , de tenaz saudade.

Desde o dia cruel , em que assustada  
Do estio aos raios , nos fugiste , ó deosa ,



Consumo o tempo em languidos suspiros,  
 Suspiros, em que a dor não desafogo.  
 De noite em vagos sonhos me affiguro  
 Ver-te, gozar-te em rapidos transportes,  
 Cantar-te o meu amor, gozar teus mimos:  
 Mal desponta a manhã, mal foge o somno,  
 Desespero-me, lido entre amarguras;  
 Peço aos bosques sem folha, aos ermos campos,  
 Aos rochedos de neve, ás turvas fontes,  
 Ao ceo toldado, aos ares tempestosos,  
 E a toda a natureza, a minha amada.

Primavera, onde estás? exclamo, e grito  
 Do escavado rochedo á tria gruta,  
 Issa, que outr'ora a tua mão croára  
 De frescas flores, do matiz mais vivo,  
 Cobrindo a entrada de ramagem densa;  
 De valle em valle, e de uma rocha em outra  
 = Primavera, onde estás? = responde o campo;  
 E no valle o pastor, na rocha o fauno,  
 E no arvoredo as driades ouvindo,  
 = Primavera, onde estás? = depois exclamão.  
 Em quanto assim fiel aos ternos votos,  
 Que fiz de te adorar, suspiro, ó deosa,  
 ? Onde estás, que não vens a meus affagos?  
 ; Que sitio do universo affirmoselas?  
 ; Onde esquecida das canções do vate,  
 Do vate, que te amou, que te ama ainda,  
 Aos prados te sorrís, vestindo os prados?  
 ; As flores tuas para ornar-te colheas?  
 ; Te engrinaldas da fonte ao claro espelho?  
 ; E ufana de encantar sensíveis peitos  
 Dás sentimento, communicas fogo,

E a amar ensinas insensíveis entes?

Ah! volta, ó bella ingrata, aos campos nossos:  
 ; Que paiz do universo, a não ser Paphos,  
 He tão digno de ti? ; onde encontraste  
 Mais lindas ninfas, mais gentis pastoras,  
 Amantes mais fieis, mais puros rios,  
 Fontes mais gratas, mais formosas selvas,  
 Mais doces flautas, quando amor entoão,  
 Aves mais doces, quando amor gorgeião?  
 Dize: ; um ceo mais sereno onde encontraste?  
 ; Esquecem-te os vergeis, os frescos bosques  
 Da amavel Cintra, do terreno Elisio?  
 ; Não vivem por ventura em tua ideia  
 Os coros virginaes, que ali vagueião,  
 E ao ver seus nomes, na floresta escritos,  
 Outros com elles suspirando enlação?  
 ; Os zephirus azues, que ali discorrem?  
 ; Os leitos para amor, floridos prados,  
 Que pendente ramage ao sol defende?  
 ; Entre paphios rosaes sagradas linfas?  
 ; Por entre as muitas passeiando as Graças?  
 ; Do aligero esquadrão travessos brincos,  
 Frechas douradas sem cessar voando  
 Aqui, e ali aos peitos descuidados,  
 E se errão corações, ferindo os bosques,  
 Porque os bosques ali também suspirão?  
 Os sorrisos? os canticos? . . . ah! tudo,  
 Tudo já te esqueceo? Volta, querida,  
 Aparece entre nós, ouve os meus versos.

Desde o dia fatal, ; que negra turba  
 De ideias tristes me revoa n'alma!  
 Desde o dia fatal da ausencia tua,

Jaz pendente de um alamo sem folhas  
 A minha lira ao vento abandonada :  
 A lira d'ouro , onde entoei teu nome ,  
 Onde a minha paixão soou mil vezes  
 Na linguagem dos ceos a teus ouvidos ,  
 Lá jaz sem honra : os ventos lhe roubarão  
 Dos antigos festões o escasso resto.  
 Ao passar com seu gado , olhando-a muda ,  
 Diz , suspirando a turba dos pastores ,  
 “ Eis do amante fiel da Primavera  
 A doce lira em misero despreso. „  
 Driades ternas , que meu canto ouvião  
 Não talvez sem prazer , dizem passando ,  
 „ O vate emudeceo longe da Amada. “  
 Mas apenas teus silphos precurssores ,  
 C'roados de violetas , assomarem  
 Na etherea região de nossos climas ,  
 Apenas este ceo pezado , e turvo  
 Mandar á terra os ultimos chuveiros ,  
 Apenas rebentando as novas folhas  
 Se remoçar esse alamo tristonho ,  
 E entre a nova ramage em torno á lira  
 Rolas amantes repousar vierem  
 Cançadas de voar , para seguir-te  
 Desde o remoto clima ao clima nosso ,  
 A lira tomarei ; e alegre , e ufano ,  
 Limpando o musgo do passado inverno ,  
 De novas cordas a ornarei á pressa ,  
 E voarei a ti para contar-te  
 Entre transportes meu passado enojo.  
 Querida , vem , apressa-te , consola  
 Cibele a tua amiga , a mái dos homens :

; Ah ! se a visses , movera-te a piedade !  
 Despedaçado o carro verdejante  
 Aos duros golpes do sombrio inverno ,  
 De frio mortos os leões , que a tirão ,  
 A trança descomposta , o manto em rios ,  
 A altiva c'roa destruida em partes ,  
 Afflicta , melancolica , sumio-se  
 No vasto horror de lobreja caverna .

As torrentes sem freio divagando  
 Contra maimoreas pontes indignadas ,  
 Investem , chocão , despedação , levão  
 Ruinas em montoes aos fundos mares .

As driades , teu povo , e tua gloria ,  
 Tremem , ó dor ! ao furioso assalto  
 D'euros , e notos , e africos em guerra :  
 A seu brutal furor nenhuma escapa :  
 Parece que as prisões da eolia furna  
 De uma vez demolira a mão de Jove .  
 Driades bellas de arvores antigas ,  
 Refugio outr'ora das calmosas sestas ,  
 Driades bellas de arvores vaidosas  
 Co'a idade juvenil , verdura , e torças  
 Tem a seus pés por victimas cahido .  
 Co'os negros fructos oliveira amiga  
 Baqueou : não lhe valco celeste guarda ,  
 E Minerva pranteia o estrago enorme :  
 Cahe o pinheiro amedrontando os valles ,  
 E Pan , sentado nos troncados restos ,  
 Triste espera por ti co'a flauta muda .

; D'esta cabana a rustica fogueira  
 Sabes quem a sustenta ? Ah ! corre , vóa :  
 Cedro , que eu te sagrei , cahio por terra ,

E onde brincou fayonio estalão chammas.

Que tardas deosa ! he precioso o tempo : !

Cada momento o teu imperio assola ,

Mui tarde chegarás se não te apressas.

O colono , o pastor em ais te invocão ,

; A mesma natureza he morta quasi !

Mas que horrendo fragor....piedade: ó numes !

Eis o trovão , que ressoou tão perto !

Talvez que um raio proximo cahindo

Ferisse . . . . ; mas o estrondo eis se redobra !

Desteito sobre nós rola em pedaços

Tornado em fogo o tenebroso Olimpo.

Chloe , e Amarillis tremulas gritando ,

Desteita a rubra cor em cor da morte ,

Enchem de seu terror esta cabana.

Innocentes , miserimas pastoras ,

Não griteis , não tremais , vereis em breve

Dissipado este horror nos longos ares ;

Contra o crime orgulhoso os numes troão ,

Não fere o raio os rusticos alvergues.

Não, não me engano: ¿ouvís como se affasta ?

; Como ao longe rebrama o som , que o bosque

Nos dobra , nos aumenta em longos echos ?

Nuvens de fogo do horisonte fogem ;

Chuva propicia em caudalosa enchente

Desce na escuridão ; sôa no tecto

O amiudado estridor das frias gotas ;

Sibila o vento na visinha serra :

Chloe a porta fechou : nós nos unimos

Em circulo menor em torno á chamma.

O gatto velador , não , não me engano ,

Cantou na escuridade : he meia noite :

; E eu vélo ainda , e velarei saudoso  
 As horas todas , que á manhã precedem !  
 ; Horas , horas de paz , de horror , de trevas !  
 ; Quanto em vós não desprende affeito as azas  
 Estro audaz por incognitas veredas ,  
 Té que do fado a immensidade alcança !  
 As do passado deleitosas scenas ,  
 As scenas do porvir gosa , descreve  
 Aos tracos olhos do profano vulgo.  
 Eu vélo , e velarei pensando , ó deosa ,  
 Em meu thesouro , em ti ; gosando ao menos ,  
 Na ausencia tua , o teu fiel retrato.  
 Sonhe a ambição nas purpuras , e sceptros ;  
 Torpe avareza em seus inuteis cofres ;  
 A vingança , fatal a si , e aos outros ,  
 Cogite embora nas traições , no engano ,  
 Nos agudos punhaes , no sangue em rios ;  
 Vulgar amante occupe-se dos modos ,  
 Com que succumba a timida innocencia ,  
 E aos laços venha destramente armados.  
 Eu dando a amor o que se deve ao somno ,  
 Em chamma pura , porque he tua , ardendo ,  
 Eu te escrevo , te pinto os meus desgostos ,  
 Risonha primavera , ó doce amada :  
 Por ti suspiro ; a tua volta espero ,  
 Qual triste , afflicto , e incauto viajante  
 Perdido n'alta noite em denso bosque ,  
 Que ao mais leve rumor tremendo para ,  
 Que julga um assassino em cada tronco ,  
 E suspendendo o halito , prosegue  
 Caindo em silvas , precipicios , rochas ,  
 Entre fantasmas , e agourados pios ;



Põe sua esp'rança na risonha aurora ;  
 Mal que ao longe a notar será ditoso ;  
 Serei mais que feliz , pois vais ser minha ,  
 Mal que ao longe te vir , ó primavera.  
 Sim : eu te amo inda mais que a vide ao tronco ,  
 Mais do que o touro em maio ama a novilha.  
 Quero-te mais que o deos de amor ás trevas ,  
 Mais do que Flora ao Zephиро inconstante.  
 Eu suspiro por ti , como suspira  
 Murchada planta por sereno orvalho ,  
 E ardente seifador por fresca fonte :  
 Hes-me tão cara como a bella esposa  
 A seu amante de chorar cançado ,  
 Quando no dia d'himeneo se abração :  
 Tão cara enfim como o primeiro beijo ,  
 Que uma terna pastora a medo , e a furto ,  
 Consente ao seu pastor roubar-lhe aos labios.  
 ; Qual dos amores , que no mundo girão ,  
 He mais grato que o meu ? Este em doçura  
 Excede tanto aos mais , como tu vences ,  
 Tu belleza do ceo , do mundo as bellas :  
 O atro , o denso , o venenoso fumo  
 Do ciume cruel não turva o brilho  
 Ao vivo fogo , que por ti me inflamma :  
 Não prohibe o pudor os teus affagos ,  
 Não m'os tolhem as leis : da luz não foge ,  
 Do segredo , e retiro o horror não busca  
 Teu ditoso amador , não reme os argos :  
 Ao mundo inteiro seu ardor confessa ,  
 Prova n'elle um prazer , que he sem remorsos.  
 Doce recordação ! lembra-me o instante ,  
 Instante d'ouro na existencia minha ,



Em que, agitado de extasis divino;  
 Pela primeira vez em teu regaço  
 Na lira te expliquei meus sentimentos.

Do mez das flores o primeiro dia  
 Tinha apenas dos ceos baixado ao mundo  
 No carro d'ouro da vermelha aurora:  
 Juntas em coros no arvoredor as aves,  
 De ramo em ramo em grupos adejando,  
 Em nunca ouvidos sons a luz saudavão:  
 Inda os raios do sol não bem desteita  
 Tinhão do puro rio a opaca nevoa,  
 Inda das folhas concavas pendião  
 Tremulas gotas de luzente orvalho,  
 Que d'ali furta o brincador favonio;  
 Eu, lembrança fiel não me abandones,  
 Eu te achei, primavera, entre as roseiras,  
 Inda a dormir, na relva de uma penha:  
 N'alguns louros de roda entretecida  
 Hera tenaz um toldo te formava:  
 O melro grave, o rouxinol cadente,  
 Para encantar-te os sonhos diffundião  
 Não muito longe a musica dos prados.  
 Os ares brandamente embalsamava,  
 Pois toda flores se ostentava a relva,  
 Das rosas o perfume, e de mil flores,  
 Ligeiras, bellas silphides, guardando  
 Invisiveis teu placido retiro,  
 Impedião que ali chegar podesse  
 Temerario pastor, fauno atrevido,  
 E profanar com indiscretos olhos  
 Teu corpo nú, sem vco, cheio de encantos.  
 Ali me conduzio benigno acaso:

Não mo impedirão silphides zelosas :  
Ao vate he dada a natureza toda.

Profundo somno , da innocencia imagem ,  
Cerrava ainda os olhos teus ao dia :  
Co'um ar de riso o juvenil semblante ,  
Até sem o saber , até dormindo ,  
Faria suspirar homens , e feras :  
Entre a face mimosa , e a fria relva  
Tinhas meio curvado o braço lindo :  
Como ao desdem , na esquerda seguravas  
Um lirio , que vencendo a branca neve ,  
Na pequena , alva mão par'cia escuro ;  
Picava o seio á flor pequena abelha ,  
Pequena abelha mais feliz que Jove ,  
Pois Jove por ser ella o throno dera.  
Halito doce de fragrancia amena  
Sae do seio , que turgido se eleva ;  
Dos roseos labios da pequena boca  
Vem tão doce , vem tal , que um peito humano,  
Bafejado por elle, excede os numes :  
Tu, e tudo em redor , tem mago encanto :  
Perde-se a mente em rapidos delirios ;  
De gratas sensações tropel volante  
Escravisa a razão á fantasia ,  
E a alma , em vez de pensar, delicias volve.  
Vi-te assim , tal fiquei , ó primavera !  
Acordaste depois , e abrindo os olhos ,  
Tu , e tudo em redor ficou mais bello ,  
Se o bello já perfeito inda requinta.  
De doçuras n'um mar quasi submerso ,  
Cançado á torça de sentir prazeres ,  
O espirito se esvae , e o mundo foge ;

Depois, tornando a mim, vi-te já pronta  
 A abandonar a penha, e ir-te aos valles.  
 De ajustar-te um sendal de verdes murtas  
 Tinha acabado a oreiade da penha :  
 Já meio recatado o niveo seio  
 Tinhas n'um cinto de miudo cedro ,  
 Que a mais nova das graças te ajustára ;  
 No meio d'elle alguns botões de rosa ,  
 Nem já todos botões , nem flores todos ,  
 Em vez de o embellecer , se ornavão d'elle :  
 Espalhada ao desdem a loura trança  
 Fluctuava em aneis sobre teus hombros.  
 Parei a contemplar-te , ; ah ! nunca o mundo  
 Te vio tão bella , como vira o vate !  
 Em teu seio amoroso um cupidinho ,  
 Qual borboleta d'ouro , esvoaçava  
 Das nuas carnes ao cheiroso ramo ,  
 E do ramo cheiroso ás nuas carnes :  
 Vio-me , e curto farpão dourado , agudo ,  
 Curto farpão , que os olhos não percebem ,  
 Me arrojou , me sumio dentro do peito :  
 Graças ao tiro do divino insecto :  
 No profundo do golpe , e na doçura ,  
 Que n'elle provo , reconheço um nume.  
 Sim , deosa , desde então amante , amado ,  
 De dia em dia te encontrei mais terna ;  
 Sempre , sempre fiel aos meus extremos  
 Tens pago os versos meus por teus carinhos ;  
 Carinhos . . . ; ah ! cujo valor ignora  
 O vulgo insano , que a cidade habita !  
 Se um dia os cortezáos podessem ver-te  
 Na pompa simples da belleza tua ,

( ; Negros cuidados mil os tem vendados! )  
 Dizendo eterno adeos aos aureos tectos ,  
 As columnas , aos porticos , aos vícios ,  
 Longe irião do frivolo tumulto  
 Rustica habitação buscar nos campos ,  
 Nas margens construir d'uma corrente ,  
 Que de um bosque atravez susurra , e foge ,  
 Cabana humilde , que não teme os raios.  
 Seus campos , seu pomar , e os seus rebanhos  
 Sustento salutar lhes prestarião:  
 Um pequeno jardim , platanos , flores ,  
 E um ranque , tudo seu , collinas , prados ,  
 Recreios sem remorso ali lhes davão.  
 Lindas pastoras , mais fieis que as damas ,  
 Sem artificio enganador formosas ,  
 As delicias de amor lhes offercêrão:  
 Scenas , que a vista em quadros lhes encantão,  
 Quando astuto pincel prodigios obra ,  
 Ali por toda a parte os cercarião.  
 Mas ; ah ! porque me occupo em vãs ideias !  
 Embora o preço teu não saiba o mundo ,  
 Primavera , eu te adoro , e tu me affagas ;  
 Caso mil vezes o teu nome á lira  
 Quando a teu lado o meu amor celebro ;  
 E tu sorris-te , e c'roas-me de flores ,  
 Abraças-me extremosa , e me concedes  
 Docemente dormir no teu regaço.

Mas tu... porque não vens? não, não me engano,  
 Inda ao longe o trovão deixa escutar-se.  
 Sobre as ondas talvez do mar de atlante  
 Ferva agora a borrasca , e despedace ,  
 Zombando da arte vã , dos vãos esforços ,

Poderosos baixéis : desfeita em fúrias  
 Na horrivel serração, com sons do averno,  
 Entre as ondas talvez braveja a morte :  
 Gritos de dor aos naufragos escuto :  
 Abraçados alguns do lenho aos restos,  
 Ora tocão nos ceos, ora se abismão ;  
 De nuvens atro veio submerge a lua,  
 Não luz na escuridade alguma estrella;  
 Ao duro assalto dos contrarios ventos  
 Rugindo estoira o mar em crespas serras,  
 Dos promontorios se arremessa aos cumes,  
 E os faz tremer sobre as marmoreas bases.  
 Ah ! quantas n'este inverno, ah ! quantas vezes  
 Estes quadros fataes se repetirão !  
 Ó tu, das immortaes a mais benigna,  
 ; Primavera, onde estás, que não te apressas,  
 Que não vens serenar os elementos ?

Se acaso as minhas supplicas te movem,  
 Se inda hes a mesma graciosa, e doce,  
 Sobe ao carro da aurora, os ares tende,  
 E baixa ao luso clima, onde te chamão.  
 ; Lembra-te aquella gruta, onde Amarillis  
 Junto a Dameris, seu futuro esposo,  
 De constancia, e de amor lhe fez taes votos,  
 Quaes nenhum amador jámais ouvira ?  
 ; Aquella gruta, onde ambos apostarão  
 Dar n'essa tarde tantos beijos, tantos  
 Como as folhas do proximo arvoredor ?  
 ; Aquella gruta, onde ambos consumirão  
 Um dia inteiro a adivinhar as graças,  
 Que ter devia seu primeiro filho,  
 E só no sexo os votos discordavão ;

Pois Damerás pintava outra Amarillis,  
 E Amarillis corando outro Damerás?  
 Pois n'essa, n'essa gruta os meus amigos  
 Virão comigo celebrar-te a volta.

Ajustámos de erguer junto do cedro  
 Simples, campestre altar de terra, e grama;  
 Listões de flores o ornarão de roda,  
 E nós contentes, coroados d'ellas,  
 Em honra tua as libações faremos  
 De antigo vinho, e de espumoso leite:  
 Todos por sua vez ao som da lira  
 Cantaremos um himno á gloria tua.  
 O lavrador, que a proxima campina  
 Com seus tardios bois arar cantando,  
 Parado calará para escutar-nos.

Então, então começa o tempo d'ouro,  
 Folgão no campo os naturaes prazeres,  
 E a rustica alegria apraz aos deoses.  
 Aqui apos as candidas ovelhas  
 Vai trigueira, descalça pastorinha  
 Aos echos do arredor cantando amores:  
 Ali galhudo satiro se esconde  
 Para colher alguma ninfa errante:  
 Aqui por ledos sons retine o bosque,  
 O riso ferve, as flautas se misturão:  
 Mais longe aos pés de mal fingida ingrata  
 Se escutão rogos apiedando as selvas.  
 Um favonio subtil encrespa as agoas,  
 E enraiva a ninfa, que procura ornar-se  
 Consultando na fonte a propria imagem.  
 Priapo brincador gira saltando  
 Nos jardins, nos vergeis, e nos pomares,



Batendo os ramos , e açourando as aves ;  
 Que enxoradas envia aos densos bosques :  
 Ellas vão pelo ar fugindo ao nume ,  
 Quando as settas de amor la vão ferillas ;  
 Amor , e seus irmãos , discorrem tudo ,  
 A tudo quanto existe arrojo settas :  
 La se ouve junto á faia susurrando  
 Verde carvalho um não sei que tão doce ,  
 Que aos amantes apraz o seu murmurio ;  
 Do rebanho o marido entre o rebanho  
 Bala amoroso , e todas lhe respondem :  
 Pela novilha se enfurece o touro ,  
 Acomette o rival , gosa o triunfo.  
 Cor de neve , pequenos cordeirinhos ,  
 Já balão na verdura : alem se aumenta  
 Das cabras ao pastor o seu rebanho ;  
 Os pequenos irmãos correm brincando ,  
 Aquelle foge , os outros o perseguem ,  
 Voltão , saltão , levantão-se , discorrem  
 Por toda a parte n'um momento o prado :  
 O leite abunda , e brevemente faltão  
 Os tarros ao pastor , onde o recolha.

Por outra parte , encantadora scena !  
 Os brincos infantis se me affigirão.  
 Aqui turba apinhada entre as silveiras  
 Apos o som do grilo o vai buscando :  
 A estridente cigarra ali se colhe :  
 Lá se arma a rede ao passarinho incauto ,  
 Se envisa o ramo , e o prisioneiro atado  
 Com longo fio ao pé nos ares vòa.  
 Um mais travesso ás arvores trepando  
 Se balança n'um ramo , ou furta os ninhos ,



Outro mais atrevido em vão forceja  
 Por montar no carneiro , que se escapa ,  
 Fazendo ao longe retinir os bosques  
 Co' o crebro som da aguda campainha.  
 Na luta , na carreira apostas fervem :  
 Tenra menina um malmequer desfolha ,  
 E pelo amor da mãe á flor pergunta :  
 Outras vezes na terra está formando  
 Quadrado tanquesinho , e põe-lhe em roda  
 Cravados ramos de roseira , e murta :  
 Da linda camponesa ao colo pende  
 O pequenino infante , que sorrindo  
 Balbucia de mãe sagrado nome ,  
 E os beijos maternas excita , e gosa ;  
 Em quanto seus irmãos vão na corrente  
 Por de cortiça um concavo barquinho.  
 ; O' da infancia do mundo amaveis scenas !  
 Se inda as virtudes sobre a terra existem ,  
 Se inda existe o prazer , o socio d'ellas ,  
 He nos campos sómente ; e a quadra tua  
 Nos mostra , ó primavera , este prodigio.  
 Mas da fogueira a chamma se enfraquece . . .  
 Já os gallos das proximas cabanas  
 Vão começando a annunciar-me o dia :  
 ¡ Quanto he bello este som ! ; Com que transporte  
 N'uma fresca manhã se escuta ao longe  
 Este nuncio da aurora , cujo grito  
 Outros aqui , e ali vão repetindo  
 Com menor intervallo , e voz diversa !  
 Sim : o dia começa : a luz nascente  
 Pelas fendas do tecto está brilhando.  
 Eis-me só junto ao lar ; talvez que ha muito

Se ausentassem d'aqui meus companheiros;  
 ; E agora em doce paz estão dormindo !  
 ; Quanto a noite foi breve ! ah ! ; não me engano !  
 Da fresta , onde cheguei , contemplo os ares ,  
 E claro vejo o ceo , de nuvens limpo !  
 ; Lá brilha no horizonte a estrella d'alva !  
 ; O' dor ! que os olhos meus somente alcancem  
 Como atravez de um veio a natureza !  
 ; Que estes montes , que ao longe se descobrem ,  
 Cujos cumes mil arvores guarnecem ,  
 Que o rio ao longe a fulgurar co' as ondas ,  
 Que os remotos casaes da gente humilde  
 Sobre as verdes campinas alvejando ,  
 Não possa ver ! . . ; mas que murmurio doce  
 Lança a folhagem do loureiro antigo ,  
 Que detronte de mim se eleva aos ares ?  
 O favonio acordou , que hontem de tardé ,  
 Cançado de voar , adormecêra  
 Junto á cascata no pomar sombrio :  
 Vai subito partir : em curtas horas  
 Será contigo , e te dará meus versos .  
 Adeos , querida , a tua volta espero ! . . .

---



---

U M D I A  
D E  
P R I M A V E R A.

---

P O E M E T O.

---



---

# DEDICATORIA

A MINHA MÃI.

**S**emelhante a estas arvores , que despertando do somno do inverno ao baso omnipotente da primavera , parecem reviver , e se cobrem de flores , o meu genio se oomeça a cobrir das suas com a volta d'estes dias puros , e agradaveis para os amigos do campo. As primeiras flores , que d'elle pude colher , servirão-me para formar a grinalda , que apresentei nas festas da primavera , celebradas pelos meus amigos. Depois de a haver tirado do altar da deosa , que preside á mocidade do anno , e a quem senão a vós , ó minha Mãi , deveria eu offerecer esta grinalda? sim: para outra qualquer pessoa o meu presente teria sido muito

pequeno ; mas eu estou certo , de que o coração materno n'ella encontrará mais graça , cores mais vivas , e perfume mais agradável. Em fim eu ousou lisongriar-me com a ideia de que pregando ternamente os olhos sobre a minha obra pensareis em silencio que eu sinto toda a doçura da gratidão para com aquella, de quem tenho recebido a existencia , a educação , e todos os desvelos os mais amorosos , e interessantes ; e alguns suspiros , e lagrimas scrão , para cumulo da minha felicidade, espalhados na minha ausencia.



---

HISTORIA DA FESTA  
DA  
PRIMAVERA.

Subindo pela corrente do Mondego até a um quarto de legoa de distancia da Cidade, encontra-se na margem do poente um retiro agradável, que parece ter sido expressamente formado pela mão benéfica da Natureza para ver debaixo das suas sombras uma sociedade de amigos Poetas, esquecidos por algumas horas de todo o mundo, no seio dos prazeres os mais vivos, os mais amáveis, e innocentes. A *Lapa dos Esteios* é o seu nome, a Liberdade o Genio tutelar d'aquelle sítio encantador. Um pequeno caes ornado de cinco árvores, uma das quaes inclinando-se sobre o rio cobre com a sua sombra os bateis, hospéda graciosamente aos que demandão este asilo. Ao fundo do caes, e por isso na frente dos que desembarcão, se-levanta uma muralha natural de rochedo, aberto em muitas sinuosidades. A barra d'esta muralha, até a altura pouco mais ou menos de oito a dez palmos, é perfeitamente escalvada e nua, e d'ahi até a cima reveste-se de um manto de

heras, que ora formão como rochedos pendurados, ora se escondem para formar pequenas grutas, d'onde ás vezes se vêm sair os passaros, que vão pousar sobre os proximos lamegneiros, festejando pelos seus cantos a belleza e frescura das suas habitações. A'direita fecha-se esta aprasivel scena por uma subida, occupada por um bosque-sinho, atravez do qual os olhos se perdem na confusão dos troncos, e immensa folhagem. A'esquerda se eleva uma escada grosseira, mas commoda, de doze degrãos: sobre ella confundem a sua immensa ramagem dois antigos lamegneiros, e por detraz d'ella outras arvores mais pequenas se abração mutuamente, se euredão por mil voltas d'hera. Termina esta escada em um plano quadrilongo, com assentos ao comprido, dos dous lados mais extensos; isto é da parte da terra e da do rio, cujas aguas se vêm brilhar através do arvoredado cerrado, que desce por uma especie de promontorio, não muito extenso desde esta elevação, até se perder no meio das aguas, e é do principio d'este arvoredado, que cõe a sombra e frescura deliciosa sobre os assentos d'uma e outra parte. A pureza, e o perfume do ár; o aspecto variado da terra e agua; o susurro dos ramos agitados pelos zephirus; o canto dos passaros; a presença da natureza bella sem os esforços da arte; a paz

e a tranquillidade do deserto, são a fonte perenne dos encantos d'este sitio. Uma ladeira suave, opposta á escada por onde se tinha subido, e ainda mais assombreiada, conduz a outro caes, talhado em degrãos naturaes até á agua: mas o aspecto d'este é muito diverso do primeiro: sem arvores, sem relva, sem mais verdura do que a da muralha do fundo, onde se apresentam em grupos, bordando um véo immenso de musgo, fetos silvestres, congorças, e uma infinidade de plantas diversas, entre as quaes avultão dispersos alguns ramos de figueira brava, este lugar compensa a sua falta por uma vista bella e desafrontada.

Chegou o dia da primavera', para o qual havia muito que eu, e os meus amigos tínhamos ajustado ir fazer uma festa poetica em algum lugar aprazivel, em honra da mais bella de todas as estações, e a Lapa dos Esteios foi para este fim preferida a muitos outros sitios agradaveis e campestres, que em profusão se encontram a diversas distancias em roda da cidade. Compunha-se o nosso rancho de 12 pessoas, todos amigos, poetas, e academicos, dos quaes em seu lugar farei menção. Pouco depois do meio dia, tendo-nos reunido e abraçado, dirigimo-nos alegremente, e com algumas flores na mão, para o caes, onde já um batel nos esperava. O ar estava puro: um

vento ligeiro, e doce tendo começado a soprar, defendendo-nos do incómodo do sol, que ardia com todo o seu brilhantismo, nos-ajudava a remontar com mais velocidade a corrente.

Em quanto alguns d'um, e outro lado estribando varas no fundo nos-fazião voar ao lugar suspirado, os outros se-occupavão em fazer retinir ambas as margens por cantigas alegres, e entoadas em chusma; de quando em quando éstas cantigas se-interrompião para se-notar algum bello espectáculo n'uma das margens: planicies verdes e floridas, collinas risonhas, casas de campo, quintas, jardins, e mil arbustos, entre choupos e salgueiros, debruçados até tocar n'água, compunhão este painel interessante, que arrebatava os meus amigos, e que pela privação absoluta, em que a distancia me-punha a seu respeito, me-arrancou alguns suspiros, e me-fez sentir no meio da alegria alguns momentos de tristeza, encostado a um lado da nossa embarcação. Mil cousas se-succedêrão rapidamente durante a nossa viagem, cujo agrado eu não saberia descrever, taes como os gritos, que repentinamente soltámos ao passar por baixo do terceiro arco da ponte, aonde o som das vozes, reflectindo nas paredes e tecto de pedra, se-tornava mais vivo e mais alto do que na extensão da agua descoberta, aon-

de logo tornamos a entrar ; as despedidas á Cidade , que se-nos-ia escandendo , e aos differentes pontos das margens , que successivamente nos-ião fugindo : a vista de um bando immenso de pombas , que levantando-se atemorizadas á nossa passagem perto d'uma pequena ilha de areia , aonde tinham ido beber e refrescar-se , e passando pela nossa prôa forão pousar na margem proxima : o ceo todo retratado nas águas , que umas vezes pela sua pureza deixavão ver o fundo , e outras representavão o sol com toda a magnificencia dos seus raios ; estes , e muitos outros incidentes repartião deliciosamente a attenção d'estes Moços Anacreontes , viajando. Trez quartos d'hora durou pouco mais ou menos ésta alegre navegação , e passado o primeiro nós não deixámos um so minuto de cançar os barqueiros com as nossas perguntas sôbre o quanto nos-restava. Julgava-se ver a *Lapa dos Esteios* em quantos lugares apraziveis se-descobrião ao longe. Elles a-mostrárão finalmente com o dedo : todos se-levantarão , e um grito geral resoou , sandando o sítio desejado. Saltámos emfim no primeiro caes , e deixando prêso o barco a uma pequena árvore , a terceira do lado esquerdo , corremos debandados a visitar todos os recantos ainda os menores da solidão , que iamos povoar por algumas horas , e reunin-

do-nos no alto , onde achamos assentos com-  
modos, esta lapa , gritou um dos amigos ,  
parece ter sido feita pela natureza para  
habitação das musas ; aqui as heras se es-  
tendem por toda a parte : e nós passámos  
logo á leitura dos versos , que todos leva-  
vamos: os meus amigos tiveram a bondade de  
me fazer uma honra , á qual eu não tinha  
direito de aspirar no meio d'elles , exi-  
gindo, que se começasse pelo meu poema ;  
este, assim como quasi todos os outros, ti-  
nha sido composto antes de escolhido o  
lugar, e é por isso que entre a exposição  
fiel da festa, e a que nós fazemos em nos-  
sos versos, se acha bastante differença. Em  
quanto a mim eu imaginei alguns diverti-  
mentos, que podessem encher um dia de  
primavera, passado com os meus amigos,  
e descrevi-os pelo modo pelo qual se me ti-  
nhão representado. Concluida esta leitura  
o meu amigo José Victorino da Fonceca  
Cardozo ( Elmiro ) se adiantou para mim  
com uma faixa de hera, que apesar da mi-  
nha opposição me lançou em tiracollo do  
hombro direito ao lado esquerdo. Seguiu-  
se Francisco de Senna Fernandes ( An-  
friso ), o qual em pé a meu lado , e com  
uma coroa de flores na mão, recitou uma  
bella ode : na ultima estrofe me co-  
roou abraçando-me. Não me foi possível  
resistir a esta honra , que eu achava dema-



siada, porque os meus amigos vivamente se oppozerão, e eu fui obrigado a deixalla sobre a minha cabeça. O meu coração está muito soberbo com este premio dado pelas mãos da amisade: eu conservo, e conservarei sempre esta grinalda, até que o tempo a tenha perfeitamente aniquilado. O meu triunfo, bem que fosse já então tal qual eu nunca o poderia sonhar, não estava perfeitamente completo; porque José Maria Grande ( Josino ), a cuja musa encantadora ha já muito tempo que eu sou devedor da immortalidade, leo antes de um poema, pequeno em extensão, mas grande e muito grande em merecimento, o meu elogio em tão bellos versos, que eu me vejo obrigado a perdoar-lhe as lisonjas. Meu irmão Augusto Frederico de Castilho ( Auliso ) leo um longo poema, intitulado = A primavera = cheio de harmonia, de novidade, e de um gosto exquisito: seria inutil dizer o que sinto ácerca d'este poema, tanto porque o meu suffragio seria suspeito, como porque estou bem certo, de que os que o lerem, farão d'elle a mesma ideia, que eu faço. A sua leitura foi interrompida por uma flauta, que soou muito perto de nós; era o meu caro amigo, o Horacio Portuguez, José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia, que inesperadamente nos appareceo alvoraçado na curta escada, que



serve de communicação entre a Lapa e a quinta das Canas, que lhe-fica imminente. Tudo se-confundio com clamores de alegria á sua chegada, cercámol-o, abraçando-o, e tirando-lhe a flauta das mãos o-levámos a todas as partes do nosso Parnaso, contando-lhe todos a um tempo o que até ali se-tinha passado, quantas vezes se-fallára no seu nome, e desconfiara da sua promettida vinda. Este Homem amavel, jovial, despido de prejuizos, e proprio para ser a alma de uma sociedade de Mancebos alegres, começou desde logo a tomar parte nos nossos transportes e nossa Festa innocente. Concluiu-se finalmente a leitura do Poema, interrompida pela sua chegada; e o Poeta teve a honra de ver o novo socio arrebatado ao ouvil-o. Uma Corôa de hera finalmente colhida da árvore mais proxima lhe-foi posta por mão de Josino.

Elmiro prendeo depois a nossa attenção por um Poema de muita invenção e belleza, aonde o incenso da lisonja foi outravez queimado diante de mim no thuribulo da amisade. Coroámol-o igualmente; e o mesmo se-fez a todos os que se-seguirão, que recitárão algumas obras mais pequenas, ou traducções.

Meu irmão Adriano Ernesto de Castilho Barreto repetio uma delicadissima traducção

livre da primavera de Thompson. Albano Sutil de Pina uma traducção em bellas quadras do idilio da primavera de Gessner. Francisco Cesario Rodrigues Moaxo uma traducção em prosa de Utz, que leo em pé com o copo na mão, e rematou com uma saude. Francisco de Assiz Salles Caldeira ( Franzino ) uma traducção da primavera de Cramer: fechando-se finalmente ésta sessão poetica com a leitura de parte de um poema de mais de quatrocentos versos de meu irmão pequeno José Feliciano de Castilho. Todos ja finalmente estavamos coroados, e o rancho se-espalhou = O sol vai ja muito baixo: os seus raios apenas toção ja os cumes das collinas fronteiras: aproveitemos o tempo = gritárão alguns amigos, que tinham subido a uma eira situada na borda do plano, sobranceiro á lapa; e todos nós sentimos, que a tarde nos-ia quasi insensivelmente escapando. Então ao som da flauta do nosso Horacio, o Gouveia, começárão todos a dançar e a saltar; e as aves, incitadas pelas musicas, levantárão mais alto os gorgeios da tarde. As folhas das heras, que ali cercavão todas as árvores, e algumas flores, voavão ás mãos cheias como em chuva de uns sobre os outros. De quando em quando uma voz levantando-se fazia notar alguma nova belleza, a que ainda se não

tinha attendido. Em pé sôbre o caes mais arido Auliso chamando os outros lhes fez notar como o rio d'ali, por causa da sua curva, se affigurava um lago cercado de collinas desiguaes, coroadas, e semeiadas de laranjeiras, oliveiras, e pinheiros, e casaes alvejando; descobrindo-se mais ao longe, por entre estes, outros outeiros muito arredados, e que ja quasi se perdião na distancia, e na sombra da tarde. Eu imaginava toda esta seena: o quadro na minha alma era bello, e mas seria elle por ventura verdadeiro? não o sei. Uma merenda saborosa nos appareceo de repente, e como por encanto: Elmiro tinha sido o mágico providente. Um linho quadrado, e branco como a neve estendido sobre o caes onde tinhamos desembarcado appareceo coberto de iguarias delicadas, garrafas, e copos coroados de verdura: quatro troncos lançados em quadrado formavão os assentos: dous pequenos irmãos, vestidos de branco, erão os Ganimedes do nosso banquete alegre: parte assentados, parte deitados em diferentes attitudes, outros girando por entre os primeiros com os copos, e pratos na mão, risos, gracejos, e ditos a tempo, vivas dirigidos com o copo na direita a lugares muito distantes, saudes a um sem numero de objectos variados e agradaveis, narrações festivas, musicas alegres de flauta,

mil vezes começadas, e outras tantas interrompidas, e outros muitos incidentes impossiveis de descrever, concorrião n'uma doce confusão para encantar a ultima hora da festa da primavera.

O sol tinha ja desaparecido, e o ceo ainda não estava assombreado pela noute. Não foi senão depois de muitas vezes advertidos pelos barqueiros, que nós reparámos na necessidade de partir: levantamo-nos, e nos chegamos para a borda da praia, mas nenhum queria ser o primeiro, que a deixasse. No meio d'estas questões o Gouveia levantando a voz começou a cantar = A minha Lilia morreo = n'um improviso delicado e sentimental. Um silencio profundo o cercava por todas as partes, deixando ate ouvir o murmurio da corrente, que banhava a rocha. Visitámos por ultima vez a lapa; travou-se uma dança de despedida, e fez-se uma saude geral ao lugar, e ástres Graças, que ali costumão vir muitas vezes. Embarcámos finalmente a pouco e pouco com as corôas na cabeça. Tivemos logo o cuidado de recommendar, que de maneira nenhuma se impellisse o barco com as varas; porem que o deixassem ir tão devagar como a corrente com toda a sua doçura o possesse levar; e nós desejavamos retardar ainda mesmo esta leve corrente. Achou-se conveniente para manter a ordem, porque

uma confusão de mil gritos e vozes diversas a um tempo nos-envolvia, nomeiar, á maneira do rei do vinho nos festins dos antigos, um que nos-governasse : Gouveia o-foi por uma geral acclamação : um propoz , que todos os que nos-achavamos reunidos nos-dessemos d'ahi por diante o tratamento dos amigos ; approvou-se : e aquelle, ajuntou outro , que desobedecer a ésta lei tenha-se por excluido da sociedade dos *Amigos da Primavera* : approvou-se igualmente com enthusiasmo ; levantárão-se todos abraçando-se , apertando as mãos , e empregando no meio do riso o novo tratamento com tanta profusão , que nada mais se-onvia. Todos os socios, gritou outro , e o silencio foi restabelecido , todos os socios deveráo conservar , até que por si mesmos sejam destruidos , estes monumentos da sua gloria , éstas grinaldas , que os-ornão : approvou-se ésta nova lei , que não fez mais do que confirmar as tenções de cadaum. Propoz-se depois , que empregassemos o tempo que nos-restava em repetir , segundo a ordem dos assentos , uma pequena Peça Poetica cadaum. Aqui a discussão foi mais viva : porque uns lembravão , que sería melhor que se-cantasse , outros que se-tocasse flauta ; um finalmente conciliou as opiniões , representando que tudo isto se-podia fazer ; assim se-approvou e executou.

A serenidade da noite junta com as saudades do dia nos-fez achar uma doçura inexplicavel nos sons da flauta, que parecião modulados pela melancolia, e se-esvaião ao longe nos ares. A's vezes quando nos-a-proximavamos mais a uma das margens um ligeiro echo, cheio de doçura e tristeza, se-agradava de repetir a musica, e as palmas com que nós a-applaudiamos. Em quanto um só cantava em meia voz, e nós o-esecutavamos silenciosamente com a mão na face, meios voltados para o rio, era-nos agradavel ouvir em som muito mais baixo as pequenas ondas beijarem os lados da nossa embarcação, e fugirem com um murmurio sonoro.

Desembarcámos finalmente, e abraçando-nos, penetrados d'igual amisade, e d'iguas lembranças, nós promettemos fazer outra festa semelhante em honra do primeiro dia de Maio.





---

U M D I A  
D E  
P R I M A V E R A.

---

**E**ila que chega a doce primavera!  
Logo ao romper do dia murmurando  
Os favonios azues a annunciárão.  
Eila que chega! as aves a saúdo;  
Festeja-a puro o ceo, ja verde o bosque,  
A fonte, o rio com murmurio grato,  
Com lindas flores, com perfume os campos,  
Com extasi, e ternura a natureza.  
; Não vedes como a aurora alegre espalha  
Nos ceos orientaes matiz brilhante?  
; Não a vedes a rir, lançando á terra  
Sobre a verdura o transparente aljofar?  
; Olhai como estas plantas enlaçadas,  
Que as flores varias entre si confundem,  
Frescas se esmaltão do sereno orvalho!  
Sim, meus amigos, sim, tudo se alegra  
Da primavera á suspirada volta.  
Mais cedo ao leito do marido annoso,  
Furtando-lhe o calor, e os seus affagos,  
Hoje a aurora fugio: no roseo carro

De aureas flores toldado , e de violetas ,  
 Sentada estava ha muito á sua espera  
 A minha Amada , a juvenil Belleza ,  
 Que inflamma os corações , que enteita o mundo :  
 Subio , sentou-se alegre , e n'um momento  
 Na immensa estrada azul batendo as redeas  
 Aos nevados Frisões , choveo sôbre elles  
 Da haste comprida , e tremula dos lirios  
 Crebros golpes , que rapidos os-tornão :  
 Em quanto juntas pelo ar descião  
 Desde o cume dos ceos aos campos nossos  
 De transparentes nuvens escoltadas ,  
 ¿ Sabeis o que dizia a doce Aurora  
 A' Primavera candida , e vermelha ?  
 Este Favonio de ligeiras azas ,  
 Que sôbre a fonte alem brincando vistes ,  
 Molhando n'água os debruçados ramos  
 Do arbusto , onde adejava a borboleta ,  
 Este Favonio .... ah ! vede-o como á pressa  
 Vem de Chloe brincar ante a cabana  
 C'o o jasmineiro , que lhe-veste os muros !  
 Elle , elle mesmo acompanhava o carro ,  
 Tudo olhou , tudo ouviu , contou-me tudo .  
 A meiga Aurora á meiga Primavera  
 Abraçou vezes mil : as faces d'ambas  
 Se-união n'um transporte ; e os roseos labios  
 Dos roseos labios beijos mil colhião :  
 O' terna amiga , ó Deosa , lhe-dizia  
 A Esposa de Titão ; ¿ como erão tristes  
 Na tua ausencia os campos , onde vamos !  
 Nos cumes orientaes dos Lusos montes  
 Verás d'aqui a pouco á tua espera

A turba toda dos Campestres Deoses ,  
 Flora , Cibeles , Driades , Napeias ,  
 Hamadriades , Naiades , Silvano ,  
 A caçadora Cinthia , Amores , Graças ,  
 Os ledos Risos , a amorosa Venus ;  
 E Pan ha muio tempo em nova flauta ,  
 No verde cume do apartado monte ,  
 Onde um canavial susurra , e treme ,  
 Para a tua chegada estuda um himno :  
 Ao som d'elle verás sobre os rochedos  
 Com destreza dançar ligeiros Faunos ,  
 Cingindo de verdura as negras pontas.

Ja fugio do horisonte a roxa Aurora :  
 Ja desceo , ja passeia os campos nossos  
 Docemente sorrindo a Primavera.  
 Pouco a pouco rompendo a opaca nevoa  
 Dardeja ledo o Sol mais puros raios :  
 Eis ja dourados do arvoredos os cumes ;  
 Eis na corrente limpida saltando  
 De reflexos de luz aureo cardume :  
 Alem na encosta do visinho outeiro  
 Um rebanho balar se-me-affigura ,  
 E ouvir de uma pastora o canto alegre.  
 Olhai , Amigos meus , dizei-me á pressa  
 ¿ Que scena off'rece a encosta da collina ?  
 A relva , de alvas flores matizada ,  
 Onde o calor nascente o orvalho enxuga ,  
 Aquellas sombras d'árvores dispersas ,  
 ¿ Muito bellas não são ? ¿ dizei-me , é grande  
 O rebanho pacífico de ovelhas ?  
 ¿ É bella a guardadora ? ¿ está sentada  
 Junto de algum pastor ? ¿ ou antes colhe ,

E guarda em seu regaço amenas flores ?  
 ; Traz disperso o cabello ás brandas auras,  
 Ou rubras rosas em grinalda o-prendem ?  
 Corramos n'um momento os campos todos ;  
 Não fique uma só tonte , um valle , um bosque,  
 Uma gruta , um outeiro , onde encantados  
 Não vamos contemplar a Primavera.

Este estreito caminho , onde inda ha pouco  
 Ião correndo em turbido regato  
 Chuvas mandadas do visinho monte,  
 ; Como agora está bello ! estes silvados,  
 Que d'uma e d'outra parte o-estão vestindo,  
 Já não são montes de crueis espinhos,  
 São montes de verdura , e roxas flores ,  
 Onde n'outra estação virão c'os cestos  
 Colher nevadas mãos negras amoras ,  
 E off'recel-as á tarde aos seus pastores.  
 Ali o légacão , e a madre-silva  
 Diffundem no arredor seu grato cheiro :  
 De madre-silva ornemo-nos as fronte.  
 Mas não : fique-se em paz a flor nevada :  
 Vamos ; n'aquella penha estão violetas,  
 São violetas a flor da Primavera.

Eis um fértil pomar : aqui Vertumno  
 Veio uma tarde do passado Outono,  
 Mudado em rouxinol , cantar nos ramos ,  
 D'onde, mais bella que a gentil Pomona ,  
 Egle andava colhendo os doces fructos ;  
 Julgou ver sua Deosa o terno amante ,  
 E tão doce cantou por entre os fructos ,  
 Tão queixoso gêmeo , gêmeo tão meigo ,  
 Cercou-a tanto com chorosos pios ,

Tantas vezes pousou na mão de neve,  
 Na trança negra, no virgineo seio,  
 Que a amavel Egle compassiva o-trouxe  
 No candido regaço ao lar paterno,  
 E em pintada gaiola o-guarda ainda,  
 Que o Deos não quer fugir do cativeiro:  
 Quando a-sente acordar pela alta noite,  
 Sólta gorgeios languidos, que possão  
 A sua Dona adormecer de novo.

Ao romper da manhã, quando no bosque  
 Ouve ao longe cantando as outras aves,  
 Elle a-acorda com subitos requebros.

; N'este fertil pomar, quantas delicias  
 Fadou o Nume ao sítio, onde foi prêso!  
 Inda folhas não ha, ; são flores tudo!

; Vede como ante o sol tremula, e brilha  
 O pessegueiro c'ó vermelho ornato!

; Vêde alem, da pereira a branca veste;  
 Da ceregeira, do abrunheiro a copa!

; Vêde como uma vide em cada tronco  
 Tenaz se-enleia em tortuosos giros!

Ja seus pequenos pampanos rebentão;  
 Verdejantes festões ja vão formando:

; Do suave morango a planta humilde  
 Aqui e ali no verde chão rasteja,

E ante ella sobe o medronheiro altivo!

; Como é puro este ceo do campo d'Egle!

; Como é doce este zephиро, que brinca

Entre as árvores d'Egle! este é ditoso

Mais do que os outros zephiros, pois salta

Em tórno á bella, e em suas vestes brinca!

; Eil-a que sac de seu campestre alvergue!

Do braço nu, e candido lhe-pende  
 Pequeno cesto com dourado milho ;  
 Chama com sua voz as pombas suas,  
 Sôbre o tecto musgoso ellas pousarão ,  
 O saboroso grão lá lhes-atira  
 A' eira circular proxima aos lares :  
 Lá vôa o niveo bando , a prêsa colhe ,  
 E com fragor os ares dividindo ,  
 E co'as azas formando auras em tórno ,  
 Outra vez arrulando o tecto cobrem :  
 Eis segundo punhado : eis vem de novo  
 Umas sôbre outras , qual nevada chuva :  
 Uma d'ellas , mais alva do que o leite ,  
 Vai pousar no cestinho ao lado d'Egle ,  
 E mansa come na formosa dextra ;  
 Fere-lhe o sol as plumas , que reflectem  
 Do Iris variado as vivas côres.  
 Despejado o cestinho , as pombas deixa ,  
 E vem á borda do redondo tanque  
 O sustento lançar aos rubros peixes :  
 Mal que o-choveo nas transparentes águas  
 Eis o lindo cardume ávido sobe ,  
 Pupizando-o procura , e meneiando  
 Ufano a cauda , occulta-se com elle.

Vamos , Amigos meus ; deixemos Egle ,  
 Deixemos seu pomar : alem nos-chama  
 A penha de violetas revestida ,  
 Onde as frentes cingir devemos todos.  
 ; Mas que risadas d'êsta parte soão  
 Entre os salgueitos do regato á borda ?  
 ; Rasgado o cinto , descomposta a trança  
 Uma Ninta gentil é quem se-escuta ,



A rir n'este pacífico arvoredo !  
 ; Eis ali entre as ondas bracejando  
 A soltar de afflicção piedosos gritos  
 Um Sátiro inteliz ! ja muito longe  
 A corrente lhe-leva o odre , e a flauta !  
 Agora á flor das águas apparece ,  
 Some-se agora no arenoso fundo !  
 Em vez de o-soccorrer , vozeião rindo  
 Da opposta varzea os rusticos pastores.  
 Ésta Ninfa gentil ia correndo  
 Por ésta verde margem , perseguida  
 Do Sátiro , que alem ja vai surgindo,  
 Lançando a grossa dextra aos longos juncos ,  
 E aos vimes , que sôbre a água estão pendentes:  
 A'quella silva no passar prendeo-se  
 Da virgem bella o transparente cinto :  
 Bate as palmas o amante , e mais ligeiro  
 Precipita a carreira , e vai clamando,  
 Venci-te ; e ávida mão ja lhe-lançava ,  
 Quando resvala na orvalhada relva  
 O pé caprino , e no cristal se-abisma !  
 Cae-lhe do seio a cana harmoniosa ,  
 ; Cae-lhe o thesouro Bacchico dos hombros :  
 Mal que pôde gritar , ó flauta ! ó odre !  
 Disse tres vezes , e esqueceo-lhe a Ninfa.

Mas todos vós em tórno d'este choupo !...  
 N'elle de fresco uma inscripção gravada !...  
 C'roas de rosas na árvore pendentes !.....  
 Rosas , e murta alcatifando a terra !  
 Lede-me ésta inscripção , lede-me á pressa :  
 Lei de amor é seu titulo : ; seria  
 A propria mão de Amor quem na-escrevesse !



= Amai, ride, bebei, cantai, Pastores,  
 Olhai que cedo a Primavera fuge,  
 E a flor, murcha uma vez, nunca renasce!  
 Pastoras, ride, amai, vivei ditosas. =  
 ; Oh lei digna de Amor, suave ao mundo !  
 ; Tu nos abres o Elísio antes da morte !  
 Vamos annuncial-a aos campos todos.  
 O' Vates, socios meus, ja que propicias  
 No berço vosso as Musas vos-olharão,  
 Votai á lei de amor desde hoje o canto ;  
 Amai, ride, bebei, cantai, ó Vates,  
 E aos sexos ambos ensinaí prazeres :  
 Vamos de valle em valle, e monte em monte  
 Aos echos obrigando que repitão  
 A lei feliz aos mais distantes Povos.  
 Cadaum colha affouto uma grinalda,  
 D'estas, que pendem nos viçosos ramos,  
 Affouto cadaum se-orne com ella :  
 Segundo penso, fabricadas forão  
 Por mão das tres Irmãs do Nume Alado :  
 Terá sua fragrancia em nossas mentes  
 Influencia divina, e o mundo inteiro  
 Em nós verá de amor os Sacerdotes.

Vamos: eu quero amar: sim: porém onde,  
 ; Onde estará da primavera a Deosa ?  
 Por toda a parte os seus vestigios noto,  
 ; Mas não a-posso achar ! flores, delicias,  
 Verdura, almos favonios, mil prazeres,  
 Noto por toda a parte, e não a-encontro !  
 ; Mas vós rides ? ; Julgais que não existe  
 A Deosa amavel, que minha alma inflamma ?  
 ; Minha doce paixão julgais delirio ?

Sim , existe ésta Virgem graciosa ;  
 ; Não são sem divindade estes prodigios !  
 ; Quem faz tão doce murmurar a fonte ?  
 ; Quem abre a rosa na materna planta ?  
 ; Quem dá cheiro á violeta , e cõr ao lirio ?  
 ; Quem faz tão puro o ceo , tão verde o campo ?  
 ; Quem obriga a cantar tão doce as aves ?  
 ; Quem lhes-ensina a fabricar seus ninhos ?  
 ; Quem é que influe no coração dos homens  
 Tanto amor , tanta paz , doçura tanta ?

Sim , existe ésta Virgem graciosa ,  
 A minha doce Amante , a minha Amada.  
 Mas ah ! pastor nenhum me-dá noticia

De a-ter visto passar , ; e eu vejo impressas  
 Suas pisadas n'este campo ameno !

Ah ! quem me-dera que chegasse a noite :  
 Da noite no pacífico silencio

Transmite o ar mais longe o som das vozes ;  
 Do casal mais distante ouve-se ás vezes

O rafeiro ladrar , ouve-se o gallo ,  
 Que a mui longa distancia o canto sólta :

Ah ! quem me-dera que chegasse a noite !  
 Irei gritar do cume dos outeiros

O' Primavera , ó doce Primavera ;  
 E depois que tres vezes repetirem ,

Ao longe os echos meu tristonho grito ,  
 Attento escutarei , se me-responde :

Se nada ouvir , com redobrada força  
 Bradarei , Primavera , ó Primavera :

E os campos todos correrei bradando :  
 O rouxinol , e o mocho de medrosos ,

E a rá se-calará no verde charco.

Na solitaria gruta alguma ninfa  
 Ha de acordar, e á parte do oriente  
 Lançar a vista, procurando a Aurora ;  
 A Aurora não virá, e eu longo tempo  
 Andarei pelas trevas suspirando.  
 Se tres vezes o sol descer ás ondas,  
 Sem que eu possa encontrar a minha Amada,  
 E sem que algum pastor me-informe d'ella,  
 Riscarei seu amor da minha ideia,  
 Pensando que era ingrata, ou que entre sonhos  
 Somente a-vi nos extases do estro.

Mas não amar !... ; e serei eu no mundo  
 O primeiro infractor da lei suave ?...  
 O' Chloe, ó bella, ó suspirado encanto  
 De tantos corações, que impune feres,  
 ; Tu de meus ternos canticos o objecto,  
 Tu somente scrás : quando passares  
 Com teu rebanho á tarde pelo bosque,  
 Para o-levar ao limpido regato,  
 Sentado me-verás na flórea margem  
 Sôbre uma pedra a celebrar teu nome.  
 Quando o curral a teu rebanho abrires  
 Ao romper da manhã, ver-me-has não longe  
 Junto de tuas árvores louvar-te :  
 Quando na sesta á sombra da oliveira  
 Tiveres docemente adormecido,  
 Em sonhos ouvirás sonora flauta  
 Na selva resoar, e interromper-se  
 Por cantos faceis de extremoso amante.

; Mas vêdes sôbre os ceos como vai alto  
 O astro d'ouro, e já se-encurta a sombra ?  
 Vamos, Amigos ; sôbre a penha ha muito

Que os meus desejos férvidos revoão :  
 Eil-a se-amostra placida sorrindo ;  
 ; De flores um montão parece aos olhos !  
 ; A cada passo nosso aqui se-calcão  
 Mil violetas, mil rubidas boninas !  
 ! Oh como é puro o ar sôbre este cume !  
 ; Que densissimos louros se-entrelação  
 Formando n'este sítio um sacro bosque !  
 ; Que pura fonte entre rosaes murmura ,  
 Descendo áquelle valle , e ostenta á vista  
 No fundo os seixos , e a dispersa areia ,  
 E do peixe nadando a curta sombra !  
 Mas sobretudo ; que frescura amena  
 N'êsta gruta , que fôrta annoso musgo ,  
 E revestem por fóra as verdes heras  
 C'o florído lilaz entretecidas !  
 Ah ! ; que ideia feliz surge em minha alma !  
 Amigos , escutai-me ; êsta collina  
 Desde hoje para nós seja o Parnaso :  
 Eis a gruta de Cirrha , onde costuma  
 Phebo sonhar magnificas imagens.  
 Eis ali seus loureiros agitando  
 Os verdes ramos , e as cheirosas flores.  
 Ceos ! nada falta ! a doce , e cristalina  
 Suspirada Castalia aqui murmura :  
 N'aquelle seu pacífico remanso  
 Sôbre a linfa diatana escorregão ,  
 Mansamente nadando , os niveos patos ;  
 Que a ter mais doce a voz julgáreis cisnes ;  
 Lindas pastoras , que este sítio habitão ,  
 Pelos seus cantos nossas Musas sejão.  
 Eis o nosso Parnaso ! ó mago encanto ! . . .

Caros Amigos , respiremos estro :  
 Ventos de Cirrha dissipai a calma ,  
 Estriai , sacudi das nossas fronteas  
 Do importuno suor as quentes bagas.  
 Já sobre a terra os raios penetrantes  
 Directos vibra o sol ; nem sombra estende  
 O choupo erguido , que inda está sem folhas :  
 Ah ! vames repousar no fresco abrigo  
 Das frondentes abobadas dos louros :  
 N'outro tempo este sítio era vedado  
 Ao raio , inda o menor , do sol do Estio ;  
 Mas o Inverno ind' ha pouco affugentado  
 Rompeo aqui e ali com rudes golpes  
 Este aprasivel pavilhão das Musas.  
 Havemos de plantar uma cabana  
 Quadrada , e densa , de verdura alegre ,  
 Lá no mais alto do sagrado Outeiro ;  
 Ali viremos , de cuidados livres ,  
 Muitas vezes cantar a formosura ,  
 Beber de Baccho as taças espumantes ,  
 Causar espanto ás Driades do bosque  
 Pela nossa amizade , e os nossos risos.

Será o nome d'este asilo amavel  
*Templo da Natureza* : e os nossos cantos  
 Hão de só descrever as graças d'ella :  
 Na venturosa paz d'este retiro  
 Não virá perturbar nossas ideias  
 Com seus trovões , com seus coriscos horridos (1)

---

(1) Eis-ahi os primeiros exdruxulos , que fiz  
 em minha vida , e espero que sejam os ultimos ;  
 ainda que por isso fique excluido da communhão  
 de certa Seita moderna.

Turba sublime de soturnos vates :  
 Nos marmoreos palacios levantando  
 O collo altivo, em rouca voz praguejem  
 Contra os tiranos, contra os monstros barbaros;  
 Pinrem de roxo os prepotentes déspotas,  
 Fulminem os perversos aristocratas,  
 E voem sempre alem da natureza:  
 Não lhes-invejo, não, a bronzea ruba,  
 Que por som de trovão rasga os ouvidos;  
 De nosso humilde genio estou contente;  
 Nada mais temos que uma agreste flauta:  
 Com ella muda, ás vezes longas horas,  
 Da natureza os quadros estudâmos.  
 Somos como este rouxinol, que espalha,  
 Depois de os-meditar, os seus gorgeios;  
 Em quanto o mocho a luz aborrecendo  
 Nos amenos vergeis nunca discorre;  
 E aos naturaes praseres insensivel  
 Passa o dia dormindo em cava furna,  
 E sóta pela noite horrendos guinchos,  
 Pousado junto ao ceo por entre horrores.

Elmiro, ó tu que, tanto como odeio,  
 Odeias as sonoras bagatellas,  
 E ris, como eu, dos estrondosos nadas;  
 Nunca re-affastes da florída rota,  
 Por onde a natureza o genio chama.  
 Da madrugada nos ligeiros sonhos,  
 Costumas ver de murtas coroadas  
 Entre pastores celebrar prazeres  
 A amavel sombra do risonho Gessner.  
 Oh! quando aos campos teus um dia voltes;  
 A'sombra do teu cedro será doce



Ouvir-te pranteiar, perdida amante !  
 Entre as folhas cheirosas susurrando,  
 Qual favonio subtil, os manes d'ella  
 Doce tristeza ao coração re-enviem :  
 Em quanto da Cidade entre o tumulto  
 Eu misero vagar co'a ideia cheia  
 De mil saudosas, placidas lembranças  
 Da Provincia pacífica, e ditosa,  
 Em teu fertil torrão verás contente  
 No ceo de teu jardim nascer a Aurora :  
 Regarás pelo fresco as flores tuas  
 Junto da terna Mãe, que este só gôsto  
 Na morte conservou do esposo amado :  
 E passa o dia a suspirar tao triste,  
 E tão formosa, qual viuva rôla :  
 Outras vezes as pombas, que sustentas,  
 Terno irás visitar co'as Irmãs bellas,  
 Qual entre as Graças passeiára Adonis  
 Nos arvoredos da formosa Cypria.  
 Elmiro, ; e alguma vez tambem meus versos  
 Serão do teu retiro um passatempo ?  
 Quando eu t'os-enviar, vós reunidos  
 Junto do fogo nos serões do inverno,  
 Contentes os-leréis; e tu girando  
 Co'a vaga ideia nos passados tempos,  
 Dirás a suspirar = é meu amigo =  
 Mas vós adormeceis ! áperta amigos:  
 Eia, surgi da relva, que ja sopra  
 Um ar mais fresco ao tecto movediço :  
 ; Que murmurio resoa em toda a selva !  
 Este som magestoso engana ás vezes  
 Pela alta noite o timido viajante,



Que julga ouvir de um vasto rio a queda :  
 Vamos correndo á gruta, onde Amarillis  
 Com seu Dametas consumia as tardes :  
 Ali votei comvosco reunido  
 Fazer á Primavera honrosa Festa :  
 Já agora o nosso Anfriso ha de ter feito  
 Com suas proprias mãos o altar campestre :  
 Já do cedro balsamico, estendido  
 Terá sobre elle n'um doce! os ramos,  
 D'alvo, e cheiroso pó subtil cobertos :  
 Já no tronco d'esta árvore entalhado  
 Terá da Primavera o grato nome,  
 Se é que amor lhe não tez gravar = Dorinda = ;  
 Dorinda, cujos magicos encantos  
 Na lira do amador gerão milagres ;  
 Cujos olhos, tão negros como a noite,  
 São como a noite ao Deos de amor tão caro :

Sim, vamos : ; vedes vós este menino,  
 Que vem correndo para nós montado  
 N'uma cana inda verde? oh ! ; como soão  
 Em seu cavallo repetidos golpes  
 De tenra vara, que vaidoso agita !  
 ? Ouvis com doce voz chamar meu nome ?  
 — Salve, caro menino, adeos; não posso  
 Comtigo demorar-me ; eu te-prometto  
 Que outro dia virei toda uma tarde  
 Fazer-te as curtas flautas, que parecem  
 A voz do rouxinol mettidas n'água :  
 Procura-me amanhã n'esta collina,  
 E aqui te-contarei longas historias.  
 — Ouvi-me : este menino é de Palemon  
 O filho encantador ; sua innocencia

O-torna igual á rosa meia aberta.  
 Na ardente sesta do abafado agosto ,  
 Em que fostes ao rio mergulhar-vos  
 Ao fresco abrigo dos chorões frondosos ,  
 Eu passeiava aqui n'êsta frescura ,  
 Quando correndo a mim este menino  
 Vergonhoso me-diz : — ; quereis atar-me  
 Este cordão nas pontas do meu arco ,  
 Bem seguro , bem forte , que não quebre ?  
 — Sim , amavel menino , eu lhe-respondo ,  
 Sim quero atar-t'ó bem seguro , e forte ;  
 E em quanto lh'o-fazia , assim lhe-disse :  
 — ; Pertendes ir caçar as borboletas ,  
 Ou castigar alguma abelha queres ?  
 — Não ; vou lançar á minha mãe um tiro.  
 — ; Um tiro á tua mãe ! — Sim n'outro dia  
 Deo-me tanto nas mãos , que me-ficárão  
 A doer , tão vermelhas como as rosas.  
 — ; E porque te-ferio tão cruelmente ?  
 — Eu tinha , tornou elle , um negro melro ,  
 Que no bosque apanhei co'a minha rede :  
 Como cantava bem ! . . . todo era lindo !  
 Os assobios d'elle erão tão doces ! . . . .  
 Gostava tanto d'elle , como estimo  
 Das minhas tres irmãs a mais pequena ;  
 Mas n'outro dia me-esqueceo atado  
 Ao sol toda a manhã : quando fui vel-o  
 Encontrei-o doente , abria o bico ,  
 E o comer , que lhe-puz , me-recusava.  
 Disserão-me que a calma o-perseguia ;  
 Fui a correr com elle , e cinco vezes  
 O corpo inteiro lhe-metti no tanque :

Mas um pouco depois vi-o sem forças  
 Cair, movendo muito pouco as azas;  
 Quando parou, julguei, que adormecia;  
 Mas quando soube que elle estava morto,  
 Fui a chorar, levando-o no meu seio;  
 Mostrei-o á minha mãe, que estava morto,  
 Que já nada cantava o nosso melro;  
 Afflicto a soluçar contei-lhe tudo;  
 Mas ella me-punio, como se minha  
 Fosse a culpa da morte, que chorava.  
 — Cruel menino, lhe-tornei severo,  
 Cruel menino, e só por isso queres  
 Tua mãe traspassar co'as frechas tuas?  
 — Não, não lhe-farei mal, me-torna rindo,  
 Se tu soubesses o que as setas fazem,  
 De certo havias atirar-me ao peito.  
 — Não te-percebo, explica-te, lhe-tórno.  
 — Na cabana de Mopso, me-responde,  
 Ha um copo de pão todo pintado,  
 Que elle já prometteo, que me-daria,  
 Se eu lhe-levasse a fita com que prende  
 Filis, a minha irmã, os seus cabellos:  
 N'este copo por tóra está c'um arco,  
 Para atirar de uma pastora ao peito,  
 Um menino, como eu, co'os olhos negros  
 Voltados para mim, e sempre a rir-se;  
 Tem duas azas lindas sobre as costas,  
 Bem como a borboleta, que me-escapa  
 Entre as roseiras, quando a-vou seguindo.  
 Mopso me-disse o nome, que lhe-davão,  
 Porém... já me-esqueceo: também me-disse  
 Que elle costuma á gente descuidada

Muitas vezes lançar aquellas settas :  
 Eu cuidava , que as settas matarião ,  
 Por ter visto uma vez uma alva corça ,  
 Que o caçador matára c'uma setta ;  
 Mas Mopso me-jurou que não matavão ,  
 E contou-m'o sem rir , pois nunca mente.  
 Aquellas settas vem ferir o peito ,  
 Escondem-se lá dentro , e ninguem acha  
 Nem ferida , nem dor , nem mesmo sangue ;  
 Se obrigão a chorar , e a ficar triste ,  
 Como ás vezes o-faz meu caro Mopso ,  
 Em toda ésta tristeza ha tanto gôsto ,  
 Que é mais doce gemer , que estar alegre.  
 Eu d'isto nada entendo ; porem Mopso  
 Me-disse que algum tempo o-saberia.  
 Lembra-me agora : este menino bello  
 Chama-se Amor , não é verdade ? — E' certo  
 Lhe-respondo , apertando-o nos meus braços ;  
 Chama-se Amor , e é como tu formoso.  
 — ¿ E seus tiros não fazem , que fiquemos  
 Tão amigos de alguém , como o cordeiro ,  
 Que anda a brincar com seu irmão no prado ?  
 — Sim , é verdade— Bem ; da-me o meu arco ,  
 Aqui tenho ja pronta a minha frecha ,  
 Aonde atei as penas de uma pomba :  
 Vou ferir minha mái— Louco , o teu arco  
 Como o d'elle não é , lhe-brado rindo ,  
 Aperta o collo seu , beija-lhe a boca ,  
 Supplica-lhe o perdão , conta-lhe tudo ;  
 E eu re-protesto que a-acharás tão doce ,  
 Tão leda para ti , como as ovelhas

Costumão ser para os pequenos filhos —  
 Não me-ouvio mais: correio, e de caminho  
 Colheo para offertar-lhe algumas flores.

Calemo-nos: ; ouvis como resoa  
 De uma Pastora pouco longe o canto?  
 ; Oh como a doce voz ternura exprime  
 Nos versos, onde esquiva se-presume!  
 No pinhal, onde está com seu rebanho,  
 Nem se quer uma folha agita o vento:  
 Nem um leve gorgueio as aves soltão:  
 Mal haja o seu rebanho, que disperso  
 A-obriga a bradar, e a interromper-se,  
 Para juntal-o com temor que o lobo  
 Não lhe-arrebate alguma ovelha errante.  
 ; Porque batestes d'este modo as palmas?  
 ; De que serve este applauso? envergonhou-se,  
 E mais não cantará vendó-nos perto:  
 Fica-te em paz no meio do teu gado,  
 Cantora dos pinhaes, e cedo tenhas  
 Quem te-obrigue a formar outras cantigas.  
 ; Porque Fado contrário ao bem dos homens  
 A belleza, e o rigor se-encontrão juntos?  
 Assim tornado em gruppos amarellos  
 Da Primavera ao bafo omnipotente  
 Este mato espinhoso encanta os olhos.

Mas eis-nos ja no suspirado sítio;  
 Alem se-mostra a Gruta: aqui se-eleva  
 O cedro antigo, o novo altar cobrindo.  
 Apressai-vos; correi o campo, ó Socios,  
 Va colher cada qual uma grinalda,  
 Para darmos princípio á nossa Festa.  
 Partirão! eis-me só. Por este prado

Vejam os se escolher meus olhos podem,  
Para cingir-me, algumas flores bellas.

Salve Pastora de formoso gado,  
Oh ! quererias tu perder comigo  
Alguns momentos ? colhe-me violetas :  
Tece uma c'roa, os meus cabellos orna,  
Que pertendo ir cantar a Primavera,  
; Como cedeo veloz ás preces minhas !  
Depôz ao lado meu sôbre a verdura  
O cordeiro, que tinha em seu regaço,  
E partio. ; Quanto é lindo o seu cordeiro,  
Tão alvo, tão pequeno como um lírio !  
; Como busca em meus dedos innocente  
Da Mãe, que ao longe bala, a doce teta !  
Se elle fosse maior, eu lhe-daria  
Para comer na ausencia da Pastora,  
E'stas papoulas, ésta fina grammã.

; Oh que silencio amavel me-rodeia !  
; Não oiço mais que as águas d'uma fonte ;  
Serena viração de quando em quando ;  
A bulha de alguns ramos espinhosos,  
Que a ovelha a puxar do tronco arranca ;  
A voz do lavrador aos bois tardios ;  
E muito ao longe um carro vagaroso,  
Cujos agudos sons quasi se-perdem !

Voltou a minha Flora, eis-me c'roado :  
; Graças, ó doce, e rustica Belleza !  
Sempre em tórno de ti rebentem flores,  
Que o teu rebanho cobiçoso pasça :  
Nunca te-falte pelo Estio a sombra,  
E amor te-volte em fructo as esperanças,  
Se esperanças de amor no peito nutres.



; Vês tu aquelle Altar ? ; Sabes que em honra  
 Se-ergueo da Primavera ? Se quizesse ,  
 Ali podias figurar a Deosa , (1)  
 Que vamos celebrar no alegre brinco.  
 Anda , amavel Pastora , orna-te á pressa ,  
 A trança , o collo , o seio ; e no regaço  
 Lança flores quaesquer , qualquer verdura :  
 Faze-me este praser : do cedro ao tronco  
 Vai-te encostar do modo , que te-digo ,  
 Co'a mão na face , e c'ó sorrir nos labios.  
 Quero aos amigos meus , quando voltarem ,  
 Dizer que eu invoquei a Primavera ,  
 E que ella em fim desceo para escutar-nos :  
 Folgaremos de ver como se-illudem :  
 Como todos ante a Ara ajoelhando  
 Com maior devoção cantáo seus himnos.  
 ; Porque te-ris , singella rapariga ?  
 ; Porque foges de mim ? se não consentes ,  
 Se em nosso altar ser Deosa te-envergonha ,  
 Cedo iremos buscar-te pelas selvas ,  
 Chamar-te Deosa , e envergonhar-te em dôbro :

---

(1) Na *Primavera* de meu Irmão Augusto Frederico de Castilho ha um lugar paralelo a este , não em quanto á expressão , mas só em quanto ao pensamento principal. Cumpre-me porêr advertir duas cousas : primeira , que nenhum de nós foi plagiarío , nem o-podiamos ser , porque todos compunhamos em sêgrêdo : segunda , que a passagem do Poema , em que elle descreve Nise figurando a Primavera , é muito superior em merecimento a estes versos.



Eis-vos em fim , Amigos meus , voltastes ;  
Eia á pressa mostrai-me as vossas c'roas.

Terno , suave , encantador Josino ,  
; Como escolheste bem ! ; com quanta graça  
Casão co'a murta os geivos amarelllos !  
; Quanto me-apraz o misturado cheiro !

Tu cujo coração doçura é todo ,  
Cuja voz graciosa attrahe , e encanta ,  
Mereces bem a recendente c'roa :

Ah ! se eu pudesse , eu mesmo colheria  
Miudos astros sobre a azul planicie ,  
Para adornar-te de immortaes capellas ,  
Pois fizeste voar ao Ceo meu nome :  
Mas minha gratidão é quasi esteril ;  
Dou-te o que posso ; gravarei teu nome  
E teu louvor nos bosques , onde o leião.

Ao passar Hamadriades formosas ,  
Decoraráõ os versos , que te-sagro ,  
E dirão muitas vezes suspirando ,  
= Quem me-dera encontrar este Josino  
N'alguma solidão , por ver se acaso  
Tem cantigas tão doces , como o-pintão =

Vejamos , meu Irmão , a tua escolha.  
Eis-te , como eu , cingido de violetas :  
; Ah quanto são iguaes os gostos nossos !  
Abraça-me , Cantor da Natureza ;  
Abraça-me , e durante a vida toda  
Jura-me , ó caro , de a-estudar comigo ;  
Abraça-me outra vez ; nossa amizade ,  
Nossa terna amizade , e nosso estudo  
Aperte mais , e mais do sangue os laços.  
Se alguma vez um fado rigoroso ,

Insensivel aos ais , e ao pranto amargo ,  
 Te-apartasse de mim. . . . . ; oh nem eu posso,  
 Nem quero figurar minha amargura !  
 Vai para o nosso altar : não tardo muito  
 Em voar a teu lado ; ali contente  
 Ficarei entre ti , e o nosso caro  
 Pequeno irmão , que a flauta harmoniosa  
 Já começa a tocar na tenra infancia :  
 ; Eil-o de brancas rosas coroado ,  
 Candida imagem da innocencia bella !

Elmiro o teu ornato é bello , e simples ,  
 Mirto e teixo , de amor e mágoa emblemas.  
 Não são menos gentis , nem menos proprias  
 As vossas , meigo Assiz , e alegre Albano :  
 Do amor perfeito as flores melindrosas  
 Formão , Assiz , a tua , que remata  
 Pendendo sôbre a fronte uma saudade ;  
 Dos teus suspiros o querido objecto  
 Longe está , bem o-sei , mas não receies :  
 Tua Amada fiel na ausencia chora ;  
 Sua imaginação durante o dia  
 Vão a buscar-te aos campos do Mondego :  
 Dos campos do Mondego aos braços d'ella  
 Seus vivos sonhos rapidos te-levão.  
 Albano , o teu amor é mais ditoso ;  
 Adorado tambem , vês muitas vezes  
 De tua Amada os olhos , que te-inflamão  
 E os sorrisos , que em louco te-convertem  
 Entre esperanças , que talvez não murchem.  
 Não muito abertas , mil purpureas rosas  
 Cercando as tuas fontes me-affigurão  
 A imagem vêr de vergenheiros beijos.

Vem , meu Antriso : a tua d'entre todas  
 É por certo a mais funebre grinalda.  
 É de cipreste um ramo , onde sem ordem  
 Gemendo entresachaste alguns suspiros.  
 ; Que ! tua Mãe tão cedo abandonar-te ! ...  
 ; Ah sim , desde hoje os maternas carinhos  
 Não virão adoçar as mágoas tuas !  
 Orão triste , infeliz , perdoa ao Vate ,  
 Perdoa ao teu amigo , se renova  
 A funda chaga , que inda verte sangue :  
 N'ella amor , e só elle poderia  
 Seu balsamo efficaz lançar piedoso ;  
 ; E Dorinda gentil , como que busca  
 Encher-te o vacuo aos brandos sentimentos !  
 ; Mas a saudade maternal é muito !  
 ; Este vacuo sem fim nada o-preenche !  
 Nem Dorinda fiel , que adoras tanto ,  
 Nem as Musas , nem eu , nem todo o Mundo  
 Podemos mais , que mitigar-te as dores.

Quero contar-te a história do cipreste ,  
 D'onde talvez foste apanhar teu ramo.

Prêso das graças da formosa Silvia  
 Titiro , guardador de pobre armento ,  
 Com seus ais estes montes abalava ,  
 Sem uma vez o coração ferir-lhe :  
 A bella desdenhosa muitas vezes ,  
 Quando o-sentia a modular ternura  
 Ao som da flauta n'um sombrio valle ,  
 Torcia , por não vel-o , o seu caminho :  
 ; Ah se o-visse deitado entre o rebanho ,  
 O pranto a rebentar dos lindos olhos ,  
 E ao som da flauta em baixa voz unidos

De quando em quando um ai, e o nome d'ella;  
 Talvez a amor, e á compaixão cedendo,  
 Perdesse o orgulho, e os virginaes rigores,  
 E ficasse mais bella, a ser piedosa.  
 Por só consolação de seus desgostos  
 A'Pêga, que furrara á casta Silvia,  
 Fazia repetir da Amada o nome:  
 Pelos affagos do Pastor cativa  
 Nunca a avesinha ao misero deixava:  
 So ás vezes aos lares revoando  
 Da formosa cruel, d'ali furtava  
 Alguma prenda, que trazia ao dono,  
 E mais com isto lhe-aumentava a chamma.  
 Era triste, mas doce, ouvir de noite  
 Pelos bosques bradar ó Silvia, ó Silvia,  
 O terno amante, e acompanhal-o a Pêga,  
 Já pousada em seu hombro, ou já gritando  
 De algum ramo tremente, ó Silvia, ó Silvia!  
 Longos tempos assim pelas florestas  
 Vagar se-virão solitarios ambos;  
 Té que o loquaz brutinho de cançado  
 Veio um dia cair entre as mãos d'elle,  
 E ás azas dando terminou seus dias.  
 Ao fiel companheiro últimas honras  
 Deo Titiro infeliz, e ergueo sôbre elle  
 Um pequenino tumulo de barro;  
 Plantou-lhe perto de cipreste um ramo,  
 Rogando aos Numes que jamais crescesse:  
 Mas pouco e pouco o tronco foi sobindo,  
 E com elle de Titiro a saudade.  
 Talvez, que o bello tumulo não visses,  
 Pois hervas mil em tórno d'elle crescem

! Ah desde que o Pastor também jaz morto !

A nossa bella Festa , eia comece :

Do sublime Gouveia ao som da flauta

Traçai primeiro as graciosas danças ,

Quaes no arvoredos os Satyros costumão.

Cantai depois á Primavera os himnos ,

E acabe a Festa ao retinir dos copos ,

E aos das Saudes misturados gritos :

Em quanto vós dançais , da Deosa em honra

Vou ante as aras recitar meus versos.

Deosa das flores , doce Mai do Mundo

Fonte suave de innocentes gostos ,

Voluptuoso prazer de quanto existe ;

A cuja vinda as aves endoudecem

De alegria , e de gosto alvoroçadas ;

Os rebanhos lanígeros balando

Correm do quente aprisco aos pastos verdes

Para gosar , de envolta co'abundancia ,

As doçuras de amor , por entre os matos ,

Ou nas selvagens solidões dos bosques.

! Deosa por cujo influxo os homens folgão ,

E gemem de ternura ; e as bellas cantão

Doces versos de amor ! sim , que o teu sôpro

Em tórno aos corações derrete os gelos ;

Deosa das flores , doce Mai do Mundo

A tua voz macia como as auras ,

E grata como o som das claras fontes ,

Acordou brandamente , e trouxe á vida

Do lethargo , e da morte a Natureza.

Ao teu aspecto , á tua voz fugirão

As chuvas , os trovões , e as tempestades :

Cibelle despertou , sorriu-se ao ver-te ,

E chamando co'a voz , que impera em tudo ,  
 Silphos , Oadinos , Salamandras , Gnomos ,  
 Ide , voai , lhes-disse , amaveis Filhos ,  
 Eu puz a vosso arbitrio os elementos ,  
 Vós sois a minha glória , e podeis tudo .  
 Ide , voai , ; o proprio instante , é este !  
 Ardendo de impaciencia homens , e Numes  
 Fitão no campo alvoroçados olhos :  
 ; Eis , eis o instante do annual prodigio !  
 Correi , voai , trouxei-me diligentes  
 As vestes nupciaes em vez do luto ;  
 Ja do aprisco do Ceo as bellas Horas  
 Forão soltar o aurigero Carneiro ,  
 Ja nos campos azues fulgura , e pasce .  
 Assim dizendo , e despedindo os Filhos  
 Sôbre seu leito ainda recostada ,  
 A Deosa universal ao terno peito  
 Te-abraçou , te-cobrio de mil caricias .  
 O Primavera , ó doce Amada , ; quanto  
 Este abraço feliz accende , encanta  
 Minha imaginação ! ; nunca se-unirão  
 Ternos amores com delicias tantas !  
 ; Oh prodigio sem par ! ledos voarão  
 C'oados de laureis , do leito em tórno ,  
 Mil prazeres brincões , mil amorinhos .  
 N'estes momentos rapidos , ardentes  
 Cobrem da terra a face , e relva , e flores :  
 Purificado o Ceo de azul se-veste ;  
 Foge o duro Aquilão , reinão Favonios ;  
 Pelos orvalhos fecundado o bosque  
 Começa a rebentar ; vôão , modulão  
 Por toda a parte as aves namoradas ;



D'entre as ondas mansissimas dos rios,  
 D'entre o cristal das fontes, e regatos,  
 Dos rochedos, das árvores, dos prados,  
 Das florestas, das grutas, e montanhas  
 Soberbas do triunto estão saindo  
 Trajando pompa as Ninfas melindrosas,  
 Que do Inverno ao furor se-homisiarão.  
 O Sol, que todo o Inverno envolto em nuvens  
 Dormio nos Ceos ao som das tempestades,  
 Acorda agora: um vento cuidadoso,  
 Mal que o-vê levantar, desfaz, dissipa,  
 Qual tenue fumo, o carregado leito.  
 São teus, ó Primavera, estes milagres,  
 Este alvoroço, este prazer, que agita,  
 Que arrebara, que enleva os entes todos.  
 O' minha Amiga, ó doce Primavera,  
 ; Como te-hei de louvar? tu dissipaste  
 O frio, o géllo, que cercou meu estro:  
 Muda no Inverno a minha lira esteve,  
 Minha imaginação dormia inerte:  
 Tu vieste: um calor, um fogo ethereo,  
 Inexplicavel, magico, divino  
 Me-encheo, me-arrebarou: destez-se a nuvem,  
 Que do Parnaso os bosques me-escondia:  
 Vi appar'cer de subito a meus olhos  
 As nove Irmãs, a fonte da Castalia;  
 A Gruta do Êstro, os Cisnes alvejando  
 Por entre o verde dos soberbos louros:  
 Ouvi de Phebo a Lira acompanhando  
 Os novos cantos das Pierias Deosas:  
 Vi regendo Terpsichore formosa  
 Danças de Graças, e innocentes Ninfas,



Que os amores travessos perturbavão.  
 Senti meu genio em sacro fogo ardendo.  
 Foi forçoso cantar: cantei a glória  
 Da natureza renascente, e bella,  
 Os prazeres, os bens, que tu nos-trazes;  
 Cantei-te em fim, risonha Primavera.

! Mas ah como veloz se-passa o dia;  
 Bem que propicia, a alegre Natureza  
 Alonga os dias da Estação das flores;  
 E pouco, e muito pouco á noite deixa!

Antes que a noite nos-descubra os astros  
 Convem partir, e abandonar os campos,  
 E ir n'um batel, como hontem vos-dizia;  
 Levar tambem das Naiades ao Reino  
 Nosso vivo prazer, nossa ventura.

Adiante de nós vai tu, Josino,  
 O batel procurar, em quanto aos hombros  
 Nós conduzimos rosmaninho aos feixes.  
 Do luminar da noite á luz nascente  
 Remaremos nas ondas perguiçosas,  
 Os pares revesando, e enchendo os ares  
 De cantigas em chusma, alegres vivas,  
 E brados festivaes, que ao longe sôem  
 Até ao mar pelas sombrias margens.  
 Depois que este clamor diminuindo  
 For cedendo á perguiça, e quasi ao somno,  
 Nós iremos prender na fresca varzea  
 A um grosso tronco o fluctuante barco,  
 Lançaremos por cima o branco rôllo,  
 Bastante abrigo do nocturno orvalho;  
 E sobre o chão, que o rosmaninho cubra,  
 Em baixa voz tranquilllos conversando,

Esperaremos brandamente o somno,  
 Quando , alta noite , algum de nós acorde  
 Ao som de algum Favonio , que brincando  
 Cause um tenue rumor no linho ondeante ,  
 Julgará que uma Naiade levanta  
 D'entre as águas a vista curiosa ,  
 E ao somno entregues nos-indaga attenta ;  
 E mal que a Aurora em fim surgir de novo ,  
 O clarão da alvorada , e as andorinhas  
 Chamar-nos-hão de novo aos gratos campos :  
 Ergueremos as candidas cortinas ,  
 E veremos de subito encantados  
 Sobre nós a verdura estar pendente ,  
 Do pranto da manhã já rociada.

Mas lá vem do Oriente a nova Lua ,  
 E inda de todo o Sol não desce ás ondas.  
 Já no rustico asilo o boi tardio  
 Entraria talvez , levando o arado :  
 Por toda a parte os gados vão passando ;  
 Um pequeno pastor cá nos-sauda ;  
 Leva no seio um tenro cabritinho ,  
 Que inda ha pouco nasceo n'aquelle mato.  
 Sustenhamos o halito ; escutemos  
 E'sta distante musica divina,  
 ; Quantas vezes não tenho entre transportes  
 Escutado este som nas bellas tardes !  
 São pastoras , que ao longe no arvoredo  
 Cantão após seus gados confundidos ;  
 Muitas flautas seus cantos acompanhão ,  
 Mas das flautas o som perde a distancia ,  
 E ouvimos uma só de muitas vozes.  
 ; O'Natureza , ó Tarde , ó Primavera ! . . .

; Lágrimas de prazer vertem meus olhos !  
 ; Este som me-arrebata ! ; aonde estamos ?  
 ; Será n'um bosque de propicias Fadas ?  
 ; Ou serei eu ja sombra , e vós comigo ?  
 ; Habitaremos nos Elisios valles ?  
 ; O'delirio ! minha alma revoando  
 Correo n'estes momentos deleitosos  
 Os bosques todos , onde habita Venus.  
 Ja nada se-ouve , e extraticos ainda  
 Imaginais ouvir : eia partamos :  
 Ligeiro orvalho sem rumor descendo  
 No adejo d'este Zephiro , que passa ,  
 Dos restos do calor vem litterar-nos.  
 ; Que brilhante contraste nos-presentão  
 D'este nosso caminho es lados ambos !  
 Este immenso pinhal sobre o Poente  
 Um quadro melancolico figura :  
 Entre elle e nós silvados se-levantão  
 Formando um muro aqui , e ali quebrado :  
 Não tarda o Sol momentos a sumir-se ;  
 E c'os brilhantes ultimos seus raios  
 Do mais vivo escarlata o campo , as folhas ,  
 E as faces nossas graciosas tinge :  
 Da parte opposta na planicie immensa ,  
 Que ao fundo em montes , e olivaez termina ,  
 Ja começa a estender seu manto a noite :  
 Na escuridão nascente está brilhando  
 D'Iris formosa o arco variado :  
 Assenta na planicie uma das pontas ,  
 E ali sôbre o terreno se-confunde  
 O brillantismo das primeiras cores :  
 ; Quanto se-vai do baixo separando ,

F. erguendo a extremidade ao Sol fronteira ;  
 Tanto se-vai murchando o colorido  
 Te que se-esvae na azul immensidade!  
 ; Quanto agrada ésta scena, e pouco dura !  
 ; Ah vêde a Imagem da ventura humana !

Desceo a noite em fim : ja nas folhagens  
 Emudecendo as aves se-aninhárão,  
 Começa ao longe o solitario mocho,  
 E não sei onde os compassados guinchos.  
 Ouvi, Amigos meus, o meu desejo,  
 Que estes sons melancolicos produzem :  
 ; Perdoai se ao prazer junto a tristeza !

Se os Deoses minhas súplicas ouvissem,  
 Eu pediria aos Deoses que me-dessem  
 Passar meus dias em campestre asilo ;  
 Gozar minha pacífica existencia  
 Da Natureza no feliz regaço :  
 Mas ja que os Deoses minha voz desprezão,  
 Vós, vós a-guardaréis no fundo d'alma,  
 Nem murchar deixaréis minhas esp'ranças.

Depois que, entre os abraços delirantes  
 De todos os que amei, findar meus dias,  
 Sepultai-me n'um valle ameno, e fertil. (1)  
 Para marcar da sepultura o sítio

---

(1) O meu amigo José Victorino da Fonceca Cardoso tem começado em uma sua quinta na Beira um jardim, tal como eu o-descrevo nos seguintes versos, e que pretende consagrar á minha memoria. ; Desgraçado aquelle a quem este monumento da amizade não enternece !

Sobre o cadaver, que vos-foi tão caro,  
 Mangeronas plantai, cuja verdura  
 Em roda fechem variados lirios.  
 Sobre a raiz d'uma frondosa Olaia  
 Pouse a minha cabeça; e o tronco amigo,  
 Curvando sobre mim florída copa,  
 Fresca sombra me-dê co'a rôxa nuvem  
 Da flor, em tórno á qual enxames tervem.  
 Mil pitceiras unidas levantando  
 Sobre haste longa as flores amarellas,  
 Em quadrado não grande me-defendão  
 Das incursões das cabras roedoras:  
 Em meu tronco se-escreva este Epitaphio:  
*Fei Poeta, amador da Natureza,*  
*D'entre assombras ancioso a-procurava,*  
*Qual terno amante a bella fugitiva.*  
 Sobre isto pendurai sonora flauta,  
 Que se-revolva á discrição do vento.  
 Em tórno de meus ossos não se-eleve  
 Nem teixo, nem cipreste: arvores quatro  
 Quizera só no meu jardim da morte.  
 N'um canto a Larangeira graciosa,  
 Que produz confundindo a flor, e o fructo:  
 N'outra a Figueira tortuosa vire  
 Co'a larga folha a toda a parte os ramos:  
 Ali um Pessegueiro, cujos fructos  
 Imitão de um mancebo a rosea face  
 Co'a penugem subtil inda formosa;  
 Aqui...; não sei qual deva d'entre tantas  
 Na escolha preferir! se vos-contenta,  
 Plantai no último canto uma Gingeira.  
 D'onde possa o menino cobiçoso

Colher também co'a propria mão, e alegre,  
 Por ser tão alto, os seus risonhos fructos.  
 Alguns tempos depois que a fria terra  
 Meus restos encerrar, á minha Olaia  
 Vós, meus Amigos, vós dareis meu nome,  
 Pois de mim se nutrio, e eu serei n'ella.

Dos Heroes sôbre os tumulos affiem  
 A dura espada os barbaros Guerreiros;  
 No sepulchro do Sabio o Sabio estude  
 No silencio nocturno o giro aos astros;  
 E dos Reis nos marmoreos monumentos  
 Va sonhar a ambição, grandeza, e pompas!

Vós soltos de freneticas loucuras  
 Aqui viréis mil vezes visitar-me;  
 Na amizade pensar que nos uníra,  
 E unir-nos deverá passando o Lethes.  
 ¿ Porque me-interrompeis com taes suspiros?  
 Ah! deixai-me acabar. Quando sentados  
 Em tórno a mim sobre a florída relva  
 Guardardes, meditando, alto silencio;  
 Se d'entre as mangeronas, que me-cobrem,  
 Sair acaso a borboleta errante,  
 ¿ Não vereis n'ella o espirito do amigo,  
 Que vem gozar do Sol a claridade?  
 Quando o suave rouxinol de noite  
 Da minha Olaia gorgear nos ramos  
 ¿ Não pensaréis, de um santo horror tomados,  
 Que feito rouxinol meus cantos sólto?  
 Sim, pensaréis; e erguendo-se da terra  
 Algum ha de bradar = O'meu amigo! =  
 Responderão = ó meu amigo = os bosques;  
 ¿ E vós direis que o meu fantasma errante,

D'argentea Lua á doce claridade  
 Por entre arbustos de uma fonte á borda  
 A conhecida voz de lá responde ;  
 E em tudo encontraréis a imagem minha !  
 Se inda então meus costumes vos-lembrarem ,  
 Se vos-lembrar meu coração piedoso ,  
 Não consintais que n'este sítio possa  
 Jamais o caçador prostrar em terra ,  
 Em sangue envoltas , minhas ledas aves :  
 Amor , o bello Amor , com arco d'ouro ,  
 Só elle , e mais ninguém , de vós consiga  
 Atirar quanto queira ás minhas aves ,  
 E ás bellas , e aos mancebos , que attrahidos  
 Pela sombra , e fragrancia ali vierem .  
 Então ao som de languidos suspiros ,  
 De alegres cantos , de amorosos versos ,  
 De ternas queixas , de perdões suaves ,  
 Muitas vezes contente a minha sombra  
 Formando ao pôr do Sol vermelha nuvem  
 Girará n'estes ares , revolvendo  
 Da passada existencia almas lembranças .





(19)

---

DEDICATORIA

NEUTRAL

---

OS

CANTOS DE ABRIL.

---

IDILIO.

---

---

20

CANTOS DE ABRIL.

---

IDILIO.

---

## DEDICATORIA

A

MEU PAI.

*A* Educação é um dos maiores presentes que se-podem receber da mão do homem : não testemunhar gratidão para com aquelle de quem se ella houve é irritar o Ceo ; dar-lhe provas de reconhecimento é satisfazer a justiça contentando o proprio coração. Mas eu que reconheço ésta grande verdade, eu meu Pai não recebi de vós somente uma educação ordinaria. Superior a um prejuizo, tão vulgar como funesto, vós vistes nascer o meu pequeno genio poetico, e não o-destruistes ; vistel-o crescer, e não o-combatestes ; eis-aqui pois um tributo do meu reconhecimento.

Possão estes versos, que tómo a liberdade de vos-offerecer, agradar-vos tanto como os Cantos de Abril, no silencio da noite, e debaixo do parreiral da cabana agradecerão a Menalca.

# DEDICATORIA

M E U P A I

A natureza e uso das armas modernas  
que se podem fazer de uso de homem;  
nao temendo a grandeza com a qual  
de quem se esta house e irado o uso; dar  
the prova de reconhecimento e auctoridade  
a justiça com a qual a propria com  
Mas se que se encontra esta grande verdade  
de, em que se esta verdade de que com  
nao se encontra a natureza da natureza  
isso, em que se encontra a natureza, em que  
nacer a natureza proprio de que se encontra, e não  
o-destruiz; visto-o crescer, e não o-  
bates; e a natureza proprio de que se encontra  
nascimento.

Possão estes versos, que têm a li-  
bra de que se encontra, e a natureza de que se encontra  
no os versos de Abril, e a natureza de que se encontra  
le, e a natureza de que se encontra a natureza de que se encontra  
dado a natureza.

---

A D V E R T E N C I A.

**A**char-se-ha que em todos os Poemas de que se-compõe ésta Collecção dei sempre alguns versos á Infancia: n'este Idilio porém é ella que figura quasi exclusivamente: cumpre explicar a causa do meu procedimento. Eu não conheço em toda a superficie da terra um objecto mais capaz de me-encantar do que uma Criança: a união das graças, da simplicidade, da fraqueza, e da innocencia não pôde deixar de me-tocar. E' na conversação de uma Criança que se-pôde gosar o verdadeiro praser, porque é inteiramente puro: mas n' ésta conversação ha outra utilidade muito maior; porque os seus pequenos discursos, as suas dúvidas, assuas perguntas, fundadas na ignorancia do que o homem tem inventado, são mais capases de nos-instruir do que as Dissertações dos grandes Sabios. Em geral despreza-se uma Criança, comprimem-se-lhe as ideias, reduzem-na tiranicamente ao silencio; mas eu a-adoro porque conheço a superioridade que ella tem sôbre os que a-

despresão: muitas vezes deixo uma Companhia brilhante para conversar com um Menino; é no campo principalmente que saboreio a meu grado toda ésta doçura. Quando estou na Aldeia as Crianças correm a juntar-se ao redor de mim; nós nos-instruimos, e divertimos mutuamente. Ellas me-olhão como um seu Amigo, e como seu igual (je ojalá que o-fosse!); a instrucção que me-dão é envolvida n'uma agradável simplicidade: a que eu lhes-dou é disfarçada com histórias alegres e jogos, que invento de proposito para elles, e que remato sempre repartindo com justiça alguns pequenos premios pelos vencedores. Eis-aqui as horas verdadeiramente douradas da minha vida, e em que me-achava como um rio vagaroso, a quem não obrigarão a mudar de leito, e que pelo seu caminho natural vai correndo á sombra de árvores carregadas de fructos n'uma bella tarde do Outono.



O S

## CANTOS DE ABRIL.

## IDILIO.

N'uma noite de Abril suave e amena,  
Depois que a Lua candida surgira  
Por detraz das collinas do Oriente,  
Menalca, e Dafne virtuosa, e bella,  
De seus trez filhos precedidos, forão  
Sentar-se á porta do campestre alvergue,  
Do inquieto parreiral á grata sombra,  
Por gozar da frescura, e do aprazivel  
Alvo luar, que em tórno enchia os campos.

Menalca era ja velho; a Providencia  
Por esposa lhe-dera a joven Dafne,  
Dafne terna, e fiel que em pouco tempo  
Pai o-tornou de dois mimosos filhos  
Tão lindos como os Zephiros, e Amores,  
E de uma filha como as Graças bella.  
Apenas lustros dois contava Silvia,  
(Tal era o nome seu); Titiro um anno  
A-excedia somente; e o meigo Alexis

Um anno mais que Titiro contava,  
 Sôbre alcatifa rustica de ~~juncos~~  
 Se-assentou com prazer toda a familia.  
 Menalca sôbre o candido regaço  
 De sua amada esposa brandamente  
 Lança a cabeça, e estende-se na terra;  
 D'eilla a mimosa mão toma entre as suas,  
 Encosta-a sôbre a face, e os fracos olhos  
 Lança a travez das tolhas movediças  
 Ao vasto Oceano de brilhantes astros;  
 E fitando-os na Lua; Olhai meus filhos,  
 Olhai, disse elle, como brilha a Lua!  
 ; Que doçura, que paz diffunde em tórno  
 O Astro da Noite! ; com que força eleva  
 O espirito mortal sôbre si mesmo!  
 ; Que turba de lembranças agradaveis,  
 Que grandes, que sublimes pensamentos  
 Não traz a pura noite ás almas puras!  
 ; Dias, que em vão suspiro, amenos dias  
 Da minha mocidade! Então sentado  
 N'um concavo penedo envolto em musgo  
 Fazia resoar em tórno os echos  
 Em nobres cantos celebrando a noite:  
 Os ventos por me-ouvir se-recostavão  
 Aos duros troncos sem bolir c'os ramos:  
 De rocha em rocha a rapida corrente  
 Com menos vivo estrondo ía caindo:  
 Toda risonha a Lua prazenteira  
 Se-debruçava de seu carro eburneo,  
 E cobria de luz minha cabeça:  
 As Ninfas pela musica attrahidas  
 Deixavão com prazer nocturnas danças

Para vir d'entre as sargas escutar-me ;  
 E Amor sôbre seu arco recostado  
 Com ar de admiração sôbre um rochedo  
 Me-ouvia attentamente, em quanto as auras  
 Co'as azas, e co'as tranças lhe-brincavão.  
 Então a minha flauta era a primeira  
 Da nossa vizinhança entre os Pastores :  
 ; Té dizião que Pan ma-dera em sonhos !  
 Mas hoje a minha flauta em ocio pende  
 Coberta pelo pó dos longos annos :  
 Em tórno ao meu fogão ja não se-ajuntão  
 Os Pegureiros a aprender meus cantos :  
 Qual jaz envolta em cans minha cabeça ,  
 Jaz envolta minha alma em gêlo eterno.  
 Ah ! se não fosseis vós, Dafne, meus filhos,  
 (Vivido tenho assaz), pedíra aos Numes  
 Que á turba de meus Pais me-reunissem  
 Nas do Elisio cabanas deleitosas ,  
 Em tórno ás quaes as flores nunca murchão ,  
 Nunca se-despem de verdura os bosques.  
 Mas ah ! ; como vos-amo ! A vós só devo  
 Este resto de amor , que tenho á vida.  
 Quem me-prende entre vós são teus affagos ,  
 O'minha Dafne , os teus affagos ternos ;  
 E vós tambem meus adorados filhos ,  
 Em cujos corações de dia em dia  
 Sinto crescer envolto co'a virtude  
 O amor das Musas , cuja mão vos-ha de  
 Não tarde coroar. Aproximai-vos ,  
 Sentai-vos junto a mim , e ouvi-me attentos.  
 Reina o suave Abril : nunca em meus versos  
 Deixei de o-celebrar quando era moço.

Abril pertence a Venus : os Pastores  
 Lh'o-consagrarão nos antigos tempos.  
 Venus domina em tudo : é de seus labios  
 O sorriso feliz quem orna os campos ;  
 E' de seus olhos que os desejos nascem :  
 Cumpre cantar seu mez ; de mim não póde  
 Ja a Deosa esperar suaves cantos :  
 A vós, & vós meus filhos só pertence  
 D'este santo dever o desempenho.  
 Cantai de Abril em versos alternados ;  
 Exponha cada qual porque o-contenta  
 Este risonho mez ; quacs os prazeres,  
 E os novos brincos de que n'elle goza :  
 Ha de Venus dos Ceos a vós sorrir-se.  
 Alexis , principia , eu te-acompanho  
 Tocando em minha flauta a deleitosa !  
 Musica alegre , que inventei no dia  
 Em que de meu amor primeiro fructo ,  
 Tu , meu querido Alexis , me-nascestes.  
 Tu a-sabes tão bem como os Pastores  
 De todo este arredor ; sim , principia :  
 No silencio da noite o som da flauta  
 E' grato aos corações , encanta os echos ,  
 A's Ninfas dá prazer , e até de gosto  
 Enche ao longe o cançado viajante.

#### ALEXIS

Eu amo o doce Abril , porque se-vestrem  
 Por toda a parte as árvores de folha.  
 ; Vêdes vós lá em baixo o antigo bosque  
 Sobre a margem do rio ? Olhai , ; não vêdes  
 Onde bate o luar sobre a corrente ,

E ondas cheias de luz saltão brincando?  
 ; Sôbre a margem de cá não se-descobre  
 A negrejar uma sombria ruvem?  
 E' o bosque de Pan : quando ésta tarde  
 Ali fui pendurar do Deos na gruta  
 Um cestinho de rosas encarnadas,  
 Achei co'as folhas novas o arvoredó  
 Tão verde, tão cerrado como nunca.  
 Amanhã muito cedo, ó minha Silvia,  
 Co' o nosso caro Titiro, desejo  
 Que ali vamos colher novas papoulas,  
 Que a cada passo pela relva nascem.  
 ; Então vereis se o bosque ja com folhas  
 Muito bello não é ! Oh ! sim por certo,  
 Vós gostaréis de ver como se-espelhão  
 Sôbre as águas do rio as folhas verdes,  
 E tremem n'água quando os ventos soprão.  
 Parece que no fundo da corrente  
 Tem Pan outro arvoredó igual em tudo;  
 C'os mesmos troncos enredados de hera,  
 Co'os ramos igualmente entrelaçados,  
 Formando muitos porticos ; e ás vezes  
 Té parece de pombas habitado,  
 Quando as auras de subito susurrão  
 Por entre os cumes tremulos, e fogem  
 As pombas para os ares de assustadas.

### TITIRO

Eu amo o doce Abril, porque me-cercão  
 Por toda a parte alegres passarinhos  
 De voz diversa, e cores variadas.  
 ; Como gôsto de os-ver, quando nos ramos

Pulão aqui e ali ! ora se-escondem  
 Entre as folhas , que trémulas se-agitão ;  
 Ora sobre um tronquinho empoleirados ,  
 Se-descobrem cantando ; ás vezes sobem  
 Tão rapidos ao Ceo que a vista os-perde ;  
 De flor em flor ás vezes pelo prado ,  
 Tímidos sempre olhando os arredores ,  
 Saltão picando , e sacudindo as azas.  
 Ah ; como as suas azas são formosas !  
 ; A borboleta não as-tem mais bellas !  
 Fólgo de achar nos troncos carcomidos ,  
 Ou por baixo dos ramos enredados ,  
 No molle ninho as pequeninas aves :  
 Não lhes-toco jamais , porque receio  
 Que os-engeitem as más quando tornarem ;  
 Mas fico muito tempo a examinal-os ;  
 Do seu tecido a perfeição me-admira ,  
 Admira-me que o sítio mais seguro  
 Soubessem procurar contra os chuveiros ,  
 Contra os ventos , e cobras que os-perseguem.  
 Encanto-me de ver sobre as pluminhas  
 A nova criação ; este despido  
 Das pennas inda está , outro começa  
 Por entre a casca branca a descobrir-se ;  
 Outro ovinho inda inteiro alveja entre elles ,  
 E tepido palpita ; algumas vezes  
 C'ò dedo só arrevo-me a chegar-lhe ,  
 E vivo sinto o passarinho dentro.  
 Se volta a mãe ; como contente fico !  
 Pião com fracos sons mal que a-descobrem ;  
 Ella não perde o tempo , e carinhosa  
 O buscado sustento lhes-presenta ,



E para os-aqueantar de novo as azas  
 Sobre elles com piedade estende , e ajusta.  
 Se chega o Pai de seus formosos filhos ,  
 Defronte d'ella sôbre um ramo pouza ,  
 Canta , e varia os tons para entretel-a ;  
 ; Ou talvez que entre tanto a pouco , e pouco  
 Ir ensinando os filhos seus procure !  
 Sim , procura por certo , é deste modo  
 Que o nosso Pai nos-ensinou seus versos.

### SILVIA.

Eu amo o doce Abril , porque adornadas  
 Vejo de flores as campinas todas.  
 O susurro dos Zephyros me-agrada ,  
 Oh ! muito , muito mais , quando resoa  
 Pela relva florída das collinas ;  
 E as auras me detem no meu caminho ,  
 Quando vem das roseiras perfumadas.  
 Eu amo o doce Abril , pois dos trabalhos ,  
 Que tenho em meu jardim , me-recompensa.  
 Mil plantas tenho ali , mas cujos nomes  
 Inda todos não sei ; de todas ellas  
 Ja se-podem colher pintadas flores ,  
 Mas inda as não toquei ; porque as-reservo  
 Para adornar-te , ó minha Mãe , o leito  
 No teu dia de Festa : aquelle dia ,  
 Em que tão boa os Deoses te-fizerão  
 Nascer , para amparar a nossa infancia ,  
 Para nós é de Festa ; as minhas flores  
 Hão de em grinaldas adornar teu leito ,  
 E de grato perfume encher-te a casa ;  
 Ah ! sim , eu te-amo , Abril , porque me-dêste

Tantas , tão bellas , tão suaves flores  
Para offer'cer de minha Mãi no dia.

Se o Passageiro ás vezes me-pergunta ,  
Quando me-encontra á borda do caminho ,  
; Quem é a tua Mãi ? Eu lhe-respondo  
Cheia de glória , a minha Mãi é Dafne.  
Hontem de tarde o gracioso Alexis ,  
O pobre guardador das duas cabras ,  
Chamou-me junto a si , pedio-me um beijo ;  
Disse-me que era bella , e que os meus olhos,  
A minha boca , as minhas faces erão  
Como as de minha Mãi ; se isto é verdade ,  
Eu sou bella por certo : em toda a Aldeia  
Igual á minha Mãi não ha Pastora.

#### ALEXIS.

Hontem toda a manhã contente estive  
No escuro bosque das copadas faias ,  
Onde se-vê das Naiades a fonte ,  
C'roada de alecrim , de rosmaninho.  
Sosinho passeiava , examinando  
As fechadas abobadas de folhas ;  
De quando em quando o vento assobiava ,  
E então diante d'elle ião dobrando  
As árvores o cume em largas ondas ;  
Uma ás vezes da outra se-afastava ,  
Mostrando o largo Ceo de azul vestido ;  
O Sol brilhava sôbre o chão relvoso ,  
E fugia de novo , apenas tinham  
Voltado a seu lugar tremendo as copas.  
Toda ésta vista de prazer me-enchia ,  
Quando Amintas chamando-me da gruta ,

Aonde estão de musgo revestidas  
 As imagens das Naiades da fonte ,  
 Assim me-disse , dando-me uma rosa :  
 “ Eu te-darei uma pequena ovelha  
 Toda branca , entre as pontas só malhada ;  
 Se fores ter com Egle , e lhe-entregares  
 A rosa , que te-dou , se lhe-disseres ;  
 Egle , Amintas por ti morre de amores .  
 Beija-a depois na face , e continúa ;  
 Egle , este beijo é do extremoso Amintas .  
 ; Não a-vês la ao longe entre os salgueiros  
 Apascentando as candidas novilhas ?  
 Corre ; e não tardes a buscar a ovelha . ,,  
 Eu tui correndo a ella , dei-lhe a rosa ,  
 Beijeilhe a face , e disse-lhe : este beijo ,  
 Egle , este beijo é do extremoso Amintas :  
 Nada me-respondeo , sorrio-se , e as faces  
 Como a rosa encarnadas lhe-ficárão :  
 Abraçando-a depois lhe-disse alegre ,  
 Egle , Amintas por ti morre de amores .  
 Rio-se outra vez , e dando-me na face ,  
 ; Ah como tu és máo ! vai-te , me-disse ,  
 Não posso , não , não quero acreditar-te .  
 Nada lhe-respandi , voltei á gruta  
 Onde o Pastor contente alvoroçado  
 Me-deo sem custo uma pequena ovelha  
 Toda branca , entre as pontas só malhada .  
 ; Como a minha ovelhinha é bella , e mansa !  
 Andei com ella todo o dia ao pasto  
 Pela relva do bosque ; aquella relva  
 Que cresce á sombra dos copados ramos ,  
 E o doce orvalho das manhãs conserva ,

E'para o gado mais gostosa, e fresca.  
 N'um pequeno curral de terra; e seixos,  
 Que por cima cobri de unidas canas,  
 Bem segura a-deixei passando a noite:  
 Tornarei ámanhã com ella ao pasto,  
 Porêem sempre das árvores á sombra.

### TITIRO

E sta manhã, saindo da cabana,  
 Encontrei no pinhal dispendo redes  
 O pequeno Mirtillo; algumas d'ellas  
 Erão só de prender as lindas aves,  
 Mas muitas mais de lhes-tirar a vida.  
 Tão embebido no trabalho andava  
 Que nem me-vio se quer; aproveitei-me  
 Da propria occasião; fui manso, e manso  
 A rastejar por entre o rosmaninho,  
 Até chegar ao grande castanheiro  
 No meio do pinhal, e com trabalho  
 Lançando as mãos ás heras, que o-rodeião,  
 Sumi-me dentro do cavado tronco:  
 Então mudando a voz, com grande fôrça  
 Junto ás tendas gritei, " Pára Mirtillo,,  
 Elle ouvindo este grito ergueo-se á pressa,  
 Deixou cair a obra começada,  
 Volveo, cheio de espanto, á vista em roda,  
 Não vio ninguem; parado alguns momentos  
 Pensativo ficou, té que perdendo  
 O receio outra vez, tornou ás redes.  
 Com voz mais estrondosa, e mais horrivel  
 Eu lhe-tórno a gritar, " Mirtillo, pára,,  
 Então largando tudo, e como louco

Corre, e fuge do sítio; ao longe os echos  
 Tornáráo-lhe a gritar “ Mirtillo pára ”;  
 Mas elle não parou, sóia mil gritos,  
 Vai a travez das silvas espinhosas  
 Saltando tão veloz, como se-atira  
 O cão do caçador sobre o veado.  
 Apenas o não vi, saltei do tronco,  
 Busquei-lhe pelo campo as redes todas,  
 E deitando-lhe dentro algumas pedras,  
 As-fui lançar nas águas da torrente;  
 E correndo a buscal-o, oh! ; tu não sabes;  
 Tu não sabes, lhe-disse, o como agora  
 Me-vi quasi a morrer? Não, não te-engano;  
 Eu o-vi, era um Deos, tinha segura  
 Na mão direita uma aguçada foice;  
 Tinha o ar de entadado, e a grandes passos  
 Das sombras do pinhal vinha saindo:  
 Vio-me, e gritou-me = Pára =: eu paro, e tremo.  
 —Vou matar-te me-diz, sim, vou matar-te  
 Já que ás aves do bosque a armar te-atreves;  
 As tuas redes já lancei no rio,  
 E tu, tu vais morrer. — Não, não, suspende,  
 Lhe-respondo a chorar, nunca nos bosques  
 Redes armei, eu amo as tuas aves.—  
 Mirtillo me-interrompe, —; e que disseste?  
 ; Disseste que fui eu? ; como fugir-lhe  
 Como escapar-lhe poderei já agora?  
 — Não, Mirtillo, socga, eu não lh’o-disse;  
 Nem se quer o-sabía. Ah! já que o Nume  
 Te não conhece pelo author do crime,  
 Não tornes a arriscar-te, e em paz nos ramos  
 Deixa as aves viver que não te-offendem:

E em quanto á perda das queridas redes  
 Eu quero consolar-te : ouve , Mirtillo ,  
 Aceita este cestinho entrelaçado  
 De junco verde , e canas amarellas ,  
 E este cajado airoso , e em propria altura ,  
 Forte , liso , e sem nós ; vê como em roda  
 Pintado lhe-resahe do fundo branco  
 Serpeando um festão de verdes heras.  
 Assim dizendo lhe-enfiei contente  
 No braço esquerdo o arco do cestinho  
 De junco verde , e canas amarellas ,  
 E dei-lhe o meu cajado : então Mirtillo  
 Me-prometteo não perseguir as aves.

#### SILVIA

; Como é bello um jardim nas frescas tardes  
 Do gracioso Abril ! ah ; como agrada  
 Principalmente á sua jardineira !  
 Bem poucas horas ha que ali sentada  
 Sôbre a relva sosinha , e recostando  
 Na mão a face , e o braço n'um canteiro  
 Olhava o pôr do Sol ; ; com que delicias  
 Eu via os raios seus vir de tão longe  
 A tingir de escarlata o meu campinho !  
 O colorido alegre do Occidente  
 Ornava o Ceo , e me-encantava os olhos ;  
 Mas inda mais meus olhos se-encantavão  
 Girando em meu jardim . ; Com que ternura  
 Não respirava o halito das flores !  
 ; Com que gôsto as não via ! Ora quietas ,  
 Ora ondeiando , e tremendo em grato enleio ;  
 Quaes mais altas , aos grupos resahião ,



Quaes me-sorrião do botão fendido,  
 Quaes abertas o seio me-mostravão :  
 ; Que linda confusão de amenas cores !  
 Um Zephиро que ali brincava errante  
 Fazia pelas folhas inquietas  
 Um sereno rumor , igual áquelle  
 Que faz descendo cristallina fonte.  
 Um rouxinol me-gorgeiava ao longe ;  
 ; O que eu sentia oh ! não , não sei contar-vos !  
 Comecei a pensar quanto merecem  
 Os Deoses ser dos homens adorados.  
 Ergui-me , e passeiei por algum tempo  
 Na sombria cabana dos lilazes ,  
 E dizendo comigo : ; oh se eu pudesse  
 Ver estes Deoses bons que o campo habitão ,  
 Que me-dão tantos bens ! ah ! quero ao menos  
 Ir invocar as Driades , que habitão  
 Em tórno ao meu jardim dentro dos troncos  
 Das árvores ja grandes , que plantára  
 Meu Pai co'a propria mão quando eu nascêra :  
 Sim : quero cada dia , antes da Aurora ,  
 Seus ramos adornar de mil grinaldas ,  
 Antes que o Sol o orvalho ás flores seque.  
 Diante de seus troncos de joelhos ,  
 Erguendo as mãos eu lhes-direi ; O' Ninfas ,  
 Sai dos vossos troncos um momento ,  
 Aos olhos vos-mostrai da vossa Silvia ,  
 Sai ; este jardim tem muitas flores ,  
 Todas , todas vos-dou , vinde colhel-as :  
 ; Se vós soubesseis que prazer , que fresco ,  
 Do meu jardim se-goza nos passeios ! ...  
 Vinde : sai , vos-peço , a vossa idade

E'a minha tambem: podêmos todas  
 Aqui dançar, ornando-nos de rosas,  
 Aos frescos raios da aprazivel Lua,  
 Que ao ver os nossos brincos innocentes,  
 Ha de a travez sorrir dos ramos vossos:  
 Isto dizendo aos troncos me-aproximo,  
 Repito as minhas súplicas ás Ninfas,  
 Penduro-lhes das flores as grinaldas,  
 Mas sem fructo por ora; amanhã quero  
 Voltar ao meu jardim pela alvorada,  
 E muitos dias mais até que os rogos  
 As bemfazejas Driades me-escutem.

#### MENALCA

Basta, meus filhos, basta, os vossos cantos  
 Me-enchêrão de prazer; vinde, abraçai-me:  
 Sois vós que me-juncaís de frescas rosas  
 O caminho do tumulo; ja posso  
 Morrer contente: o germen da virtude  
 Nos vossos corações desenvolveo-se,  
 E na minha cabana eternamente  
 Não ficará sem glória a minha flauta.

#### DAFNE

Ah! meus filhos! o effeito que produzem  
 No coração materno os vossos cantos  
 Não se-póde explicar: nas minhas faces  
 Lágrimas de ternura estão caindo:  
 Este pranto, este pranto é-me tão dôce  
 Como o orvalho no Estio ás plantas murchas.  
 Eu vejo os Ceos propicios á virtude  
 Premiar-nos na vida, esposo amado.

De um par fiel os corações não podem  
Gozar de um bem maior do que a alegria  
De ver que os filhos seus até na infancia  
Ja são credores das celestes bençãos.  
Entremos na cabana : aquella nuvem  
Vai a Lua occultar ; o vento sopra,  
Não tarda muito algum ligeiro orvalho;

FESTA DE MEIO

1845

De um pai del os contos, não pôde  
 Correr de um filho maior do que a idade  
 De ver dos os filhos suas are as nuances  
 ] os : eictos das cletas hectoras  
 Ficturas na cabana : adulla naven  
 Vã a sua ocular : o vento sopra  
 Vã eada mudo alguns ligitio mullas

De um pai del os contos, não pôde  
 Correr de um filho maior do que a idade  
 De ver dos os filhos suas are as nuances  
 ] os : eictos das cletas hectoras  
 Ficturas na cabana : adulla naven  
 Vã a sua ocular : o vento sopra  
 Vã eada mudo alguns ligitio mullas

# DAFNE

De um pai del os contos, não pôde  
 Correr de um filho maior do que a idade  
 De ver dos os filhos suas are as nuances  
 ] os : eictos das cletas hectoras  
 Ficturas na cabana : adulla naven  
 Vã a sua ocular : o vento sopra  
 Vã eada mudo alguns ligitio mullas

DEDICATORIA  
AS AMÁVEIS DONAS

---

A  
FESTA DE MAIO.

---

POEMETO.

---

A  
FESTA DE MAIO.

---

POEMETO.

---

---

DEDICATORIA  
A'S AMAVEIS DONAS  
DA  
LAPA DOS ESTEIOS.

---

SENHORAS:

*A* segunda Festa Poetica, que fizemos na vossa graciosa Lapa, produziu uma tarde tão encantadora, que nunca o tempo a-riscará da nossa imaginação. A honra, que nos-fizestes com a vossa presença n'aquelle sítio, e a bondade com que ouvistes os nossos versos, nos-encheo de soberba, e de reconhecimento. As caricias, com que tratastes o nosso pequeno Maio, sentando-o entre vós, e no vosso mesmo regaço, fazendo-lhe esquecer entre repetidos abraços o triunfo, para elle incomprehensivel, que havia pouco tinha alcançado, e como podião ser olhadas com indiffe-



rença por nós , que o-tinhamos adornado por nossa propria mão do seu vestido de flores , e o-tinhamos assentado sobre o vistoso throno , que lhe-havíamos preparado ? Em fim , SENHORAS , a generosidade , com que d'ahi por diante vos-esquecesteis do nome da vossa Lapa , para só lhe-chamar a Lapa dos Poetas ; . . . . tudo nos-constitue em tão grandes obrigações que as Musas mesmas se-devem empenhar por mostrar-vos que os seus Sacerdotes não sabem ser ingratos.

Em quanto a mim , SENHORAS , a minha Musa me-poz entre as mãos para vol-o-offerecer da sua parte este Poema , com que appareci na Festa. Estou bem certo de que m'o-acceitaréis , porque as tres Graças não poderião recusar uma dadiva , que uma das Habitantes do Parnaso lhes-enviasse.

Tenho a honra , SENHORAS , de ser da vossa Lapa , ou se vos-agrada , da Lapa dos Poetas , o mais humilde Cantor , e

O vosso mais fiel Criado

Antonio Feliciano de Castilho.

## HISTORIA

DA

## FESTA DE MAIO.

**P**elas tres horas da tarde do primeiro dia de Maio de 1822 , nós , a Sociedade dos Poetas *Amigos da Primavera* (1) nos-achavamos á sombra das árvores do Encanamento do Mondego , esperando anciosamente o barco , que nos-devia conduzir á *Lapa dos Esteios* para celebrarmos a Festa do Maio.

(1) E'sta Sociedade era composta dos mesmos , que tinhamos feito a Festa da Primavera , excepto Francisco de Senna Fernandes , cuja falta foi supprida pelo nosso Amigo Antonio Ribeiro Saraiva. Este Moço estimavel pelo seu character , e docilidade , alem de se-ter ja notavelmente distinguido nos estudos Academicos , é um Literato de um genio , e gôsto muito delicado. Temos ja d'elle uma Collecção de pequenos Poemas Anacreonticos , impressa debaixo do titulo de *Lira Erotica* ; tem ultimamente composto bellos Idilios no gôsto Alemão , dignos com effeito da natureza , que é o objecto dos seus estudos , e da sua imitação.

Este barco suspirado se não fez desejar muito tempo; appareceo-nos em fim ao longe, toldado de ramos entrelaçados; fizemol-o aproximar com impaciencia: embarcámos quasi todos a um tempo, e partimos cantando. Se os sentimentos do coração podessem ser bem descriptos, um longo volume não seria bastante para bem descrever ésta Tarde. Desejo que os meus Leitores tomem parte connosco nos prazeres d' ésta Festa, mas conheço que isto é impossivel, porque o mais interessante d' ella é o que não póde ser explicado, e cujos encantos todos o coração apenas póde abranger. E' sta Sociedade Poetica unida pela simpathia, e até pela uniformidade de gostos, fórma n' estes momentos não um número composto de unidades, mas, se me-é permittida a expressão, uma só unidade composta de partes inseparaveis. Cadaum fazia consistir o seu prazer, e a sua felicidade, na felicidade, e no prazer, dos que o-cercavão: nenhum tinha ali sentimentos de que elle só fosse o objecto: d' ésta maneira o nosso interêsse era mais puro, a nossa amizade mais viva, e os nossos divertimentos mais nobres, e variados. Talvez poucas pessoas tenham passado em sua vida tão bellos momentos!...

Ora cantando, ora discorrendo, e quasi adorando as diversas bellezas que a Natureza magnifica successivamente nos-apre-

tentava , chegámos em fim , quasi depois de uma hora , á vistosa *Lapa dos Esteios*. Ao som de brilhantes himnos tocados por uma pequena orquestra , que levavamos , fizemos voar uma multidão de foguetes , que rebentando á porfia nos ares , fazião que as margens por longo tempo repetissem os seus echos.

Com este ar de triumpho saltámos orgulhosamente , ao som da musica , do nosso barco enramado sôbre o caes , e voámos ao lugar mais alto da *Lapa*. ; Era este sítio ainda o mesmo em que tinhamos celebrado a Festa da Primavera ? não , sem dúvida ; Maio tinha obrado os seus milagres sôbre a natureza. As árvores todas offerecião ja aos ventos montanhas de folhagem , que se-agitam no ar diante dos raios do Sol ; o rio corria ainda mais puro , e a atmospheria , que nos-envolvía , era mais temperada , e benigna. ; Quereis ter uma ideia da habitação dos espiritos felizes ? ; Quereis descrever os lugares em que as Ninfas , os Faunos , e Pan se-mostravão aos Pastores innocentes na idade de ouro ? Visitai a *Lapa dos Esteios* nos bellos dias de Maio. A Primavera no seu princípio é uma bella Menina , mas cujos passos são ainda vaccilantes , cujas graças ja se-annuncião claramente , mas ainda se não desenvolvêrão : em Maio porém é uma Bella em todo o brilhantismo da mo-

cidade , a quem cortejão alegremente os Amores, e os Prazeres, e cujos sorrisos, encantando os sentidos, declaram uma guerra amavel ao coração , e ao espirito. A Natureza pois tinha dado o último retoque a este lugar ; mas a arte não se-descuridou tambem : a limpeza reinava por toda a parte , e um sem número de vasos cobertos de flores , e distribuidos com arteficio, o-adornavam ainda mais.

Sôbre o lugar mais elevado da Lapa foi collocado o throno do Maio ; era um pequeno altar perfeitamente coberto de verdura : duas columnas de flores , arteficiosamente matisadas , e rematando em duas cúpulas igualmente de flores , se-elevavam dos dois angulos anteriores , e se-comunicavam em cima por um semicirculo arranjado da mesma maneira , formando um portico agradavel : os lados , o fundo , e o tecto do recinto erão de ramos verdes de todas as qualidades , bem entrelaçados , e bordados de algumas flores : havia no meio um assento coberto de um tecido de heras , que foi occupado pelo nosso Maio. Este Deos era representado por um Menino de 5 annos , louro , e branco como a neve : o cabello encarachado lhe-caía sobre os hombros : levava por vestido unicamente um pequeno avental desde a cintura até aos joelhos , o qual sustentado por duas fitas , que lhe-pas-

savão sobre os hombros , e se-cruzavão no peito , e nas costas , estava coberto de cedro , e buxo com uma barra de flores encarnadas de romeira , rosas , e cravos , calçava cothurnos de seda escarlata , tinha na cabeça uma coroa de verdura , e pendente do braço esquerdo um cabasiubo com todos os fructos do seu mez.

Mandámos dois de entre nós a comprimentar , e convidar para a nossa Festa a estimavel Familia , dona do lugar , e cuja habitação é na Quinta sobranceira á Lapa. Não se fizeram esperar , e ao som da musica forão recebidas no meio das Senhoras , que nos-tinhão feito a honra de concorrer connosco ; o círculo dos Ouvintes era brilhante , e numeroso. Cadaum dos Socios em pé , diante do Maio , successivamente recitou o Poema , que levava ; sendo cheios os intervallos com musicas escolhidas , executadas pela nossa orchestra. Uma merenda como a da Festa da Primavera rematou agradavelmente a tarde com vivas , e saudes. A noite foi passada parte nas sallas , parte no jardim das amáveis Donas da quinta , e este jardim nos-offerecia uma scena ainda mais agradável. A noite era uma das mais bellas do mez de Maio ; em toda a extensão do Ceo não se-via uma só nuvem , e a Lua no seu maior brillantismo espalhava em tórno de si uma

H



luz quasi tão clara como o dia ; ella reflectia docemente ao longo do Mondego, cujo manso murmurio nos-encantava os ouvidos: os ares estavam serenos , e poderão-se conservar as luzes, que arteficiosamente tinham sido dispostas por entre os vasos de flores , offerecendo-nos um reflexo verdejante. ; Quem poderia porêr descrever os prazeres de que gozámos n'esta encantada noite? Em pouco tempo a Sociedade se-espalhou , e se-repartio em pequenos ranchos; a musica fazia ouvir os seus concertos ora no jardim , ora por entre os arvoredos, que assombravão os verdes passeios da quinta; os seus sons vinhão morrer no coração: por outra parte a dança occupava deliciosamente alguns: de quando em quando apparecião improvisos sôbre o objecto do dia; alegres conversações , divertidas histórias, um prazer finalmente sem mistura , ou antes um enthusiasmo , e um delirio nos-envolvião n'este jardim encantado que nos-parecia offerecer uma imagem dos Jardins Elisios.

Depois da meia noite partimos , e se-acabou a melhor das tardes da minha vida, que ainda agora frequentes vezes me-arrebata quando o seu quadro me-é apresentado pela mão da Saudade.



A

# FESTA DE MAIO.

## POEMETO.

Eia, Amigos, ao campo ! ha ja trez horas,  
Que os Tindareos Irmãos no aereo espaço  
Virão do Meiodia o rosto ardente:  
; Eia, Amigos, ao campo ! as horas voão,  
E o Maio alegre ás Festas nos-convida:  
Os Zephiros ligeiros, embalando  
Do parreiral a trémula tolhagem,  
Ao rio, ao barco estão chamando a turba.  
; O Deos Menino, o gracioso Maio  
Não vamos celebrar na fresca Lapa?  
; Pois que se-tarda? Os Numes não consentem  
No culto seu ministros perguiçosos.  
Chamai á pressa as pastoris Camenas,  
Tomai as flautas, coroi as fronte  
Co'as grinaldas, que em premio vos-cingirão  
Da Primavera na primeira tarde.  
Como ! o tempo !. . . ai da flor da mocidade !  
; O tempo as-destruiu ! ; de graças tantas

Que existe pois ? um pó... ; jazem desfeitas ,  
 Sem perfume , sem côr as lindas flores  
 E as verdes folhas se-enrolárão murchas !  
 Ah ! corramos : o pêzo , que as-esmaga  
 Róla tambem sôbre a existencia nossa !  
 Nossas grinaldas nos festins vivêrão ,  
 Morrêrão no prazer ; e nós como ellas  
 Devemos esperar , biincando , a morte.

Cedo nos hombros do nervoso Atlante  
 O eixo voluvel em perpétuo giro  
 Ha de erguer ante o Sol novas esferas :  
 O Touro ja fugio : Castor , e Pollux  
 Succederão-lhe agora : hão de apoz elles  
 Os astros scintillar , que nos-conduzão  
 Da estiva calma aos importunos tempos .  
 ; Então se-murchão pelo campo as flores ,  
 Tepidas correm na planicie as fontes ,  
 Calão-se as aves nos cavados troncos ,  
 E as noites mesmas a frescura falta !  
 Vamos em quanto as flores não perecem ,  
 Em quanto soprão lisongeiras auras ,  
 Em quanto um doce frio as ondas levão ,  
 Em quanto as aves pelos ares cantão ,  
 E as claras noites co'a frescura aprazem .  
 Vamos correndo : de vergonha core  
 Quem último chegar do rio á margem .

! Graças aos Ceos ! já suspirada areia  
 Ja chegámos em fim ! mas pelas faces  
 Abrazado suor me-está caindo .

Inda o barco não chega : eia , sentai-vos :  
 ; D'esta aura carinhosa ao fresco sópro  
 Quanto é doce voltar o rosto ardente ,

E ora uma face, ora offer'cer-lhe a outra !  
 Ella as-beija brincando , e espalha em ondas  
 Os escuros anneis , que lh'as-roubavão.

Verde canavial , ; salve trez vezes !  
 ; Co'as bolichosas , arqueadas folhas  
 Nos-escondes a rir de Phebo aos olhos !  
 Ninta adorada pelo Deos da Arcadia ,  
 Deos dos Pastores , inventor da flauta ,  
 Não é profanação quem nos-dirige !  
 Não te-irrites , se em breve as dextas nossas  
 De tuas canas adornadas vires :  
 Encanta-nos seu talhe alto , e sublime ,  
 Seu cume erguido , que tremúla em ondas ,  
 E este murmurio , com que as auras beijão ,  
 Se as auras vem lascivas abraçal-as.  
 Não te-irrites , ó Ninta , ; cil-as colhidas !  
 Socios , gravaei na areia á pressa os nomes  
 Das vossas bellas , imprimi-lhe um beijo ,  
 E partamos que o barco a praia toca.  
 Bem : eu tracei da Primavera o nome  
 Em caracteres taes , que ao longe possa  
 Lel-os o pescador no fim da tarde :  
 Vosso escrito amanhã talvez não dure ,  
 Mas o meu vivirá ! ; De longe apenas  
 ; Ha de o rio beijar o chão , que o-guarda !  
 Bem que na Herminea Serra o sóito gêlo  
 Lhe-augmente as águas , lhe--provoque a furia ,  
 ; Teu nome , ó Primavera , ha de affastal-o !  
 E se um vento protervo presumisse... :  
 ; So co'um sorriso o-agrilhoára a Deosa !  
 ; Eis-nos em fim nas transparentes ondas ,  
 Da verdejante riba um pouco ausentes !

Agora cumpre diligencia, e fôrça  
 Para vencer as fugitivas águas:  
 Ferva o trabalho: as varas não descancem;  
 No fundo leito redobrai os golpes,  
 E suavisai co'a musica o trabalho.  
 Eu deitado na popa, eu vos-inspiro:  
 Cantai, e o echo em baixa voz aprenda.

Ouvi Ninfas do placido Mondego,  
 Ouvi com ledto rosto as preces nossas;  
 Sai correndo das limosas grutas:  
 Occultas no cristal do patrio Rio  
 Vós podeis impellir co'as mãos de neve,  
 E fazer que o Batel, qual água, vòe.  
 Bellas Filhas do lucido Mondego,  
 Vamos passar a tarde á grata sombra  
 Das lindas Graças na formosa Lapa.  
 Ali, se acaso não me-illude o estto,  
 ; Vós, Ninfas, vós com ellas muitas vezes  
 As noites do luar passais em danças!  
 Sôbre um tronco musgoso Amor sentado,  
 Para acertar as rapidas choreias  
 Com saudosa flauta a noite acorda,  
 E Venus compassiva lhe-desata  
 Dos olhos entre tanto a escura venda!  
 Mil amorinhos sem farpões, sem tacho,  
 (1 Nem onde vós estais carecem d'elles!)  
 Vôão aqui, e ali por entre os ramos.

Ouvi Ninfas do placido Mondego,  
 Ouvi com ledto rosto as preces nossas:  
 Fazei que chegue em rapidos momentos  
 A prôa ovante ao suspirado sítio,  
 E tereis um lugar em nossos versos.

Iremos outro dia erguer altares  
 De cada chopo vosso á sombra amiga,  
 Pondo-lhe em roda uma vistosa grade  
 D'aureas canas com myrtas revestidas:  
 Em vossas ondas lançaremos rosas,  
 E puro leite, e saboroso vinho.  
 ; Porque tardais, ó Naiades esquivas?  
 ; Turba innocente de mancebos rindo  
 Bem merece o favor dos Sacros Numes!  
 Nós não vamos em lenhos poderosos,  
 Varrendo as nuvens com soberbas velas,  
 C'ó ferro a lampear nas bravas dextas,  
 Detestando morrer no patrio clima,  
 Levar da guerra a furia aos outros povos:  
 Não vamos destruir Provincias, Reinos,  
 Lançar em fogo os bosques, e as Cidades,  
 Calcar aos pes a humanidade, e o justo,  
 Os raios attrahir das mãos de Jove,  
 Para voltar aos mares tormentosos  
 Co'um pouco do metal, que gera os crimes;  
 Nós vamos procurar visinha praia  
 Para rir, e beber de Maio em honra:  
 Vamos c'roar-nos de verdura, e lirios,  
 Cantar ao som da flauta a Natureza,  
 Dançar no meio de innocentes gostos,  
 E longe dos mortaes viver ditosos  
 Poucas horas se quer na paz dos campos.

Terra, terra: éstas árvores das margens,  
 Que vão passando sobre as fronteiras nossas,  
 Convidão a colhêr sua folhagem:  
 Saltai, colhei os mais viçosos ramos,  
 Formai um tóldo, que nos-roube á calma.

A'vante ; adeos , ó Driades , ficai-vos  
 Em doce paz ; o orvalho vos-tecunde ;  
 Ache vossa raiz no Estio as águas  
 Tão abundantes , como as-tendes hoje.  
 Nós vamos celebrar o Mez das flores :  
 Quando voltarmos vos-daremos graças :  
 A'vante , não cesseis , alegres nautas ,  
 Cantai : eu vos-ensino um canto novo.

Das Filhas de Nereo a mais formosa  
 Foi Galatea candida , e rosada :  
 ; Por seus olhos azues morreo d'inveja  
 Aglaia , irmã de amor ! a curta boca  
 Ciumes accendeo no peito d'Egle ,  
 Bem que da boca d'Egle um doce beijo  
 O Sceptro pagaria ao Rei dos Numes ;  
 E Eufrosina , entre os Deoses celebrada  
 Pelos aureos anneis de longa trança ,  
 De Galatea a trança cobiçava.  
 ; E o seio ! o seio turgido , e nevado ,  
 Mais nevado que a espuma em que se-tornão  
 Na frente de um cachopo as crespas vagas ,  
 ; O seio era melhor que o teu , ó Cipria !  
 Treze vezes descêra a Primavera  
 Depois que aura vital gosava a Ninfa ,  
 E ja no Mar , no Ceo , no Mundo inteiro  
 Das bellas todas triunfava a bella ,  
 E ais , e louvores a-seguião sempre.  
 Nereo , chamando-a á funda gruta um dia ,  
 Sentou-a sôbre os tremulos joelhos ,  
 Ao hombro lhe-lançou paterna dextra ,  
 E beijando-a lhe-diz. “ Assaz é tempo ,  
 Filha , de rematar da infancia os brincos.



Tu conheces teu rosto, ; e não conheces  
 Que é preciso fugir a turba insana,  
 Que te-rodeia, que te-chama bella?  
 Crê tu nas câs de um Pai, de um Pai no affecto:  
 Quanto mais seus discursos te-agradarem,  
 E mais seus modos lisongeiros vires,  
 ; Mais perfidos serão! Cabe a meus annos  
 Dar prudente conselho á tenra idade;  
 Não te-offendas, previno-te a innocencia:  
 De meus delfins o lubrico rebanho,  
 Desde hoje apascentar é teu cuidado:  
 Não convem á belleza ociosa vida.,,  
 Disse, e poz-lhe na mão como pastora  
 Um bastão de coral co'a ponta d'ouro;  
 Entregou-lhe o rebanho, e conduzindo-a  
 De seus mares a um placido retiro,  
 Fica, pastora ; aqui, lhe-disse o Velho,  
 Vir-te-hei vêr muita vez. Rio-se, e deixou-a.

Alguns dias ali viveo contente  
 A equorea pegureira entre o rebanho:  
 Ora entre as plantas do coral brilhante  
 O-levava a pascer os verdes limos,  
 Ora ao marinho cão deixando-o entregue  
 Ia colher das perolas as conchas.

Uma tarde de Maio, quando aos braços  
 De Thetis vio que o Sol ia descendo  
 Ousou sair do fundo, e foi sentar-se  
 A gozar do espectaculo dos bosques  
 Na alegre entrada de uma verde gruta.  
 Nas ondas por acaso então nadava  
 Acis gentil de encantadores olhos:  
 Vio-o, e visto, calou seu canto alegre:



Sólta um suspiro , e se-perturba , e cora.  
 Do paternal preceito inda lembrada  
 Quer na gruta esconder-se até que parta  
 Das ondas o mancebo : eis se-arrepende ;  
 Já não quer occultar-se , e quer que a-veja.  
 D'entre o verde do Mar o niveo corpo ,  
 Que os olhos cega , e o coração cativa ,  
 As proporções , a ligeireza , a graça ,  
 Com que agora se-oculta , agora assoma ,  
 E em modos mil as posições varia ;  
 Tudo , tudo a-detem : de quando em quando ,  
 Sem conhecer que o-faz , se-lhe-aproxima ;  
 As tranças , que trazia ao vento soltas ,  
 Sem saber o porque reparte , e lança  
 Sôbre os hombros de neve , e cobre o seio ,  
 E consulta no Mar a propria imagem ;  
 Quer mais bella tornar-se , e mais não póde.

Cançado de banhar-se o Moço emtanto  
 Vinha a praia ganhando : ella assustada  
 Corre á gruta ; ali cora , ali desmaia ,  
 Quando o mancebo , quando o Pai lhe-lembra.  
 O bello nadador não tarda muito ,  
 Entra na gruta , onde largára as vestes.

Amigos , ; vós parais como esquecidos ?  
 ; Deixais que o lenho na corrente desça ?  
 Ah ! voltai ao trabalho ; e por castigo  
 Não ouvireis do alegre canto o resto.

Outro vou começar : já que passâmos  
 Defronte agora do lugar , por onde  
 Das Lágrimas a fonte ao rio desce.

Junto á fresca matriz d'este regato ,  
 Onde gosou nos seculos remotos

O mais diroso par de amor os mimos ,  
 Meu estro agora placido volteia  
 Por entre os cedros , e os fataes ciprestes ;  
 E ora ao lago pacífico se-arroja ,  
 Ora pausa da fonte entre os penedos.  
 Não , não o-imagineis : o vosso amigo  
 Não existe entre vós n'este momento :  
 Gira longe d'aqui no sítio umbroso ,  
 La conversa co'a Musa , aprende , e canta  
 Gratas histórias dos passados tempos.

Uma noite de Maio Ignez formosa ,  
 Ao pallido clarão da argentea Lua ,  
 Com seu Pedro fiel aqui vagava.  
 De seu candido amor primeiro fructo  
 Lindo , qual dos amores o mais lindo ,  
 Um tenro filho , que a fallar começa ,  
 Co a pequenina mão á Mai seguro  
 Com passos desiguaes a-acompanhava ;  
 No dextro braço do gentil consorte ,  
 O alvo braço despido entrelaçando ,  
 Languidamente a bella se apoiava :  
 Candida veste , cor da neve alpina ,  
 O corpo encantador subtil lhe-cobre :  
 Em gracioso nó lhe-prende as tranças  
 Cheiroso ramo apenas entr'aberto  
 Das rubras rosas , que reveste o musgo ;  
 Um veio ligeiro , transparente , e sôlto  
 Orna sem recatar seus altos peitos ;  
 E entre elles das mais flores triunfando  
 Do amor perfeito a curta flor matisa  
 A rara candidez c'o roxo grupo.  
 No silencio , na paz da noite amiga

Nos extases de amor arrebatados,  
 Ebrios ambos do nectar de ternura,  
 Provavão em seu ermo passeiando  
 Todo quanto prazer nas almas cabe.  
 Ignez, dizia Pedro, ; olha estes cedros,  
 Que doce murmurando agita o vento !  
 ; Olha as águas do tanque, onde tão clara  
 Se-está dos Ceos a Lua retratando !  
 ; Ouve o rumor das ondas transparentes,  
 Que vem nascendo da cavada penha !  
 Cara Ignez... ah ! calemo-nos ! ; escuta  
 O terno rouxinol como gorgeia !  
 ; Não o-sentes mui proximo ? ; quem sabe !  
 Talvez que em teu jardim celebre agora  
 Por entre as flores tuas adejando  
 Ao lado de uma esposa os seus prazeres :  
 Se assim é, derramai, formosas flores,  
 Aos Zephiros da noite amaveis cheiros  
 No instante em que Himeneo deve ajuntal-os.  
 Oh ! minha Ignez ! ; que os Ceos me não permittão  
 Ja contigo viver !... N'isto o mancebo  
 Contra o peito apertando o braço d'ella  
 Com seus beijos de fogo devorava  
 A mão pequena do formoso objecto.  
 Sem nada responder Ignez parava,  
 E do férvido Amante a dextra unia  
 Sobre o tepido seio, que entre tanto  
 Assaz fallava com fieis suspiros.  
 Oh ! dizia por fim, ; que Deos contrário  
 Ao terno amor, á candida innocencia  
 Minha Vida, meu Bem, busca affastar-nos ?  
 ; Não nos-fôra melhor, se entre as cabanas

Tiveramos nascido ? então ditosos ,  
 Sem ter para mandar mais que um rebanho ,  
 As lãs em vez das purpuras vestindo ,  
 Tendo um cajado por dourado sceptro ,  
 E por diadema as flores , e a folhagem ,  
 Pedro tóra um Pastor , e Ignez Pastora .  
 ; Teu Solio . . . quantas lágrimas nos-custa !  
 ; Mas se fosse teu Solio uma collina ,  
 E seu docel um parreiral pequeno ,  
 Nas columnas das árvores firmado . . . :  
 Não sentira em meus sonhos o remorso ,  
 Teu coração . . . , ninguém m'e-disputara ,  
 Não se-encobrirá o meu amor ! oh ! cessa ,  
 Cessa , Pedro lhe-diz interrompendo-a :  
 ; De que servem , querida , essas lembranças ?  
 ; Posso eu mais adorar-te ? ; e que receias ?  
 ; Ou que hei de eu desejar se tu me-estimas ?  
 Um peito como o teu , virtudes tantas  
 Não são para viver na escuridade .  
 Os justos Ceos , que ou rara vez , ou nunca  
 Um coração como o de Ignez formarão ,  
 Dos Reis , de teus Avós te-põe na estrada :  
 Chamão-te ao lado meu da glória ao cume  
 Para luzir nos criminosos dias  
 Um astro de virtude entre os humanos .  
 Gozemos do prazer . . . ; Olha ésta noite  
 Como é formosa , minha Ignez ! não tornes ,  
 Eu t'ó peço por mim , por ti , por esse  
 Fructo do nosso amor , que te-é tão caro ,  
 Não tornes a avivar essas lembranças .  
 ; Queres tu , minha amada , que empreguemos  
 Os momentos melhor ? vamos sentar nos

Sôbre o banco de pedra ao pé da fonte,  
 E ali me-cantarás os doces versos,  
 Onde quasi exprimiste o que sentimos  
 Quando a primeira vez nos-vimos juntos  
 Tambem de noite, e n'este sítio mesmo :  
 E'stas ideias nos-serão mais doces.

Disse, e Ignez imprimindo-lhe nos labios  
 Um longo beijo co'a pequena boca,  
 Sim, lhe-responde; o que te apraz não pôde  
 Deixar de me-agradar: n'isto levanta  
 Em seus braços o filho, e ao collo o-toma,  
 Forceja o Pai para furtar-lhe o pêso;  
 Mas ella o não concede: este menino  
 E'meu, lhe diz; eu t'a-darei, é tua,  
 Se for menina, que em meu seio trago;  
 Pertence o filho á Mãi, e ao Pai a filha.  
 Sorrindo com ternura o ledo amante,  
 ; Ser-me-ha dado, lhe-diz, que de teu filho  
 Ao menos cõlha alguns pequenos beijos,  
 Ou devo só c'os teus ficar contente?  
 Se meu filho t'os-deve, eu só t'os-pago,  
 Ignez responde, e lhe-pagou mil beijos.  
 Chegão em fim ao marmore: este trio  
 Poderia offender-te, um pouco espera,  
 Não te-sentes, Ignez: isto dizendo  
 Voa ao proximo cedro, os ramos colhe,  
 Volta com elles, alcatifa a pedra,  
 Deita junto da Mãi sôbre a folhagem  
 O pequeno menino, que adormece  
 C'ó rosto sôbre o maternal joelho:  
 E ante ella passeiando á luz brilhante  
 Da Lua, que entre as árvores raiava,

Attento escuta a doce voz , que sôa  
 No sombrio lugar com mago encanto :  
 A musica tocante , o doce estilo ,  
 O suave da voz , a frase meiga ,  
 Tudo o-lança em delirio : arde em desejos ,  
 Os mais sentidos perde , ouve somente :  
 Não se-lembra onde está , quem é não sabe ,  
 No Mundo não se-crê , nem ser humano :  
 Só d'êsta confusão , em que se-perde  
 N'um cahos de prazer , de quando em quando  
 Ignez descobre , e mais gentil que nunca :  
 Já não pôde conter-se ; o fim do canto  
 Já não pôde esperar. O minha... exclama ,  
 O'minha.... e sem findar , pois não encontra  
 Um nome tal , que o sentimento exprima ,  
 Que de seu coração trasborda em ondas ,  
 Vôa a abraçal-a sem podêr fallar-lhe ;  
 A musica por beijos lhe-interrompe ,  
 Embarça-lhe a voz , quer com seus labios  
 Beber dos labios d'ella os sons divinos ,  
 Guardal-os dentro em si : de recolhel-os  
 Qualquer outro lugar indigno julga :  
 Mas ella rindo , e a boca desviando ,  
 Que lhe-deixe acabar lhe-pede a custo :  
 Sim , acaba , responde , Ignez , acaba ;  
 E o collo , e o seio lhe-beijava em tanto.  
 Depois ante ella attento ajoelhando ,  
 Sôbre ella recostava o rosto ardente ;  
 E differindo as férvidas carícias  
 Ainda um pouco mais a ouvir tornava.

Findou-se o canto : erguendo-se da terra  
 O mancebo apressado a mão lhe-toma :



Vamos lhe-diz , a Lua vai descendo :  
 D'aqui a pouco a-roubarão de todo  
 Os bosques do Occidente á nossa vista.  
 A Lua vai dormir : ; como depressa  
 Não tem corrido para nós a nóite !  
 As auras pela relva estão dormindo ,  
 Curváo com somno as árvores as fronte ;  
 Do verde ranque as águas não se-agitáo ,  
 E entre o musgo Morpheeo lhe-esconde os peixes ;  
 O rouxinol , que ha pouco gorgeiava ,  
 Tambem ja se-calou : ; sabes a causa ?  
 Talvez lhe-empeça a voz , responde a bella ,  
 Teimoso furto de continuos beijos.  
 Não , não , lhe-diz o amante , agora occulto  
 Entre a folhagem co'a formosa esposa  
 Aperta o rouxinol de amor os laços ;  
 ; E nós Ignez ? ... ah ! busca o teu menino ;  
 Talvez não tarde a Aurora , ao leito vamos ,  
 E do fresco da noite ali zombemos .

; Em fim chegámos ! c'ó ligeiro impulso  
 Bate a proa no caes , o lenho treme ,  
 Tremem com elle de seu tóldo as folhas ;  
 Salta Josino , da-me a dextra , eu quero  
 Ser o segundo que visite a Lapa .

; Salve ameno lugar , que as Graças pisáo !  
 ; Respeitar-te convem ! nós re-adorámos .  
 ; Gloria ao sacro arvoredó , que diffunde  
 Sôbre a calma do vate a sombra fria !  
 ; Gloria ás auras , que prêsas n'este sítio  
 Das Driades por mão aos troncos d'ellas  
 Agitáo com susurro a massa enorme  
 Da folhagem suspensa ! ; honra aos que brincáo



Puros raios do Sol sôbre o terreno  
 Mal' que um Favonio lhes-descobre a entrada !  
 ; Eterno amor ás aves, que em seus ramos  
 Avinda nossa a gorgear celebrão !  
 ; Paz ao Deserto, onde com nosco as Musas,  
 Esquecidas de Pimpla, se-contentão  
 De encher de alegres canticos os ares !

A'Festa, á Festa: reuni-vos todos,  
 Vinde colhêr as fugitivas horas:  
 Qual vaga ja passada, ou flor ja murcha,  
 Para mais não voltar, se-escapa o tempo.  
 A'Festa, Amigos: Ah ! n'êsta eminencia  
 ; Eis ja pronto um altar ! ; eil-o cingido  
 Com largas fitas de pintadas flores !  
 Ante elle o rosmaninho, a murta, as rosas  
 Té não curta distancia o chão tapisão ;  
 Heras, e lirios candidos o-toldão :  
 De heras, e lirios adornai as frentes.  
 Graças ao Genio, cuja mão propicia  
 Nossos trabalhos prevenio d'êst'arte.  
 Ajoelhai : ; lá sobe a Divindade !  
 Silencio.. paz.. Retumbe pelos echos,  
 Sem mistura de voz o som das flautas.  
 No coração, no espirito me-chovem  
 D'estro divino electricas centelhas.  
 Ja me-sinto mudado em branco cisne :  
 Cercai-me : eu vou cantar ; calem-se os ventos.

Voa invisivel das Hemonias Serras,  
 Tu que no Xantho as aureas tranças lavas :  
 E se é tua, qual Roma o-suppozera,  
 E'sta a melhor porção da florea quadra,  
 Do Cantor de teu Mez protege a audacia.

D'entre os Filhos da immensa Eternidade,  
 D'entre esses doze Irmãos, que repartido  
 Tem por sua influencia o anno inteiro,  
 Maio foi sempre o mais gentil de todos:  
 Qual dos cachos o Deos, e o Deos das setas,  
 Goza brincando eterna mocidade.

As Graças infantis, e a Formosura  
 O-criarão nos Ceos c'ó proprio leite.

Mal que o Mundo surgio do horrendo cahos  
 Veio formar-lhe os seus primeiros dias,  
 E Maio foi da terra a fresca Aurora.

Em mimos escondendo a Magestade,  
 E'Maio o Pai, e o Rei da Natureza:

Qual em soberbo Paço anda nos bosques;  
 Ou qual em solio, nos outeiros verdes

Se-assenta ao lado da risonha Flora,  
 Que alta Rainha em purpura se-ostenta,

E cinge a frente com douradas flores.

Compõe-lhe o seu cortejo Auras, Favonios,  
 Que das plumas azues vapor derramão,

Furtado ha pouco ás pudibundas rosas.

Em seu reinado insolita doçura

Exhala o canto dos volateis grupos,

Que a Primavera para o bosque trouxe,

E canoro parece o bosque inteiro.

Em seu reinado os prados florecentes

Só cuidão de ostentar perfume e cores:

Na confusão, no amavel labyrintho

O olfato, a vista decidir não podem;

E a Ninfa ás vezes longas horas fica

A meditar na escolha dos ornatos.

Co'a folhagem densissima susurra

O bosque annoso a celebrar-te, ó Maio ;  
 Susurra a celebrar-te a fonte, o rio.  
 Com serena alegria o Sol derrama  
 Vasto Oceano de luz no aereo espaço ;  
 E sem nuvens soffrer, que o Polo affrontem,  
 Doura do vasto campo a face amena.  
 A pompa da manhã, da tarde o brilho,  
 Tem não visto matiz d'ouro, e de rosas,  
 E côr de fogo sôbre um Ceo de leite.  
 Toda patente a abobada de estrellas,  
 Toda brilhante a prateada Lua,  
 Te-dão, como as do Elisio, alegres noites,  
 De importuno calor desafrontadas,  
 Cheias de encanto, da saudade amigas,  
 Gratas a um tempo ao coração, e ao estro.  
 Aqui, e ali os rouxinoes se-escutão  
 Longas horas c'os echos porfiando.  
 Gira, vagueia pelas fracas trevas  
 Dos perilampos o lustroso bando :  
 Resoa em cada aldeia alguma flauta ;  
 E em tórno d'ella as camponezas dançáo :  
 Bata no aprisco impaciente o gado  
 As poucas horas, que á manhã precedem.  
 ; Como é doce o teu Mez, benigno Maio !  
 Alegra-se o viajante ao ver nos campos  
 Do verde trigo as trémulas searas.  
 Iguaes a um vasto lago, onde os Favonios,  
 Nascidos inda ha pouco entre as florestas,  
 Aprendem a encrespar as verdes águas.  
 Aqui a par de um campo, onde começa  
 O milho a despontar, desprega aos ares  
 Com vaidosa soberba altas bandeiras

De outros milhos o exército infinito.  
 Ostentando riqueza além meneião,  
 Entre a argentea folhagem pendurados  
 Cachos de flor, os olivæes fecundos.  
 Os pomares de fructos se-carregão,  
 Que ja sem medo aos furacões, e ás chuvas,  
 Com ância a cor, e a madureza esperão.  
 As aves da manhã quando revôão  
 Com longo canto pela immensa altura  
 Se-aprazem de os-olhar; e ás vezes descem,  
 E vem pousar sôbre os curvados ramos,  
 E o futuro sustento ali festejão:  
 Tal de annos onze uma pequena virgem  
 De adoradores mil se-vê cercada;  
 Bem que á sua belleza inda lhe-faltem  
 Terno expressivo olhar, globos de neve;  
 Voluptuoso desejo entre suspiros,  
 Buscado enfeite, graciosas fallas,  
 Rodeião-na com rudo adivinhando  
 Pelo botão fechado a flor aberta.

Mas, ó Maio, j o teu mez não brilha esteril!  
 La se-ergue o laranjal c'os fructos d'ouro;  
 Doces limões, e saborosas limas  
 D'entre a larga folhagem descobrindo  
 A amarellada tez, e o forte aroma  
 A vista prendem convidando ao furto:  
 Ri-se entre as mais a alegre ceregeira  
 Que ainda que no gosto a muitas cede,  
 Mais que todas seduz co'as vivas bagas:  
 A gingeira com ella aposta encantos,  
 Mas apenas gostada a palma é sua:  
 Iguaes a um coração em cor, em fôrma

Os suaves ~~morangos~~ já maduros,  
 Contentes da humildade, estão dormindo  
 No fresco seio da materna planta:  
 D'ali, se vem um Zephиро acordal-os,  
 Olhão em roda as pampinosas vinhas;  
 E vendo como os pequeninos cachos,  
 Que a fronte cingem do celeste Bromio,  
 E um dia gratos brilharão nas mezas  
 Mudados no licor, que gera os risos,  
 Do nativo terreno apenas se-erguem,  
 Zombando riem da vaidosa audacia,  
 Com que somem no Ceo pomposa frente  
 Árvores tantas menos uteis que elles.  
 Por toda a parte as desveladas hortas  
 C'ó verde alegre das crescidas plantas  
 O suor do colono estão pagando;  
 Seu terreno sulcado está coberto  
 De immensas producções, que vão nas mezas  
 Ser preciso sustento, ou grato mimo,  
 E ora entrar na Choupana, ora nos Paços.  
 Em teus dias, ó Maio, as vèlas sólta  
 Sem medo o nauta pelo vasto Oceano,  
 E olhando puro o Ceo, de leite as ondas,  
 A cujas furias se-escapou nadando,  
 Sôbre a popa da não regendo o leme  
 Pensa na esposa, nos filhinhos pensa;  
 Prometteo-lhes voltar; nem já receia,  
 Maio, fiado em ti, ser-lhes perjuro:  
 Sôbre a cana do leme encosta os braços,  
 E ou sólta em grande voz grosseiros versos,  
 Ou costumada musica assobia  
 Olhando a estrada de alvejante espuma,

Que d'um , e d'outro lado á proa fuge ,  
 Rota em pedaços té que a-apague o vento.  
 Brinca nas águas , e ou se-esconde , ou salta  
 De vagos peixes prateada turba ;  
 Pelos ares alguns quaes settas voão ,  
 Longo espaço ganhando em curto instante.  
 Na verde superficie as Ninfas dançam ,  
 Da tarda noite nas caladas horas  
 Das estrellas á doce claridade.

Mas eu quero soltar mais altos vôos ,  
 Trazer ao Mundo incognitas verdades.  
 ; Em teus dias , ó Maio , os Paphios bosques  
 Virão nascer os trefegos amores !  
 N'um valle opaco , onde buscando o fresco  
 Costumavas dormir entre mil flores ,  
 La teve a Deosa o seu fecundo parto.  
 Apenas sôbre a attonita verdura  
 Cipria depunha um pequenino alado ,  
 Logo o-via nos Ceos voar , sumir-se :  
 ; Tal dos Amores o soberbo genio !  
 Nascem apenas , ja não ha no Mundo  
 Quem os-possa prender , quem os-modere :  
 Quando cançados de brincar nos ares  
 Um passa tempo á terna Mai pedião ,  
 Tu lhes-foste ensinar pelas florestas  
 A formar arcos de flexiveis ramos ,  
 E despedir , sem nunca errar , seus golpes.  
 Tu lhes-mostraste os resinosos troncos ,  
 De que havião formar brilhantes fachos.  
 Tu mesmo entre elles companheiro , e mestre ,  
 Pelos campos as flores procuravas ,  
 Com que doces prisões tecer devião.



! Tudo em teus dias no Universo adora !  
 ! O sexo , a idade , as condições não livrão !  
 Entre o rebanho , que amoroso bala ,  
 Amoroso pastor suspira , ou canta ;  
 Ternas gorgeiões no arvoredor as aves ;  
 Rugem ardendo de desejo as feras ;  
 Entre as algas o peixe a esposa occulta ;  
 Suspiros ouço ás árvores , e aos ventos ;  
 Vejo os Favonios abraçando as plantas ;  
 O Zephirus a brincar co'a linda Flora ;  
 Ou de Clóe co'a trança , e c'os vestidos :  
 Pela campina as flores bolichosas  
 Ornadas muitas do purpureo pejo ,  
 Quando em tórno um rumor propicio escutão  
 Se-approximão beijando-se : umas fogem ,  
 Mas fogem como as bellas o-costumão ,  
 E ou tarde , ou cedo as outras vão tocar-lhes ,  
 E Venus as-fecunda , e Máis se-tornão ;  
 Em cada gruta , em cada bosque ás Ninfas  
 Uma emboscada os Satiros aprestão :  
 Por bellezas mortaes arrebatado  
 Canta em rustica voz novos amores  
 C'roado de pinheiro o Deus da Arcadia ,  
 ! E ante a Ninfa gentil mudada em canas  
 Sôbre as canas da flauta os sons varía  
 Com ar alegre , que perjuro o-torna !  
 Sensível para o Sol se-volta Clície ,  
 E o Sol na terra outras bellezas busca ,  
 E outras acha , que o peito lhe-cativão ,  
 E fazem que mais tarde a Thetis desça.  
 Entre os Astros as Pleiades luzentes  
 Com saudade seus thalamos recordão :



Junto d'ellas o touro inda se-escuta  
Mugir lembrado da formosa Europa.

De Venus bella a luminosa estrella  
Desponta sôbre o Ceo com mais doçura :  
Parece que saudosa indaga os sitios ,  
Onde contigo , venturoso Adonis ,  
Passava as noites do formoso Maio :  
E quando foge ; a Aurora se-envergonha ,  
E-cora por voltar tão cedo ao Mundo ,  
; Pois quem ha que não saiba os seus amores ?  
; Quem de Cephalo a história não repete ?

Em cada tronco um distico de amores ,  
Ou dois nomes se-lem , como enlaçados.  
Uma sombra , uma so não ha nos campos ,  
Onde amor não recorde , ou não prepare ,  
Ou não veja presente uma victoria.  
Foi, Maio, foi teu Mez que ao Rei das sombras  
D'aquem da Estigie pelo amor ferido ,  
Fez que deixasse o sempiterno cahos  
Para roubar a encantadora esquiva  
Do floreo campo de Enna ornato , e Deosa.

Foi, Maio , foi teu Mez que ouvio primeiro  
Diana a suspirar , arrepender-se  
De ser das virgens tutelar Deidade.

Mas cumpre coroar teu elogio :  
; Graças ao teu podêr , e ao teu influxo !  
E's tu que a rir convidas gracioso  
Minerva um pouco a abandonar seus livros.(1)  
; Quem pôde resistir-te ? emfim te-cede ,  
Toma-te pela mão , para que a-leves

---

(1) E'em Maio que se-costuma pôr pon-  
to nos Estudos da Universidade.

A divagar em teus vistosos campos ;  
 O ar de meditação troca em agrados ,  
 E vê contente abandonar-lhe a Córte  
 De seus alumnos juvenil caterva ,  
 Que alvoroçada aos patrios lares vôa.  
 Sim ; Maio , ; eu voarei aos patrios lares !  
 ; Mas pensas tu que o tempo, ou que a distancia  
 D'este dia a memoria hão de apagar-me ?  
 Não : onde quer que os Fados me-condusão  
 Sempre te-hei de cantar , sempre c'roado  
 De teus altares me-veras Ministro.  
 Mas d'êsta sociedade , e d'estes brincos ,  
 Emquanto a noite se-adornar de estrellas ,  
 Nunca a lembrança volverei sem mágoa.

De generoso vinho enchei-me o copo ,  
 Que de mirtea grinalda ornado quero :  
 Imitai-me tambem : por este , ó Maio ,  
 Suavissimo licor , pai da alegria ,  
 Por este , digo , cuja taça empunho ,  
 Juro ante o Ceo , de teu altar em frente ,  
 Que um anno só não deixará meu estro  
 De exaltar tua glória , e a minha amada ,  
 A Deosa tua Mai , a Primavera :  
 Se eu tor perjuro os astros me-persigão ,  
 As flores para mim seu cheiro percão :  
 Não me-acolhão as Driades á sombra ,  
 Veneno se-me-torne a fonte , o rio ,  
 Esquiva a Musa , os fructos amargosos :  
 No estrondo dos trovões se-me-converta  
 Do hosque o susurrar , d'água o murmurio ,  
 Do rebanho o baldo , a voz das aves ;  
 E onde quer que aterrado , espavorido

Pertender repousar meus lassos membros  
Em vez de relva fria encontre serpes  
D'entre aridos penedos sibilando.

! Basta em fim ! sinto a voz cançada um pouco:  
Reformai-me outra vez a funda taça.  
Em honra a vós formosas Habitantes  
D'este ameno lugar ésta se-esgote.

Esperai-me que eu volto: eu quero ao Nome  
Fazer no altar da Festa um sacrificio.  
Vou conduzir a victima, que prêsa  
Eu trouxe occulta do batel na popa.  
Eis-me: abrí-me caminho: eu volto ás aras;  
Dai-me um vaso com água, aonde eu possa  
Com sagrada ablução purificar-me.

Silencio; Eu fallo ao Deos! N' ésta gaiola  
Pobre, mas bella, que um pastor nos bosques  
Teceo de canas, e pintadas vergas,  
Olha; que lindo prisioneiro trago!  
! Um bello pintasilgo alegre em canto,  
Amigo de brincar, formoso em cores,  
Terno, fiel, que em me-fugir não pensa,  
Destro em-tirar do cristalino poço  
C'o balde de avelã sua bebida!

! Outro melhor nunca girou nos bosques!

D' ésta estação n'um dos primeiros dias,  
Segundo o meu costume, antes da Aurora  
Saí para girar nos campos verdes,  
Gosar da manhã fresca os puros ares,  
Ouvir das aves os primeiros cantos,  
E aquecer-me sentado sôbre a relva  
Ao primeiro calor do Sol nascente,  
Calor, que envolto em luz parece aos campos,

Patece aos corações trazer a vida.  
 Debruçado entre as plantas orvalhadas  
 Banhei o rosto n'um remanso puro  
 D'uma fonte, que perto rebentava  
 Do roto seio de musgosa fraga;  
 Colhi as flores inda ha pouco abertas,  
 E concertei um ramo, que por fóra  
 Quasi envolvi nas mais cheirosas plantas;  
 E co'a mente serena, e possuido  
 Do amor do campo, e dos campestres gostos,  
 Voltei de novo ao lar: junto á janella  
 Por onde o Sol ja me-lançava um raio,  
 Fui sentar-me a nutrir do meu transporte  
 O coração, e o espirito encantado.  
 Eu sonhava acordado ah; nos meus sonhos  
 Não via mais que os bosques, e os pastores;  
 Rebanhos, fontes, rusticas choupanas!  
 Eu me-cria o senhor de uma pequena  
 Porção de terra, em cuja frente havia  
 Uma casa de troncos fabricada,  
 Toda pot fóra revestida de heras:  
 Mas este pintasilgo erguendo o voo  
 De uma árvore visinha, onde cantava,  
 Me-entrou em casa; ao seu gorgoeio acordo,  
 Pois junto a mim pousava gorgoeiando.  
 ; Ouves, Maio, este som, com que parece  
 Approvar adejando o que te-conto?  
 ; Ouves? repara bem: tal modulava  
 Quando amoroso a visitar-me veio.  
 Ganhando confiança a pouco e pouco  
 Saltou-me sobre o hombro, e de improvisio  
 Prêso se-vio na minha mão fechado;

Quiz adejar , debalde ; ais lastimosos ,  
 Ou antes gritos , desprendeo piando.  
 Seu pequenino coração batia  
 Tão cheio de pavor , que de piedade  
 Senti meu peito revolver-se todo :  
 Beije-o , presentei-lhe água , e comida ,  
 ; Mas tudo recusou ! O desgraçado  
 So pensava em fugir ao seu tirano.  
 Não receies , lhe-disse , eu vou guardar-te  
 Dentro em minha gaiola um dia inteiro ,  
 Um dia , e nada mais : se depois d'isto  
 Te não vir consolado , eu te-protesto  
 Abrir-lhe a porta , e libertar-te os vãos.  
 Assim fiz : encerrei-o , e na janella  
 Fui pendurar seu carcere provido :  
 Comeo , bebeo ; depois de algumas horas  
 Finalmente cantou : bem , meu amigo ,  
 Bem lhe-disse eu , desde hoje não te-deixo :  
 Serás o sócio meu , não meu escravo ,  
 Terás sem procural-o o teu sustento ;  
 Livre do caçador canta seguro ;  
 Gosa do campo as vistas agradaveis :  
 Pôr-te-hei , para saltar como nos bosques ,  
 Tremulos ramos de cheirosa murta :  
 Dar-te-hei por fim uma innocente esposa ,  
 Virgem , bella , extremosa , e cujos filhos  
 Serão so teus , e como tu , formosos.  
 Desde esse dia alegre em minha casa  
 Vive , e canta , conhece-me de longe ,  
 Festeja-me a saltar com doces pios ,  
 Come de minha mão , sôlo não foge ,  
 E paga com ternura os meus affagos.

; Eis a victima em fim que eu trago, ó Maio,  
 Ao sacrificio teu ! ; bem vês se deve  
 Para o meu coração ser preciosa !  
 ; Vou perder um amigo em honra tua !  
 Com é'sta pequenissima grinalda  
 De sensinha lhe-circundo o collo  
 Para signal da dor, que me-comprime :  
 Vam s, venha o punhal, que eu limpo o pranto.  
 O' Ceos ! ; quanto me-custa ! é sacrilegio  
 Qualquer demora mais : ; ânimo agora,  
 Saudoso coração ; venceste, ó Maio !  
 Venceste ! ; consumou-se o sacrificio !  
 O fio prêso ao pé cortei de um golpe,  
 Lancei-o ao ar ; voou ; ja não se-escuta,  
 Foi rever seus antigos companheiros,  
 Sua amada, seu bosque, e o seu alvergue.  
 ; Oh ! como será doce em tórno ao sócio  
 Que julgáráo perdido, unir-se todos,  
 De sua ausencia as causas perguntar-lhe,  
 E ouvir-lhe a história, onde eu serei, ; quem sabe?  
 Talvez chamado um perfido tirano :  
 Não, o meu pintasilgo ha de contar-lhes  
 Com que extremos de amor, com que desvellos  
 Foi tratado por mim : ja me-affiguro  
 Ouvil-o descrevendo a Festa nossa,  
 Onde deveo ao Maio a liberdade.  
 Vive pois venturoso, e quando a tua  
 Terna esposa incubar sôbre o seu ninho,  
 E tu defronte, e perto sôbre um ramo  
 Buscares com teus cantos entretel-a,  
 Conta-lhe então de teu amigo o nome,  
 Conta-lhe tudo o que em meu lar passaste :



Que vezes te-beije de madrugada  
 Por me-acordares co'o suave canto ,  
 Para trocar o leito pelo grato  
 Passeio da manhã d'onde trazia  
 Para a tua gaiola hastes de flores,  
 Ouvirá com ternura a doce história ,  
 E a-contará depois aos ternos filhos.  
 Talvez que em meu passeio inda algum dia ,  
 A festejar-me em tórno a mim se-junte  
 Cheia de gratidão toda a familia ;  
 Tu meu amigo , a tua esposa , e prole.

Dispersai-vos , bebei , cantai , Amigos ,  
 Ride , e dançai , por que invejoso o tempo ,  
 Co'as cãs na frente , e o coração gelado ,  
 As horas do prazer furta aos mancebos.  
 Mas ai de nós , que o perfido voando  
 Ja nos-fugio co'a encantadora tarde!

Desçamos ao batel : adeos , ó Lapa ,  
 Adeos , fica-te em paz , e cedo espera  
 Ver de novo juntar-se á sombra tua  
 Da Natureza os candidos Amigos.  
 Deixai as varas , gracejemos antes ;  
 Não cumpre trabalhar , para fugirmos  
 De um bosque sacro a Maio , e sacro ás Musas.

D'essa garrafa de cristal doirado  
 Duas taças me-enchei. Venha a primeira :  
 E'sta se-esgote da amizade em honra.  
 Oh divino licor ! se o puro nectar ,  
 Que Hebes formosa a Jove ministrava ,  
 Comtigo competir podesse ao menos ,  
 Jove lhe-perdoára o seu descuido ;  
 Nem dos bosques Ideos arrebatado



Ganimedes gentil voára aos Numes.

Dai-me , dai-me a segunda. Em honra agora

Do celeste prizer , que nos-rodeia ,

Este liquido fogo ao peito envio.

! Graças ás mãos , que á terra afortunada

Derão em hora boa éstas videiras !

! Graças a Baccho , ao Protector , que tanto

Desvello lhes-prestou ! ! graças á turba

De alegres raparigas , que levárão

Os cachos ao lagar em largos cestos !

! A vós mancebos rusticos , e alegres ,

Que aos pés calcastes na cheirosa pia

As luziidas , as coradas uvas ;

E a ti , lenho feliz , em cujo seio

Os sagrados toneis se-transportárão

Desde os campos de Chipre aos campos nossos

Do celeste perfume ebrias as Ninfas

Te-acompanhárão na veloz carreira ;

Continuamente as velas re-entunárão

Com halito propicio os frescos ventos ,

Que lá brincavão pelas ferteis vinhas ,

Faceis criando , e colorindo as uvas :

E o mesmo Baccho (eu não vos-minto , amigos,

Ah ! dai-me a taça , os labios se-me-seccão ) ;

Baccho , elle mesmo , o vencedor das Indias

Invisivel na popa revirava

O leme director co'a mão divina.

Dai-me á pressa outro copo , outro , mais cinco ,

Mais um que eu vote a Phebo , e nove ás Musas.

! Sinto o meu coração desteito em gôsto !

Ah ! ; por piedade rodeai-me todos !

Quando entre Amigos bebo , um só não basta

Para me-encher os necessarios copos.  
 Não se-consinta o minimo intervallo ;  
 Trabalhai todos para dar-me o vinho.  
 A cada qual de vós uma saude  
 Quero fazer , mais uma a cada Ninfa ,  
 Aos Numes todos , que na terra habitão ,  
 Aos Numes todos , que dos Ceos nos-olhão ,  
 A todos que no Elisio nos-esperão ;  
 Farei uma saude a cada vaga ,  
 Que desde a Herminea Serra(2) aos mares corre,  
 A'Lua , a cada estella , a quanto existe.  
 ; Do mais vivo prazer me-sinto em braços !  
 ; Rio , e respiro magicas delicias !

Gêlos , que em serras coroaís as fontes ,  
 D'onde as urnas as Naiades inclinão  
 Para mandar-nos de tão longe as águas ,  
 Derretei-vos em subitas correntes :  
 Brami de roda dos Herminios lagos  
 Ventos da tempestade ; as auras nuvens  
 Reuní , condensai : rerumbe ao longe  
 O grito do trovão pelas florestas ,  
 E o monte enorme em seus abismos trema.  
 Todo em chuveiros se-desate o polo :  
 E cedo oh ! prasa aos Ceos , e cedo o rio  
 Vença o leito , e com impeto revolva  
 Tropel ruidoso de espumosas vagas.

Sem podêr contrastar-lhe a furia enorme  
 Peito da praia sem podêr ganhá-la  
 No escuro turbilhão de rojo iremos ,

---

(2) Antigo nome da Serra de Estrella da qual nasce o Mondego.

Quando a Aurora , assomar já muito longe  
 Não-olhará no Atlantico engolfados.  
 Do enfeitado batel voltando a proa  
 Contra as vagas Austraes , candidas velas  
 Presentaremos ao ligeiro Boreas.  
 Em dia bonançoso , e mar de rosas  
 Iremos sem temor , cheios de assombro ,  
 Gozando entre as equoreas Divindades  
 Scenas de Maio no ceruleo campo.  
 Cedo veremos verdejando , e rindo  
 O alto Cabo surgir na extrema ponta  
 Da Lusitana Terra : erguendo aos astros  
 A nautica celeuma alvoroçados  
 Poremos no Occidente o vago leme  
 Para affrontarmos as Titoneas plagas.  
 Entre o Barbaro Solo , e o Solo Hispano  
 Passaremos cantando o Estreito , aonde  
 As Columnas ergueo famoso Alcides.  
 Pelos ventos Hesperios ajudados  
 Movendo assombro ás cerulas Nereidas  
 Cortaremos , voando , em curtos dias ,  
 Mediterraneo , tua longa estrada.

Nossos astros serão por entre as ondas  
 O astro de Venus luminoso , e claro.  
 Ariadne , a esposa do contente Bromio ,  
 E os Tindareos Irmãos , cuja concordia ,  
 Cuja amizade nos-será de exemplo.  
 Eolo prenderá com mil cadeias  
 Furo o nosso contrario : as verdes ondas ,  
 Ouvindo de Tritão roar o busio ,  
 Sem furia , sem fragor do barco em tórno  
 Cheias por cima de alvejante espuma ,

Saltaráo qual no prado os cordeirinhos.  
 ; Que , meus amigos ! ; receiais procellas ?  
 ; Procellas contra nós ! Assás os Numes  
 Nas almas sabem ler ; nós demandámos  
 Chipre votada aos candidos prazeres :  
 Do vinho a Deosa , a Deosa dos amores ,  
 Os Numes da amizade , eis nossos ástros.  
 ; E que havemos temer ? Não , não me importa  
 Que o ar , que o pégo em furias se-revolva :  
 Por entre a serração , por entre a morte ,  
 Voaremos a rit de Chipre aos campos ,  
 Quaes na barca da Estigie um dia iremos  
 Dos lagos internaes ao grato Elisio.

Não ha que receiar : dai-me outro copo ;  
 Outro bebei , e ouvi-me. A Providencia  
 Da Ilha encantadora ao melhor sítio  
 Nos-ha de conduzir : ; ja me-affiguro  
 Vêr , e gozar nosso retiro alegre !  
 Um cáes em meia lua , um cáes não grande ,  
 Ja nos-hospéda na vermelha areia : (1)

---

(1) Interrompi n'êsta passagem a minha composição para ouvir o Dithirambo de Mr. Gerstenberg intitulado = Chipre = . A semelhança de fundo que se-encontra entre o meu começado episodio , e este riquissimo monumento da poesia Alemá , e mais ainda o perfeito , e inimitavel bello , que n'elle achei , me-puzerão na tentação de não concluir o Poema. Temia que estes versos ficassem extremamente frios , e muito longe de podêrem conseguir o effeito que o Dithirambo de Mr. Gerstenberg tinha

Preciosa pedraria entre ella brilha,  
 E busios mil, e mil coradas conchas:  
 Unidas penhas de elegante aspecto  
 O amphitheatro deleitoso formão.  
 Todas se-vestem de verdura, e flores,  
 Todas têm fria gruta, ou doce fonte.  
 D'éstas fontes que em torno enchem os arez  
 De um desigual, suavissimo murmurio  
 Umas descem chovendo entre os penedos,  
 Outras em larga enchente se-arremeção,  
 Sem o musgo occultar, de rocha em rocha,  
 Té que ás bacias espumosas saltão.  
 Aqui um mirto, alem uma roseira  
 Coroa a entrada das pequenas grutas,  
 Ou lhes-fórma seu tóldo, ou quasi as-cobre.  
 Por toda a parte melíndrosos ninhos  
 Se-ouvem piar; por toda a parte adejão  
 Co'o sustento no bico as ternas aves.  
 D'ésta folhagem se-levanta o melro,  
 E val pôusar na proxima folhagem:  
 Queixa-se n'uma gruta Philomela  
 Quando Prøgne sentida eleva o canto.  
 Presos aos troncos Zephíros murmurão;  
 Auras, dos valles púimos correndo,  
 Das invisiveis azas nos-derramão  
 Almos effluvios de cheirosas flores.  
 Vede assentos que a mão da Natureza

---

deixado na minha imaginação. Delibero-me entre tanto a acabal-o.

Aos criticos illustrados róca decidir se faço bem ou mal,



Nos rochedos abrio , que a mão do tempo  
 Cobrio , amaciou com verde estofo ;  
 Aqui se-tem as Ninfas assentado  
 Pelas tardes de Maio muitas vezes  
 Para gozar os brincos dos Amores ,  
 Que ora lutão na areia , ora apostando ,  
 Se-arrojão de mergulho aos verdes mares ,  
 E-apparecem depois nadando , e rindo.

Vamos: por esta parte o cães nos-deixa  
 Na Ilha penetrar: commoda entrada  
 Nos-offrece este portico de murta.  
 Deoses ! ; que vamos vêr ! ; Salve cem vezes  
 Bosque sombrio , magestoso , immenso !  
 Do desmedido Atlante a espada enorme  
 Não , não é quem sustem o eterno Olimpo ;  
 ; E's tu , sagrado bosque ! a vista humana  
 Chegar não pôde a teus soberbos cumes :  
 Serras , diluvios de ondeantes folhas  
 Sôbre columnas mil , que o raio assustão ,  
 Se-agitão sôbre nós. ; Longe , ó profanos !  
 Vates , erremos pelas frescas trevas :  
 Alem , se não me-engano , o Sol penetra.  
 Corramos : oh ! prazer ! oh ! maravilha !  
 ; Eis um retiro aos Numes consagrado ,  
 Incognito aos mortaes , de encantos fertil !  
 Tu que visitas cada dia o Mundo ,  
 O'Sol , ; que outro lugar no Mundo encontras ,  
 Onde com mais prazer teus raios lances ?  
 Vede este prado , cujo fundo escondem  
 De Hiblieas flores coloridas nuvens.  
 Olhai sem guardador pingues rebanhos  
 Livres saltando nos outeiros verdes !



Vêde encostas de pampanos cobertas ;  
 Fontes á sombra de árvores sagradas ;  
 Jardins fechados de cheirosos muros ,  
 De altos lilazes , de azareiro , e cedro ;  
 Tanques no meio , onde em repuxo aos ares  
 Voão do bico de marmoreos cisnes  
 Argenteas lincas , que no ar se-crusão  
 Mil arcos , mil abobadas formando ,  
 E em fresca chuva vem mover os lagos.

! Que ditoso paiz ! sinto encantar-me  
 No meio agora d'estes sons campestres ,  
 A respirar balsamicos vapores  
 Em sacra habitação , entre os Amigos ,  
 Longe dos homens , da innocencia ao lado.  
 Abraçemo-nos : sim : desde hoje unidos  
 Seremos d'este sítio os habitantes.

D'este regato na fecunda varzea ,  
 Aqui , onde hospedagem graciosa  
 Presta ás aves do Ceo pequena selva ;  
 Aqui , onde estendidos sôbre a gramma  
 Junto ás novilhas candidas repousão  
 Co'a cornigera fronte entre as papoulas  
 Mansos touros , que o jugo inda não vírão ,  
 Aqui se vos apraz , se apraz aos Deoses ,  
 Vamos pois construir nossas moradas.

Do Genio do Lugar primeiro em honra  
 Cumpre fazer as libações , e os votos ;  
 Venerar depois d'isto a turba agreste  
 Das Ninfas do paiz ; e culto , e nome  
 Dar ás fontes , aos campos , e ás collinas  
 D'éstas gentis , incognitas paragens.

Vede as faias aqui : pinheiros , chopos ,

Alatei-os, formai nossas cabanas.

Formemos uma Aldeia : a cada alvergue  
Juntemos um jardim , que ao fundo banhem  
Do claro rio as fugitivas águas.

Não falte o culto ás sacras Divindades.  
A'obra , á obra ; o Templo se-levante  
Nobre , proprio de nós , digno dos Deoses.  
Sejão muros de cedro os altos muros  
Tão cerrados , que a luz romper não ouse :  
Deixemos á vaidade altas columnas ,  
Cúpulas d'ouro , abobadas suspensas  
Em meia altura da extensão dos ares :  
De trémula parreira um tecto basta  
C'ó jasmineiro entrelaçada : agora  
Pinrados cachos a-ornarão pendentes ;  
Agora alvos jasmims assemelhando  
Do Ceo da noite as lucidas estrellas.

Ponde na frente o Altar da Natureza ,  
De nossa adoração primeira objecto :  
Firmada sobre um Globo , como o nosso ,  
Uma estatua gentil figure a Deosa ,  
Virgem , bella , risonha , affavel , nua ,  
Guardando-lhe o pudor sendal ligeiro :  
Colar de flores lhe-atavie o collo ,  
C'roa de frutos lhe-circunde a frente ,  
Diversos ramos as madeixas ornem :  
Tenha n'uma das mãos celeste chamma :  
Penda da outra , e por seguro fio ,  
O Genio do prazer , que as azas bata  
Para voar-lhe ao cobiçado seio :  
Cerquem-lhe o pedestal em grupo immenso  
Homens , feras , volateis , nadadores ,

E quanto em fim por seu influxo existe;  
 Vêjáo-se ao fundo os poderosos Genios,  
 Que a seu sabor os elementos movem ;  
 Salamandras , Ondins , Silfos , e Gnomos.

D'ésta Ara ao lado se-verão pendentes  
 As flautas nossas , pois lhe-são votadas.  
 Sôbre outro altar a Deosa de Cithéra ,  
 Não de marfim , nem marmore talhadas ,  
 Mas de alva cera das abelhas nossas,  
 Feita por nossas mãos encante a vista :  
 Quero-a nua de todo : ao seio amime  
 Entre os braços de neve o filho alado ;  
 E co'a ternura languida nos olhos  
 Como para o-beijar lhe-estenda os labios ,  
 Cuita tornando , como a d'elle , a boca.  
 Astres Irmãs de amor pequenas, bellas ,  
 Como invejando do menino a sorte  
 Forcejem por trepar da Mãi ao collo ,  
 Em quanto o Irmão travesso a rir pretende  
 Co'as delicadas mãos lançal-as fóra.  
 Duas turbas de amores apinhados  
 Se-ergão d'aqui , d'ali : tenham por terra  
 Os arcos , e os tarpões : na dextra empunhem  
 Fachos , que hão de brilhar nos testos dias  
 Por nossás mãos com sacro lume accessos.

Defronte d'este na parede opposta  
 Outro brilhe votado á Primavera.  
 Ali se-mostre a Deosa , cuja veste  
 Um manto seja de tecidas flores ;  
 De flores o toucado ; a planta nua  
 Sôbre floreo torrão firmada esteja ;  
 Durma a seus pés o aurífero carneiro ;

O Maio , filho seu , tenha em seus braços ,  
 Igual em perfeições á Mai formosa ,  
 Alado como os Zephirus , e Amores ,  
 Que os Amores , que os Zephirus mais lindo ;  
 Tenha na dextra um ramo florecente ,  
 Onde pousem pintadas borboletas.  
 No esquerdo braço um câbasinho grave  
 C'os doces frutos , que em seu mez se-colhem ,  
 E a rir pareça á Deosa apresental-os ;  
 Mas a Deosa estendendo a mão de neve  
 Como que busque o gravido cestinho  
 Tirar de sobre o seio , onde elle o-punha.  
 De Favonios um bando se-reparta  
 Aos dois lados do Altar , em cujas dextras  
 Ponhamos bem fingidas cornucopias  
 Cheias d'água ; onde flores se-conservem.

Atrio cercado de sombrios louros  
 Haja na frente do sagrado alcaçar.  
 Por tres frondosos porticos se-passe  
 Do templo ao Atrio : em tórno d'elle existão  
 Dos loureiros á sombra as Deosas nove ,  
 E o Nume protector da equorea Delos.

Um de nós cada mez será por sorte  
 Da sacra Estancia o Sacerdote , e o Guarda :  
 Ficarão a seu cargo os festos dias ,  
 Dos altares o culto , os hymnos sacros ,  
 E a protecção dos ninhos melindrosos ,  
 Que as aves formarão do tecto em tórno ,  
 Para que nunca violados sejam ,  
 Santa hospitalidade , os teus direitos.

Da nossa Aldeia ás proximás campinas  
 Daremos da cultura uteis desvelos.

Vestumno, e Ceres, e Pomona, e Flora  
 Hão de favoneiar trabalhos nossos,  
 E em sustento pagar nossas fadigas.

Ricas hortas, dulcissimos pomares,  
 Doiradas messes, pampinosas vinhas,  
 O celleiro commum nos-terão cheio.

Da ociosidade vã não será filha  
 Nossa innocente, e solida riqueza.

Algun de nós ao trato dos rebanhos  
 Seus desvelos dará: ; que importa o Mundo?

Calquem-se aos pés funestos prejuisos,  
 O veo das illusões rasgue o Poeta.

; Vida de nossos Pais! ; vida dos campos!

; Quem te-nomeia humilde, e vergonhosa?

Vive o pastor no seio da innocencia;

No meio da pobreza é rico, e folga.

Em quanto os Grandes entre escravos gemem

Canta o pastor entre o rebanho, ou dorme

Fiado em seu amigo, em seu rafeiro:

Nem ao menos que ha leis sabe nos campos.

São seus dias cadeias de prazeres,

E seus prazeres innocencia todos.

Não cala seu amor, canta-o nos bosques

Em alta voz, ou goza-lhe as delicias.

Ao transmontar do Sol volta a seus lares,

Conta á porta o rebanho, e junto ao togo

Vai co'a ceia frugal entre os amigos

Restaurar o vigor para o trabalho.

Repousa em paz sóbre o macio leno

Em quanto alguma luz no Ceo não raia:

Não ha cuidado, que lhe-rompa o somno;

Se acaso sonha, os sonhos não lhe-pesão,

Pintão passados bens, ou bens futuros,  
 E volta ao mesmo quando nasce a Aurora;  
 ; Vergonhosa ésta vida ! ; ó desgraçados !  
 ; Corai no meio das grandezas vossas !  
 Se o pastor conhecesse o vosso estado  
 Nem de olhar-vos se quer nem se-dignava.

No regaço feliz da Natureza  
 Ao lado da ventura, os dias nossos  
 Serão a imagem dos dourados dias.  
 Como os primeiros Pais da especie humana,  
 Viviremos frugaes entre a abundancia,  
 Ricos sem pompa, sem vaidade sabios,  
 Socegados sem leis, sem armas fortes.  
 Hão de mil vezes os campestres Numes,  
 E o Sacro Povo, morador do Olimpo,  
 Comprazer-se de olhar a nossa Aldeia:  
 Ao romper da manhã, ser-lhes-ha doce  
 Ver-nos todos sair dos proprios lares  
 Co'a alegria na face: uns diligentes  
 C'os instrumentos rusticos nas dextas,  
 Ou seguindo seus bois voar aos campos,  
 Outros guiando para os ferreis pastos  
 Longa tropa lanigera balando.  
 Ser-lhes-ha doce o ver, como trabalhão  
 Todos no bem commum, sem que se-escutem  
 Do meu, e teu os nomes perigosos.

Quando o gallo doméstico na Aldeia  
 Soltar ao meio dia o canto agudo  
 Correremos á mesa: unidos todos  
 De um hosque á sombra nos calmosos tempos,  
 E junto ao fogo quando reine o frio,  
 Não veremos diante a rica prata



C'ò vivo resplendor cegando os olhos,  
 Nem dourados cristaes, nem porcellanas,  
 Cujá louca ambição furiosa arrasta  
 Tantos loucos mortaes, dignos do pranto  
 D'entre os braços dos seus aos torvos mares,  
 E em fragil pinho, que rodeia a morte,  
 De longinquo paiz os-leva aos portos.  
 De facil construcção vermelho barro  
 Fará nossa baixella, e cavos troncos  
 Fundos, polidos, de jasmins c'roados  
 Servir-nos hão de o rubido Falerno.

De nossas hortas vegetaes gostosos,  
 Os teus dons, ó Pomona, e os teus, ó Ceres,  
 O mel puro e doirado, e o branco leite  
 Bastão assas da Natureza aos filhos.

E que? ; algum de nós contra o que vive  
 Ousaria vibrar da morte a foice!  
 ; O touro soffredor, cuja fereza  
 Para servir-nos se-abateo ao jugo,  
 O touro, o nosso amigo, e o nosso escravo,  
 Que sem ter parte alguma em nossos gostos  
 Tomava parte nas fadigas nossas!  
 ; Que armado pelas mãos da Natureza  
 Podia, se quizesse, oppôr-se aos fracos,  
 Que a paz, que a liberdade ousão roubar-lhe,  
 Depois de longo, aviltador serviço  
 Deve... oh pejo! oh furor! oh sacrilegio!  
 Cair ás mãos do barbaro assassino,  
 Para quem só viveo! por quem mil vezes  
 Coberto de suor, cheio de espuma,  
 Co'a fronte baixa sem mugir ao menos  
 Queimado pelo Sol até soffria

Duro , ferreo agulhão se fraquejava !  
 ; Qual ousaria ensanguentar a dextra  
 Na mansa ovelha , da innocencia imagem ,  
 Que incapaz de offender , nunca rebelde  
 Aos brados do Pastor , seu proprio leite  
 Entre seus filhos e elle repartia ,  
 E até para cobril-o as lãs lhe-dava !  
 Lindos filhos do ar , ternos cantores ,  
 Que innocentes voais pelas florestas ,  
 Nos prazeres , no amor gastando a vida :  
 Filhos do Ceo , modelos , que adorâmos ,  
 Não temais habitar nos campos nossos.  
 Se o açor , se o talcão por estes sítios  
 Passar alguma vez , vinde , eu vos-peço ,  
 Vinde-vos esconder em nossos lares  
 De vossa timidez sacra guarida :  
 Se nos-virdes passar nos sítios , onde  
 Entre os ramos , á sombra vos-agrada  
 Divertir gorgeando a terna esposa ,  
 Que muda , e carinhosa esconde , e aquece  
 Entre as azas seus filhos pipilando ,  
 Se nos-virdes passar . . . ah ! por piedade  
 Não fujais , prosequi vossas cantigas ;  
 Sois como nós da Natureza filhos ;  
 A Mãe commum vos-deo a liberdade ,  
 Sustenta-vos , bem como nos-sustenta :  
 Sois fracos , tanto basta , e nós não somos  
 Nem tiranos , nem perfidos , nem baixos  
 Para abusar da força : ; é jus terrivel !  
 Se para vos-matar compete ao homem ,  
 Para o homem matar compete ao tigre.  
 Não : vivei entre nós , como entre amigos :

Somos todos irmãos : arcos , e setas ,  
 Redes , e visco , e sentimentos baixos  
 Não usa quem adora a Natureza :  
 ; Serião entre nós netandos crimes !

Se um dia á caça algum de nós ( os Deoses  
 Affastem para longe o agouro horrendo ),  
 Se um dia á caça algum de nós corresse ;  
 Coberto de suor , de sede extinto  
 Prasa aos Ceos que discorra os duros campos ;  
 Curve-o das armas o terrivel pêso ;  
 Não ache , onde empregar da morte as furias ;  
 Seus proprios cães os membros lhes-lacerem  
 Té que as entranhas vis ao Sol des-ubráo ,  
 E roto arqueije o coração perverso :  
 Semivivo , rugindo , ardendo em raiva  
 Entre penedos se-revolva , e espume :  
 C'os olhos ja sem luz , cheios da morte ,  
 Palido o rosto , ensanguentada a coma ,  
 Té que mugindo em subita voragem  
 Se-rasgue a terra ao detestavel pêso ,  
 E ao fundo o-arroje dos sulfureos lagos :  
 E se o malvado consumir seu crime ,  
 Se as mãos tingir no sangue do innocente ,  
 O rio onde correr para banhal-as ,  
 As ondas atrópelle , e volte á fonte ,  
 Fique attonito o monstro , e o leito sêcco ;  
 E quando sobre o fogo os miseraveis  
 Membros poser , que o sangue inda gotejão ,  
 Que inda tem no tremor de vida um resto ,  
 Tentando preparar lauta ignaria ,  
 Cheias de horror , e de piedade as chammas ,  
 Deixando intacto o funebre cadaver ,

Com medonho estampido abandonando  
 N'um momento seu lar , se-ergão aos ares  
 Para chover no algoz , tornal-o em cinzas.  
 ; Mas vá longe de nós o quadro intame!  
 Sômos frugaes , e simplicies ; e basta  
 Olhar-nos para ver nossa virtude.  
 Sim : que a lavrada seda , o ouro , as telas ,  
 E dos insanos Cortesãos a pompa  
 Não nos-ha de cubrir : no inverno algente ,  
 Contra os rigores da estação nublosa  
 Usaremos da lá , que nos-revista,  
 Sem que do artista a dextra insultadora  
 Lhe-desfigure a cor , lhe-mude o aspecto :  
 Se no Outono reinar do Inverno o frio  
 Voltaremos á lá : na Primavera  
 Basta o candido linho : em fim no Estio ,  
 ( ; Deixe-me em paz , ou seus ouvidos serre  
 Quem no corrupto coração fomenta  
 De prejuisos váos caterva infausta ! )  
 No Estio , Amigos meus : com vosco fallo ,  
 Seremos todos nus : rião-se embra  
 Os perver os , que ao vício costumados  
 Até na Natureza encontrão vício.  
 Sim , andaremos nus ; nus se-mostrarão  
 Os Pais , e as Máis do Mundo em tempos d'ouro ,  
 Nus vaguerão da America nos bosques  
 Da Natureza não corruptos filhos ,  
 Nem os-tinge o rubor , a cor do pejo ,  
 Que o pejo nasce , se a innocencia morre.  
 A Innocencia , a Verdade , as Graças bellas  
 Pintão-se nuas : nuas pelos bosques  
 Errão as Ninfas : d'entre as ondas nua

Venus saí de encantos rodeada :  
 Seu Filho, qual nasceo, se-mostra ainda :  
 E todos nós, fallai, e como nascemos ?  
 Quando depois de trabalhosas dores  
 Nos-cingem nossas Mães aos ternos peitos  
 e Tecidas vestes sobre nós encontrão ?  
 Não : se o tempo o-ex gr cubra-se o corpo,  
 Se o tempo o não requer : e porque insensatos,  
 Vãos, inuteis incommodos buscâmos ?

Eu vos-ouço pedir que vos-descreva  
 Os prazeres também, com que percisão  
 Da mocidade as horas matisar-se.  
 Não vos-falto, escutai-me ; e tu, Josino,  
 Senta-te ao lado meu, põe-me na fronte  
 Essa grinalda, com que agora brincas ;  
 E tu da nossa Chipre a rica raça  
 Da-me, querido Elmiro, e ouve-me attento  
 Apertando na dextra a dextra minha.

A musica suave, a dança, os versos,  
 Dos bons ditos o sal, carreiras, lutas,  
 Tecer grinaldas de campestres flores,  
 Fresco, e murmurio de Favonios, e água,  
 Os ternos sons de aligeros cantores,  
 Da Natureza o estudo, as graças d'ella,  
 As famosas manhãs, as bellas tardes,  
 e Passatempos não são ? Nas bellas noites  
 Iremos navegar pelo ribeiro  
 N'este mesmo batel : a branca Lua  
 Diante nos-irá para guiar-nos ;  
 Os ventos dormirão ôbre as montanhas ;  
 De um, d'outro lado as árvores ao longo  
 Das socegadas margens docemente



Se-ouvirão susurrar de quando em quando.  
 Entre as ondas envolto o brilhantismo  
 Do astro da noite ledó e scintillando  
 Se-verá na corrente em longa estrada.  
 Echos repetirão nossas cantigas;  
 D'entre um canavial a Philomela  
 Se-ouvirá gorgeando convidar-nos;  
 D'entre o limo, onde em coro estrepitoso  
 As rãs em sua riba vozearem,  
 Ouvindo-nos de perto, hão de assustadas  
 Erguer um pulo a se-esconder nas ondas,  
 Para ouvir sem receio os cantos nossos.  
 Com mil olhos de luz o Ceo da noite  
 De ver nossa alegria ha de alegrar-se.  
 Algum campestre Fauno, que aturdindo  
 Com voz immensa a silenciosa margem  
 Seus amores contar da fonte ás Ninfas  
 Seu canto estrugidor alguns momentos  
 Suspendirá de assombro arrebatado.  
 Se tivermos calor volta-se a prôa  
 Sobre uma ilhota de vermelha areia,  
 E encalhando o batel salta-se ás ondas:  
 N'uma noite encalmada um banho fresco  
 Nos-consola, e refaz: ali se-julga  
 Acima estar da Natureza o homem.  
 Vive em novo elemento, em cujo seio  
 Revestido se-crê de essencia nova.  
 Ao brando frio os membros pouco a pouco  
 Se-conformão, se-affazem, se-contentão.  
 Dissipa-se o tremor, e a voz anciada  
 Um momento depois se-raserena (1)

---

(1) Esta palavra é bella, mas ainda não



! Todo o vivo prazer então começa !  
 Ora apraz o nadar contra a corrente ,  
 Ora girar nas águas escondido ,  
 Ou c'os olhos na Lua ir descansado  
 Em parte occulto , em parte descoberto ,  
 De costas , ao som d'água , escorregando.  
 De quando em quando um se-ergue em pé no  
 fundo

Assemelhando o busto de uma estatua  
 De marmore polido , que se-eleva  
 Fronteira á Lua , e solitaria brilha ;  
 Os companheiros de redor o-cercão ,  
 E com muito clamor sôbre elle atirão  
 Co'as plantas , e co'as mãos ondas sôbre ondas.  
 Elle grita , elle ri , jura , e promette  
 De os-punir , de vingar-se ; então se-arroja  
 A's ondas outra vez , e os-segue , e os-urge ,  
 Chove sôbre elles desmedidas vagas :  
 C'ó festival combate o rio ferve ,  
 Perturba-se a corrente , os echos bradão.  
 ! Oh como é doce um banho entre mancebos!  
 Um ri contando uma engraçada história ,  
 Outro grita , outro canta , e todos folgão.  
 No fundo desigual talvez se-encontre  
 Dormindo alguma Naiade entre as conchas.  
 ; Sois mortaes ? ; e que importa ? humano é Paris ,  
 E' Paris um pastor , goza entretanto  
 Ternos abraços da immortal Enone ,

---

usada em Portuguez ; a nos a Lingua talvez  
 não a-recusará por que em todo o tempo se-  
 tem servido de palavras , e fórmulas da sua  
 irmã , a Italiana. L

Que deixa por gozal-o a propria fonte,  
 E vem sentar-se entre um rebanho humilde ;  
 ; E ai de vós se das Ninfas não moverdes  
 Os puros corações para a ternura !

Mulheres não as-ha nos campos nossos,  
 E vasia de amor a vida é nada.

Redobrai a atenção , pois devo agora  
 Fallar em baixa voz , porque receio  
 Que as formosas Mondagides me-escutem.

O mesmo coração , desejos , gostos ,  
 Que tem nossas mortaes no peito occultos ,  
 Tem as Ninfas tambem : ; de exemplos quantos  
 Se não pôde cingir esta verdade !

Sôbre as aras de Amor todas offrecem :  
 Os ais do adorador nenhuma offendem ,  
 Comprazem-se de ouvir que as-chamão bellas ,  
 E a glória presão de enxugar o pranto ,  
 O pranto que ellas sós nos-arrancárão.

Se nos-ouvem crueis , se esquivas fogem ,  
 E'por que insana lei de atroz costume  
 Lhes-ordena o-fugir , lhes-insinua

Que é delicto em seu sexo a Natureza :  
 ; Mas contra a Natureza em vão combatem  
 De cega educação fataes abusos !

A Mãi universal ou cedo , ou tarde  
 Vence , triunfa , e em seu triunfo obriga  
 A que puxe seu carro o melindroso ,  
 O sexo encantador ja manierado :

Todas oppõe a resistencia aos votos ,  
 Mas cumpre não ceder : por nós combatem  
 Seu mesmo coração , e a Natureza ,  
 Que auxilio inefficaz jamais nos-torão :

; E não sabeis que em quanto desdenhosas  
 De nossos ais parecem offendidas ,  
 Quaes se as-mordesse venenosa serpe ,  
 Tremem , receião , que ao temor cedamos ,  
 E frouxa timidez nos-furte as armas ?  
 Inda que ostentem rigoroso aspecto  
 Agrada-lhes a guerra , e eternos votos  
 Fazem a Amor para ficar vencidas :  
 Implorar-lhes perdão é ultrajal-as ,  
 Contra ellas ser audaz é ser lhes caro ;  
 E' dar-lhe os bens , poupando-lhe a vergonha ;  
 Mas a regra primeira , a grande , o tudo  
 Entre as regras de amor é o arteificio :  
 E' vasta a gradação de sentimentos  
 Da innocencia á ternura. Em cume altivo  
 De alta montanha . cujo aspecto assusta ,  
 Jaz da Ternura o Templo , onde cercada  
 Das graças , dos prazeres , dos amores ,  
 Encanta os corações benigna Venus :  
 E' forçoso galgar toda a montanha ,  
 Sobir de rocha em rocha , e p'rgo em p'rgo  
 Para se-entrar no deleitoso Alcaçar.  
 Quem pertender poupar um passo ao menos ,  
 Quem saltar pertender , perde o ja ganho ,  
 Para mais não surgir baqueia em terra.  
 Amor azas não tem , como se-pinta ;  
 A curtos passos devagar só anda.

Começaremos offeritando as Ninfas  
 Sôbre altares campestres levantados  
 Das árvores á sombra , ao pé das fontes ,  
 Ou nas grutas do fresco , ou sôbre outeiros ,  
 Festões , grinaldas , passarinhos , fructos ,

E capellas de busios, e de conchas,  
 Mais brilhantes, mais bellas do que o Iris:  
 Formaremos cantigas, em que aos echos  
 Dos campos entre a lida repitamos  
 As perfeições, os meritos, os nomes  
 Das Napeias, das Driades formosas,  
 Hamadriades, Naiades, e quantas  
 Filhas da Natureza a terra habitão,  
 Para formar com dextra occulta, e sábia  
 Do rustico o prazer, do vate o encanto:  
 Isto, e a nossa virtude, e a vida nossa  
 Laboriosa, honrada, alegre, e quasi  
 Igual á vida dos campestres Deoses,  
 Disposão para nós seu terno peito:  
 Talvez que pouco a pouco minorado  
 O casto susto de encontrar humanos,  
 Não fujão de mostrar-se a seus cantores.  
 Se eu descançar junto de um cedro antigo,  
 Ou de uma faia, ou reclinar a frente  
 Sôbre a raiz em parte descoberta  
 De uma oliveira, ou castanheiro antigo,  
 Darei graças á Driade, que habita  
 No tronco bemfeitor, que me-faz sombra;  
 E d'elle a amavel Driade saindo  
 Virá sentar-se ao lado meu na relva.

Depois que pouco, e pouco transformado  
 Se-houver em confiança o pejo, o susto,  
 Mudaremos de estilo: em nossos versos,  
 E só, e de contínuo a formosura  
 Em fogo nos-porá do estio as azas:  
 Hão de sorrir-se, e comprazer-se, e muitas  
 Suspendarão em seu caminho os passos.

E' lei sem excepção ; domina em todas  
 A sêde , a glória de chamar-se bellas ;  
 Mas bellas tão somente haveis chamal-as ,  
 Sem fallar-lhes de amar : depois de afeitadas  
 A ouvir a narração de seus encantos ,  
 Dizei-lhes que por certo as rochas mesmas ,  
 Os troncos , e o cristal das frias águas  
 Ardem cativos de bellezas tantas ;  
 Que o Sol com mais prazer detem seus olhos  
 Nos campos d'ellas , só por ver seus rostos.  
 Se virdes que um sorriso gracioso  
 Vos-recompensa o canto , audacia , Amigos ,  
 Avante um passo , e n'este passo cumpre  
 O segrêdo buscar : desde esse instante  
 Não lhes-falleis diante das mais Nintas ;  
 Buscai até que os Socios vos não ouçam .

Suppõe tu , caro Antonio , encontrar-te ,  
 ( E'sta supposição perdoe Alcippe ) ,  
 N'um bosque solitario , onde vagueia  
 Quem te-faz delirar em novo incendio .  
 Se ella está pensativa , ¡ ó venturoso  
 O objecto , lhe-dirás , em que se-occupa  
 Tua imaginação , formosa Ninta !  
 Se eu o-fosse ... ¡ ai de mim ! ; porque revolvo  
 Loucas esp'ranças , se chorar só devo ?  
 Se a-vires sôbre o espêlho da cascata  
 Com brancas rosas concertando as tranças ,  
 Qual sôbre o teu ribeiro o-faz Alcippe ,  
 Feliz Rainha das mimosas flores ,  
 Feliz rosa , dirás , inda que perdes  
 Ao pé das graças d'ella as graças tuas .  
 Se poser sôbre o seio as melindrosas



Roxas flores de amor, dirás, ; que inveja!  
 ; Por ser vós um momento eu dera a vida!  
 Mas isto em meia voz para que julgue  
 Que não é por te ouvir que assim fallaste.  
 ; Não se-irritou? prosegue, e aproximando,  
 Permite-me, dirás com ar ingenuo,  
 Cheio de timidez, permite, ó Ninfa,  
 Que eu te-torne mais bella, e te-componha  
 Essas flores, que um pouco se-desmandão:  
 Se ella o-permite, a occasião não percas,  
 Se ella hesita e se-cala, não recusa;  
 Compõe-lhe o ornato no formoso seio,  
 E sorrindo, lhe-dize, ;alguem no mundo  
 Existe que não ame as proprias obras?  
 ; E'sta obra, que findei, me-agrada tanto!...  
 N'isto beija-lhe o seio, e deixa as flores.  
 D'aqui ávante o mar é ja tranquillo,  
 Propicio o vento, e mui visinho o porto;  
 Ja de piloto o lenho não carece.  
 Quanto offerece amor tudo é ja vosso.

Ja vejo sobre os Geos dos nossos campos  
 Todo o dia brincando em roseo coche  
 Pelas pombas tirada a amavel Cipria:  
 Coroada de louro, eil-a contente  
 Entre palmas, que sombra lhe-derramão;  
 Eil-a por toda a parte sacudindo  
 Do misterioso Cinto encantos, gostos,  
 Delicias, tudo em fim que obriga a Jove  
 Mudado em branco cisne, ou chuva d'ouro,  
 A trocar pela terra o sacro Olimpo.  
 Desde então mais ditosa é nossa Aldeia,  
 Mais risinhos seus bellos arrabaldes:



Ha misterios de amor em qualquer gruta ;  
Em qualquer solidão brincão prazeres.

; Eis os fructos de amor , que desabrochão !  
Ja os-vejo das bellas entre os braços ,  
Qual pequeno botão nascido apenas  
Da rosa ja perfeita ao lado brilha.

; Eil-as co'o proprio leite a sustental-os !  
Taes como descreveo nos magos versos  
Francilia Musa de meu patrio rio

A doce amiga sustentando o filho ,  
“Igual a Venus com amor nos braços.”

Eu as-vejo , depois de affagos ternos ,  
Roubar ao corpo os cintos azulados ,  
Em dous troncos prender as pontas ambas ,  
Abril-os , deitar dentro entre mil flores ,  
Depois de o-ter beijado , o tenro infante  
Para ser dos Favonios embalado.

Eu as-vejo nos troncos encostar-se  
Co'as mãos na face , e os olhos no innocente ,  
Juntando aos sons das aves em seu ninho  
Ternos cantos , que os filhos adormeçáo.

Ja co'a turba infantil recresce a Aldeia ,  
Succedem ao silencio alegres brincos ,  
Gostosos passatempos se-preparáo ,  
De nossos bens o número se-augmenta.  
Vai crescendo em razão , crescendo em forças  
E'sta prole feliz , que os Ciprios valles  
Como os Amores , como as Graças , honta.  
Creados longe do tropel das Cortes  
Puros no coração , que ninguem busca  
Semeiar de illusões , de prejuizos ,  
Educados na paz , sem ver tiranos

Sem ouvir discorrer pedantes sabios,  
 Te das Sciencias ignorando os nomes,  
 Terão destinos, que excedendo os nossos,  
 Não terão que invejar os puros dias,  
 Que cegamente se nomeião d'ouro.  
 ; D'ouro ! ; ai d'elles se o ouro entrão se-visse !  
 Mais nocivo que o ferro, a bêmfazeja  
 Terra o-somío nas maternaes entranhas,  
 Sôbre leitos de palido veneno :  
 Quando o genio do mal o-trouxe ao dia,  
 Cheias de assombro, de tropel correndo,  
 Assustadas gtitando, em praistro envoltas  
 Fugirão co'a justiça almas virtudes ;  
 E pelas fundas minas, que o-guardavão,  
 E ao ferro da avidez rasgadas torão,  
 Surgio do patrio inferno a perseguir-nos  
 Chusma de vicios, e raivosas furias,  
 Que os viciõs inspirando, os vicios punem.  
 Se alguma vez os descendentes nossos  
 Quando a terra pacificos romperem  
 Co'a dura relha de tardio arado,  
 Encontrarem c'o ouro, um grito soltem ;  
 A Aldeia se-reuna ardendo em raiva,  
 Qual se dos bosques fervido saisse,  
 Igual ao raio, o bruto d'Erinantho ;  
 E o palido fulgor da massa infesta  
 Vão longe sepultir nos verdes mares :  
 "Monstro contrário a nós, se devorado  
 Pelo monstro do mar, que em furia vences,,  
 Dirão todos em chusma ; e socegados  
 Tornarão a lavrar seus ferteis campos.  
 ; Que idcia pelo espirito me-adeja

Cheia de luz, de encantos rodeiada !  
 Já vejo pelos ares scintillando  
 Os fachos de Himeneo (1); já pelas ruas  
 Vestidos de alvo linho, e coroados  
 De fresca mangerona os moços correm !  
 O'Himeneo ! Vem Himeneo, gritando ;  
 O'Himeneo ! vem Himeneo, respondem  
 Os campos d'echo em echo ; e pelas casas ,

(1) A união de homens e Ninfas não podia ser considerada como um casamento. É aqui que eu devia tratar do Himeneo, que para o futuro ligasse os filhos e filhas da nossa Aldeia. Poderão á vista d'esta passagem julgar-me sectário do Mahometismo; mas note-se que este Poema está muito longe de dever ser considerado como Didactico; que toda esta Republica de Chipre é meramente um Dithirambo, aonde a licença do Poeta é muito mais ampla do que em outro qualquer genero de poesia; que esta sociedade que deve constituir a Republica é de Poetas, homens de quem se-diz vulgarmente que se-dão mais ao prazer que á razão; que é um Poeta em cuja boca se-põe o discurso recitado no Templo; e que nada ha mais natural do que fazer de um Poeta um inconstanté, e um defensor da inconstancia. Para os homens de bom senso será inutil esta Nota, mas para os fanaticos, que ignorão que tudo pôde ceder por alguns momentos o tablado á Musa do Dithirambo, é indispensavel.

Cheias de gosto, e de esperança as virgens  
 Vem Himeneo, ó Himeneo, repetem.  
 As ruas de verdura estão forradas,  
 Listões de flores coroando as portas  
 Enchem os ares de confuso cheiro:  
 E os meninos, que as causas não percebem  
 Do confuso prazer, vão transportados  
 Correndo em chusmas, e batendo as palmas  
 Gritando, ó Himeneo. ; La desce, e poussa  
 O Nume sôbre o altar da Cipria Deosa!  
 O venturoso par lá vai sobindo  
 Por entre a multidão, que attenta o-medeo  
 ; La chega ao sítio destinado aos votos!  
 Sacerdotes não hã: da Aldeia os velhos  
 Os-cercão de redor: ; la se-abraçarão! . . . .  
 ; E'curto o voto seu! „ Juro adorar-te  
 Em quanto o doce amor tiver no peito. “  
 Unindo o peito ao peito, e face á face  
 Depois se-beijarão por largo tempo;  
 E o Nume da alliança, o carinhoso  
 Filho de Urania os-cingirá de mirtos,  
 Que de Venus, e Amor as frentes ornão.  
 Depois algum de nós se-erga c'roado  
 Para fallar d'êsta maneira ao povo.  
 „ Nasceo Amor para encantar os homens,  
 Não para ser dos corações tirano;  
 Menino ama o brincar, e quer ser livre,  
 Cura o tempo as feridas que elle tórma:  
 Depois de alto clarão, que cega os olhos  
 Seu facho pouco, e pouco enfraquecendo  
 Vem por fim a apagar-se: a Natureza,  
 Nada produz que não succumba á morte.  
 Os animaes, as flores, os arbustos

Tem curta duração. Vai manso , e manso  
 O tempo destruindo altas montanhas ;  
 Gasta-se o escolho c'ò bater das ondas ;  
 Succede a Lua ao Sol , a noite o dia ,  
 Uma estação perece , outra renasce.

Tudo é mortal na terra , e mais que tudo  
 As humanas paixões insulta a morte :  
 Succede ao riso o pranto ; á dor prazeres ;  
 Ao odio amor ; ao terno amor a raiva.  
 Eu vi moraes affectos n'um só dia  
 Nascer , e terminar , qual nasce , e murcha  
 N'um só dia de Abril a rubra rosa.  
 Ditoso par ! amai-vos extremosos  
 Em quanto a Natureza vos-consinta ,  
 ; E oxalá que o-consinta em largos annos !  
 E oxalá que de vós o que entre os mortos  
 Primeiro descansar , sinta regadas  
 Pelos olhos do sócio as proprias cinzas !  
 Feliz quem n'um só fogo arde constante :  
 Feliz. . . ; mas raro como os negros cisnes !  
 ; E ha loucos , e ha perversos , que ante as Aras  
 Jurem guardar uma constancia eterna ?  
 Cegos , que a Natureza desconhecem ,  
 Ou zombão d'ella escarnecendo os votos.  
 Jurão-se amar sem fim , ; e ou tarde , ou cedo  
 Sem fim , e sem remorsos se-detestão !  
 ; Jurão-se amar sem fim ! Mal que resoa  
 Debaixo das abobadas o voto ,  
 Calcando o arco aos pés com ar maligno  
 O pobre Amor retira-se chorando  
 D'esta affronta cruel ; pois sua glória ,  
 Seu prazer , e seu timbre é ser voluvel.



Crepitando em faiscas derradeiras  
 Se-apaga o facho, que debalde agita,  
 E em tórno espalha venenoso fumo,  
 Fumo, que obriga a lágrimas eternas.  
 Entre pios e agouros desgraçados  
 Ao leito nupcial os-acompanha  
 Entre alegre, e assustada a meiga Venus.  
 Co'as serpes do cabello desgrenhadas,  
 Mas inda sem silvar, detraz os-segue  
 Impaciente a rabida Discordia.  
 De flores se-coroa a lauta meza,  
 Voão-lhe em roda as graças, e o falerno,  
 E riso, e confusão de encantos cheia.  
 Mas ah! cedo os pesares, e os suspiros,  
 A desesperação, e as vãs querelas,  
 E a desordem, e as lágrimas rodeião  
 Os lares do prazer, e a scena infausta  
 Não rara vez negro punhal termina;  
 E a viuvez, e o luto envolve o leito:  
 Mas vós, ditoso par, vós, cujos labios  
 Não proferirão temerario voto,  
 Folgai, vivei nos braços da ternura,  
 Melindrosa ternura, que não morre  
 Se lhe não lanção vergonhoso jugo.  
 Para amar-vos fieis por largo tempo  
 Sede amaveis, ou sede virtuosos,  
 Porque a doce virtude é sempre amavel.  
 Se o fogo se-acabar voltaí ao Templo  
 A prender novo objecto em novos laços. “  
 Ouvindo este discurso o povo inteiro  
 O-applaude em baixa voz, e á Mãe das graças  
 Se-canta o himno, em que remata a Festa.



O resto d'este dia é dado aos jogos,  
Gasta-se a noite á roda das fogueiras  
Em musicas, e em danças variadas.

! Engano-me ! ; ou queixosa a Natureza  
Escuto suspirar ? ; não , não me-engano !  
Ella suspira , e pede-nos vingança  
D'outra injustiça , que lhe-faz o Mundo.  
Ouvi , e concordai : sabeis que muito  
Em número nos-vence o amavel sexo.  
Se a Mãi universal não gera um ente ,  
Que não consagre a Amor ; e a lei sagrada ,  
Que obriga a propagar a propria especie ,  
E lei universal , que abrange a todos ,  
; Com que jus , por que horrenda tirania  
Privadas d'Himeneo suspirão tantas ?  
Não : cada esposo esposas enumere  
Té que uma só sem thalamo não fique :  
Todas d'est'arte vivirão contentes ;  
A honra de ser Mãi pertence a todas ;  
Cresce a Aldeia , não brada a Natureza :  
Intamadas não são as que procurão  
Os prazeres de amar , de ser amadas.  
Não se-ouvirá que um barbaro veneno  
Dera a mãi a seu filho inda em seu ventre ;  
Ou que um terreo punhal , ou laço intimo  
Logo ao nascer lhe-terminou seus dias ;  
Nem Venus corará vendo offertar-se  
De ternura venal corruptos mimos.

! Quão bellos correrão nossos momentos !  
Longe , e tão longe dos polidos povos ,  
Quasi Numes na vida encantadora ,  
Até na duração quasi seremos

Rivaes do povo habitador do Elísio.  
 O fio d'ouro da existencia nossa  
 Inteiro volverão no fuso as Parcas;  
 Com pé tardío a inevitavel Deosa,  
 Que o Mundo despovoa, e bebe o pranto,  
 E acompanha a saudade entre os ciprestes,  
 Sem terror, e sem foice, e até sorrindo,  
 Sem que a-precedão seus fataes ministros  
 Nos-levará de manso, e a curtos passos  
 Coroados de cás para o sepulcro.  
 Mas, amigos, ; quem sabe ! As Ciprias Ninfas,  
 Se o Fado o não tolher, talvez nos-mostrem  
 A verde planta, que ao ceruleo Reino  
 Deo mais um Nume, transformando a Glaucó.  
 Semi-deoses então, nos-tornaremos  
 De nossa Aldeia os sacros protectores:  
 Mas não: a lei da morte é lei terrivel,  
 Que rara vez os Numes quebrantárão.  
 ; E' forçoso morrer ! .. ; Longe os temores !  
 ; E' forçoso morrer ! ; morra-se embora !  
 ; Não faltaráo dulcissimos transportes,  
 Prazeres, e ternura ao lance extremo :  
 Sôbre o funereo leito o moribundo,  
 Já sem cor, já sem fôrça, e quasi extincta  
 Em seus olhos a luz, e a voz nos labios,  
 Erguendo a fraca dextra acena, e chama  
 Cadaum junto a si ; vai despedir-se  
 Para o somno sem fim: sôbre as heranças  
 ; Que ha de recommendar se não tem nada !  
 Nada excepto a virtude, e os instrumentos,  
 Com que a terra lavrou. Sua cabana  
 Vai ter outro senhor ; as flores suas

Reclamão no jardim desde este instante  
D'outro cultor a provida tutela.

; D'outro ! sim ; cuja mão todos os dias  
Irá de madrugada aos sacros manes  
Pendurar sôbre o tumulto orvalhado  
Uma grinalda de orvalhadas flores.

Elle atre inda uma vez seus froxos olhos ,  
Onde começa a derramar-se a noite ,  
E de seus labios tremulos , por onde  
Ja põe a morte sua mão gelada  
Sólta cheio de affecto a voz , que espira ,  
E seus amigos , e seus filhos chama :  
Os seus amigos mudamente o-cercão ,  
E não mostrar-lhe as lágrimas procurão :  
A' luz da frouxa alampada contemplão  
Quanto a hora fatal ja se-approxima.  
E seus filhos pequenos entretanto  
N'um canto da cabana estão sentados ;  
Dos amigos no gesto , e nas maneiras  
Ler seu destino impacientes buscão ,  
E attonitos , e tristes nem se-atrevem  
A fallar , a fazer qualquer pergunta  
Porque os não lancem d'este sitio fóra :  
Mas olhão-se entre si co'um ar tão meigo ,  
Tão innocente , e triste que podéra  
Destazer de piedade a propria Morte ,  
Se o Fado não contasse os nossos dias.  
Sen Pai , que os-adorou , quer inda vê-los ,  
Quer-lhes lançar a derradeira benção ,  
Ver seu pranto , gozar dos seus affagos ,  
Quer chamal-os : a voz faltou de todo ,  
E deixando cair de lado o rosto

Soltoy da vida o derradeiro arranco.  
 Ao profundo silencio altos clamores  
 Succedem n'um momento, e o pranto, e os gritos  
 Por toda a parte na cabana sôão.  
 Os meninos confusos se-levantão ,  
 Ouvem a nova , attentão no cadaver ,  
 Gritão , fogem convulsos , aterrados ,  
 Ouriçado o cabello , o sangue frio ,  
 Palido o rosto , e vacillante o passo :  
 Fogem para o jardim , por onde os-segue  
 A imagem de seu Pai , no susto envolta :  
 Qual o-viráo ha pouco , o-tem consigo ;  
 Dos parreiraes as sombras os-perturbão ,  
 Vem nos troncos das árvores fantasmas :  
 Vão buscar o luar do rio á borda ;  
 Mas lembrão-se que ali todas as noites  
 Passeiavão com elle : ésta lembrança  
 Os-torna a perseguir ; e em tudo encontrão  
 De um pai tão caro o aspecto , que os-assusta.

Pela Aldeia se-espalha a infausta nova ,  
 ; E parece que a morte em cada casa  
 Arvorára um troteo ! Domina em todos  
 A dor , que se destaz em pranto , e gritos :  
 Dir-se-hia que furioso , insuperavel  
 Ia de tecto em tecto um vasto incendio ;  
 Cujó clarão de fumo rodeiado  
 Enchia largamente o Ceo da noite  
 Para mostrar a universal ruina.  
 Depois que um pouco em lugubres transportes  
 A dor se-evaporou : por toda a parte  
 Soão louvores do chorado amigo :  
 Cadaum lhe-descreve uma virtude ,

E de cada virtude exemplos contão ,  
Tão claros , tantos , que exceder bem podem  
Em brilhantismo , em número as estrellas.

O Justo dorme em paz : mas entretanto  
Ninguém dorme na Aldeia. Ouvio-se o gallo  
Cantar , quando expirou da noite em meio :  
Torna o gallo a cantar na madrugada ,  
; E em contínua vigilia discorrêrão  
As longas horas , que á manhã precedem !  
Torna o gallo a cantar na madrugada ;  
A Aurora quer nascer , enchem-se os ares  
De uma luz , que ao luar excede um pouco.  
Do ninho suspendido em nossos rectos  
A andorinha ja sae ; vôa cantando  
Detronte agora das janellas nossas  
Para nos saudar , pois entra o dia.  
Ja dos Ceos pelos fluidos espaços  
Circula a corovia , que não cança  
No longo canto , ou desmedido vôo :  
Ja o rumor das árvores , e fontes ,  
Que da noite na paz costuma ouvir-se ,  
Vai fugindo com as trémulas estrellas :  
Torna a alegria ao Mundo , e ao campo as cores.  
Mas a alegria d'entre nós se-affasta ,  
Os campos todos para nós tem luto :  
Ja se-ouvem resoar da Aldeia as portas :  
Ja sae , ja se-reune o povo inteiro ;  
O ar de meditação domina em todos ,  
Todos trazem de pranto rociadas  
As recentes grinaldas , que tecêrão.  
Em plantas aromaticas envolto

Do alvergue, outr'ora seu, la vem saindo  
 O deplorado amigo; ao caro pêso  
 Submettem quatro os hombros vigorosos.  
 ; Bençãos, bençãos ao Justo, em cujo aspecto  
 Por entre a palidez se-mostra ainda  
 O ar d'innocencia, os sentimentos puros!  
 A lenta marcha ao número piedoso  
 Rompem com baixo tom sonoras flautas,  
 Concertos melancolicos formando,  
 Que de triste prazer o peito agitação.  
 Após ellas o funebre cadaver  
 Dos Anciãos vai precedendo a turba,  
 Que a fronte baixa, os olhos sôbre a terra  
 Vão suspirando, e a vista lacrimosa  
 Lanção de quando em quando ao doce amigo;  
 Que os-precedeo na região da morte:  
 Após estes, modestos se-confundem  
 Os mancebos de teixo coroados,  
 Co'as bellas raparigas, que parecem  
 Mais formosas co'a languida tristeza:  
 Elles cantão em coro aos longos echos  
 O como a quanto existe abrange a morte;  
 Ellas em tom mais doce a voz levantão  
 Para mostrar como a existencia curta  
 De prazeres doirar-se ao menos deve:  
 Vão depois os meninos innocentes  
 De ambos os sexos em confuso bando;  
 Levão em suas mãos para o sepulcro  
 Pequenas oblações, pomos, e flores,  
 Taças de leite, e mel, de vinho, e d'água  
 Tomada em viva fonte antes da Aurora,



E de barro thuribulos não grandes.  
 Já se-chega ao lugar sagrado a morte :  
 E' um valle sombrio , onde se-abração  
 Mil árvores diversas , onde habitão  
 Meigas filhas do Ceo , canoras aves :  
 Reveste fresca relva a terra fria ,  
 Palido musgo os carcomidos troncos :  
 Aqui frescos Favonios adejando  
 Pelas folhudas grimpas , docemente  
 Só se-ouvem suspirar ; aqui mais terna  
 Derrama a Aurora o pranto matutino.  
 Mais terna geme a rola , e mais delirios  
 Na alma gera o luar por estes campos :  
 E' techado o lugar de mil rochedos  
 Por onde algumas fontes se-derivão  
 Com tacito rumor , que inspira os somnos :  
 Pelas profundas , tenebrosas grutas ,  
 E sôbre os agudissimos rochedos  
 Cre-se ver , e escutar sagrados manes ,  
 Em froxa voz , que as auras assemelha ,  
 Cantando os gostos da passada vida :  
 Lá não geme a coruja , ou pia o mocho :  
 Reina em vez do terror branda saudade ,  
 Terna melancolia , encanto , enlêvo  
 Dos corações , das almas bem nascidas.  
 Que estrondo é este pelo chão da morte ?  
 São as ferreas enchadas , que se-aternão  
 Para formar do eterno somno o leito :  
 ; Agora cresce a dor na despedida !  
 Lá chega , lá se-arroja , lá se-esconde  
 Da Mãi universal no seio um filho :

; Paz ao homem de bem ! dizem de rodà  
 Os velhos , e retirão-se chorando :  
 Leve te-seja a terra , os moços gritão ,  
 E partem derramando-lhe folhagem .  
 Chega a turba infantil , seus dons off'rece ,  
 E vai juntar-se á multidão , que torna  
 Aos trabalhos de novo á sua Aldeia .

Mas ah ! ; qual d'entre nós terá primeiro ,  
 Caros amigos , de techar seus dias ?  
 ; Quaes choraráõ no tumulto selvagem ?  
 Talvez eu vos-preceda , e vá primeiro  
 Ver na Tenarea porta o Cão tritauce ,  
 Na Estigie nebulosa a barca horrenda ,  
 E do Elisio paiz os gratos campos ,  
 La onde os Vates do Universo inteiro ,  
 Já Numes , em Republica se-unirão .

Mas não pensemos n'isto : é Maio agora  
 Que devemos cantar : nós o-jurámos  
 No Altar da Primavera ; e eu não pretendo  
 Ser perjuro , e negar o culto aos Deoses .

Recomponde na frente as vossas c'roas ;  
 Ergamo-nos , enchei de vinho as taças ;  
 E ante o Ceo , ante a Lua , que nos-nuve ,  
 Entre os Favonios , e as formosas Ninfas ,  
 Que escondidas nas ondas nos-rodeião ,  
 Saudemos novamente o alegre Maio ,  
 Jurando que desde hoje em nossas liras  
 Ha de escutar cada anno os seus louvores .

O' Maio , eu fallo , escuta-me : por este  
 Licor de Bassareo , que me-arrebata ,  
 Pelos Filhos gentís da branca Leda ,

Que pela mão a nós te-conduzirão ,  
Por tuas flores, com que estou soberbo ,  
Por tuas fontes, Zephiros, e bosques ,  
Por teu Ceo gracioso, e por ti mesmo ,  
E pela tua amiga, a minha Musa ,  
Juro de consagrar em quanto eu viva  
Todo o teu Mez ao teu leuvor, e ás Festas.

F I M.











